

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO**

PALOMA SANTOS ÁVILA

**A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE NO INSTAGRAM:
uma análise dos perfis “Mãe de Sete” e “A Maternidade”**

Monografia

Mariana
2018

PALOMA SANTOS ÁVILA

**A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE NO INSTAGRAM:
uma análise dos perfis “Mãe de Sete” e “A Maternidade”**

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da
Universidade Federal de Ouro Preto como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Tamires Ferreira Coêlho

Mariana
2018

Catálogo na fonte elaborada pelo bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. 1407

A958c Ávila, Paloma Santos

A construção da maternidade no Instagram [recurso eletrônico] : uma análise dos perfis "Mãe de Sete" e "A Maternidade" / Paloma Santos Ávila.-Mariana, MG, 2018.

1 CD-ROM; 4 3/4 pol.

TCC (graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018

1. Maternidade - Teses. 2. MEM. 3. Amamentação - Teses. 4. Monografia. 5. Puerperio - Teses. 6. Trabalho - Análise - Teses. 7. Genero - Teses. I.Coelho, Tamires Ferreira. II.Universidade Federal de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 007

: 15

: 1419878

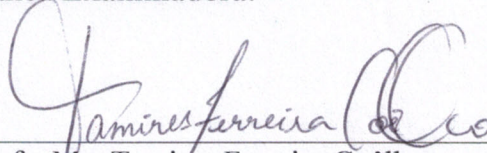
Paloma Santos Ávila

Curso de Jornalismo – UFOP

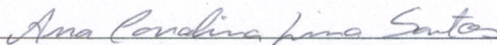
A construção da maternidade no Instagram:
uma análise dos perfis “Mãe de Sete” e “A Maternidade”

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Me. Tamires Ferreira Coêlho.

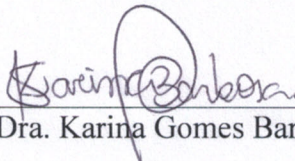
Banca Examinadora:



Profa. Me. Tamires Ferreira Coêlho



Profa. Ana Carolina Lima Santos



Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa

Mariana, 15 de fevereiro de 2018.

A Deus, pela fé, força e coragem,
por sempre olhar por mim com compaixão.
À minha mãe e seu amor infinito, caridade e paciência,
por me encorajar e acreditar na minha capacidade.
Ao meu pai e sua garra, por dar asas aos meus sonhos,
por todo incentivo, oportunidade e confiança.
Ao Marcio, pela cumplicidade e companheirismo,
pela intensidade de todos estes anos.
À minha filha, pelo renascimento,
por ser minha inspiração, razão e emoção.
A todas as mães,
guerreiras, empoderadas e reais.
Nós sabemos da sua luta.
Em frente, enfrente!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas incontáveis graças em minha vida, por me manter forte na tripla jornada de estudante, profissional e mãe. Por me dar a oportunidade de acertar, mesmo errando de novo, e outra vez. Por me mostrar que sou capaz e que, na busca pela realização, independente de quais áreas da vida, só depende de mim. “Tudo posso Naquele que me fortalece” (Filipenses 4:13).

Aos meus pais, Débora e Luiz Carlos, por serem mais do que eu sempre precisei. Por me apoiarem incondicionalmente, me proporcionarem experiências únicas e maravilhosas, pelo suporte em toda minha vida, principalmente, durante a gestação e na maternidade. Obrigada pela força e amor, sobretudo, pela tolerância na conclusão desta etapa.

Ao Marcio, meu namorado, melhor amigo e pai da minha filha, pelo companheirismo, compreensão, amor e carinho. Por me apoiar em todas as minhas decisões, estar presente nos tropeços, desafios e vitórias.

À minha filha, Manuella, por me escolher e me fazer renascer mãe. Por me ensinar tantas coisas e mostrar que ainda tenho muito a aprender. Por me fazer valorizar os pequenos gestos e momentos. Por mostrar que o amor é a força vital mais forte que existe no mundo e que, com ele, moveremos montanhas.

À minha família pelo amparo e suporte em todos os momentos que precisei.

À minha orientadora, Tamires Coêlho, por ter me acolhido. Por aceitar ser minha orientadora diante de todas as adversidades, pela confiança, encorajamento, generosidade, paciência e por acreditar em mim e no meu trabalho. Você foi fundamental neste processo.

Aos meus amigos queridos de Mariana e Barra Mansa, pelo incentivo e torcida em chegar até aqui, superando todos os obstáculos do percurso.

Ao corpo docente do curso de Jornalismo da Ufop, por compartilhar sua sabedoria, pela troca de experiências, por despertar meu interesse para diversos assuntos e aguçar meus sentidos.

Ao curso de Jornalismo, por superar minhas expectativas e mostrar infinitos caminhos para os quais não imaginava ter aptidão.

À Ufop, pelo ensino gratuito e de qualidade.

“Alô revistas, blogs e perfis no Instagram: quando nasce um filho, não nasce uma mãe em busca do corpo perfeito. Não importa quantos quilos você ganhou e nem em quanto tempo vai perder.

Isso, na verdade, é o que menos interessa depois que um filho nasce. Alerta de spoiler: a sua barriga vai ficar mole e pendurada, seu peito vai ficar quente e cheio de leite (se a Deusa quiser!) e seu cheiro vai ficar misturado com aquele azedinho do bebê, que tem toques de gofo, leite e suor e você vai achar isso lindo. Quando nasce um bebê, nasce uma mãe que vai precisar de ajuda para entender tudo o que está acontecendo com ela, inclusive, as mudanças desse corpo.

Quando nasce uma mãe, não nasce uma dieta. Não nasce uma empreendedora, não nasce uma felicidade. Pelo contrário: nasce um vazio. Um medo gigante. Quando nasce uma mãe, não nasce uma cozinheira de papinhas orgânicas, não nasce uma artesã, não nasce uma youtuber querendo compartilhar tudo o que está acontecendo.

[...] vamos olhar com mais amor para uma mulher que dá a luz. Isso pode gerar uma corrente de amor, forte e poderosa, que transforma esses primeiros meses em algo menos doloroso ou solitário. Isso pode encorajar mulheres a contarem suas histórias e assim, serem espelhos para outras. Porque o bom, é que tudo isso passa”.

Lua Fonseca - @luabfonseca

RESUMO

A maternidade virtual é um objeto de estudo ainda recente. As redes sociais têm proporcionado espaços virtuais de apoio, informação e suporte emocional para mães. O presente trabalho tem por finalidade refletir sobre o Instagram como meio de comunicação digital para discutir a imagem da mãe perfeita, idealizada no ambiente das redes sociais. Buscamos refletir a construção de maternidade no Instagram a partir da análise comparativa de conteúdo dos perfis @maedesete e @a.maternidade. Delimitamos três categorias para serem verificadas mais profundamente: o puerpério, o aleitamento materno e a divisão sexual do trabalho. Dessa forma, a pesquisa possibilita a compreensão dos valores atribuídos à maternidade, da construção identitária do feminino, além das relações de gênero. Esperamos que essas reflexões sobre a maternidade no Instagram possam contribuir para um olhar analítico acerca daquilo que está disponível, é compartilhado e como pode ser recebido nas redes, como também para a importância do papel social da mãe atrelado à romantização do maternar direcionada à mulher.

Palavras-chave: Instagram; Maternidade; Aleitamento materno; Puerpério; Divisão sexual do trabalho.

ABSTRACT

Virtual maternity is a rather recent object of study. Social networks have provided virtual backing spaces with information and emotional support for mothers. The present work aims at reflecting on Instagram as a digital communication media to discuss the image of the perfect mother, idealized at social network environments. We seek to reflect the construction of maternity in Instagram comparatively analyzing the content of the profiles @maedesete and @a.maternidade. We narrowed down to three categories to be deeply checked: the puerperium, breastfeeding and the sexual division of labor. In this way, the research makes it possible to understand the values attributed to motherhood, the identity construction of the feminine, besides the gender relations. We hope that these reflections on motherhood on Instagram can contribute to an analytical look about what is available, shared, and how it is received on the networks; as well as to the importance of the social role of the mother tied to the romanticization of the maternal to the woman.

Keywords: Instagram; Maternity; Breastfeeding; Puerperium; Sexual division of labor.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 INSTAGRAM	11
2.1 Mãe de Sete, por Julyana Mendes.....	20
2.2 A Maternidade, por Rafaela Carvalho	34
3 MATERNIDADE, CUIDADO E TRABALHO.....	42
3.1 A sociabilidade capitalista: o processo de produção e reprodução do ser social	43
3.2 Os significados da maternidade e as funções atribuídas à mulher	45
3.3 A mulher e a divisão sexual do trabalho: limites no marco do capitalismo.....	49
4 METODOLOGIA.....	52
5 ANÁLISES	56
5.1 Puerpério	56
5.2 Aleitamento Materno	70
5.3 Divisão Sexual do Trabalho	84
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICE A – MODELO DE QUESTIONÁRIO	109
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO POR RAFAELA CARVALHO.....	111

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade refletir sobre o Instagram como meio de comunicação digital para discutir a imagem da mãe perfeita, idealizada no ambiente das redes sociais. Dado que o Instagram tem mostrado a crescente participação de mães que buscam por apoio, informação e suporte emocional, discutindo e abordando diferentes assuntos sobre o maternar, optamos por compreender a construção de maternidade a partir da análise comparativa de conteúdo dos perfis @maedesete e @a.maternidade.

Julyana Mendes é fundadora do canal “Mãe de Sete”, do projeto #empoderandomaes e do “Mãe de Sete Convida”, tornando-se palestrante após o sucesso em suas redes sociais. Mãe de sete filhos em tempo integral, frutos de 3 relacionamentos, começou a usar seu perfil de forma empresarial em meados de 2015 para falar sobre assuntos voltados para a maternidade. Após a conquista de credibilidade e visibilidade, ela se tornou uma webcelebridade voltada para este nicho, também considerada digital influencer¹.

Rafaela Carvalho, por sua vez, é a idealizadora do perfil “A Maternidade”, criado especificamente para falar sobre a maternidade. A blogueira vive em San Diego, na Califórnia, é mãe de 3 filhos e, neste momento, está esperando o quarto. Dedicou-se a ser mãe, esposa, blogueira, escritora e freelancer. Após a repercussão dos seus textos na rede, viu a oportunidade de reuni-los, criar novos e lançar seu livro *60 dias de neblina*. Segundo ela, o livro fala sobre “A Maternidade, em todas as suas fases, o amor, o caos e todo o resto, narrados de uma forma que você nunca viu” (CARVALHO, 2017).

Os objetivos específicos foram: compreender os sentidos de maternidade presentes nos canais propostos, sobretudo atrelados ao puerpério, ao aleitamento materno e à divisão sexual do trabalho; analisar e comparar a utilização da plataforma do Instagram, ressaltando similaridades e diferenças; e, ainda, analisar o tipo de conteúdo publicado e as estratégias narrativas de cada uma nos conteúdos verbais e imagéticos.

A princípio, neste trabalho, procuramos contextualizar a história do Instagram, a evolução da rede, os recursos disponíveis na plataforma e suas possibilidades. Em seguida, trazemos a apresentação dos perfis, mostrando quem são as mães que iremos

¹ “[...] termo que designa-se a usuários que utilizam de sua popularidade em determinada rede social para divulgar um estilo de vida e até mesmo produtos de uma determinada marca patrocinadora” (SANTOS et al. 2016). Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-0157-1.pdf>>. Acesso em: 3 de janeiro de 2018.

analisar, enquanto mulheres, mães e profissionais. A posteriori, elencamos questões sobre a sociabilidade capitalista, os significados da maternidade, as funções atribuídas à mulher e a divisão sexual do trabalho, no âmbito social, cultural e histórico.

A análise tem como base os conteúdos publicados por Julyana Mendes e Rafaela Carvalho no Instagram de 2015 a 2018. Delimitamos três categorias para serem verificadas mais profundamente: o puerpério, o aleitamento materno e a divisão sexual do trabalho, pois revelam os desafios físicos, sociais e psicológicos enfrentados por cada mulher após o nascimento do filho, além de marcarem a vivência da própria pesquisadora como mãe. Dessa forma, constatamos como as dificuldades vivenciadas por estas mães são apresentadas na rede, favorecendo a maternidade real e/ou a maternidade romantizada, além de perceber quais são as possíveis estratégias narrativas de cada uma nos conteúdos verbais e imagéticos.

Por fim, nas considerações finais, é possível perceber que o padrão social voltado para a maternidade é facilmente interiorizado. Portanto, é imprescindível refletirmos a respeito deste assunto e tentarmos desconstruí-lo, visto que essa perspectiva romantizada afeta a vida de diversas mulheres e dificulta o enfrentamento das situações do maternar.

2. INSTAGRAM

A internet, desde a sua criação, vem modificando a maneira de nos comunicarmos e trocarmos informação. As experiências de produção de conteúdo se alteraram, facilitando e potencializando as interações humanas no âmbito social, cultural e tecnológico. “Ao longo das décadas, ela possibilitou que as pessoas tivessem acesso à informação de forma rápida, ágil e eficiente, tornando-a uma das invenções mais significativas de todos os tempos” (SCHWARTZ, 1998 apud PERUZZO; TEIXEIRA, 2011, p. 80). Foi devido ao seu crescimento progressivo, o baixo custo e a viabilidade de compartilhamento, seja de opiniões, tendências e formas de expressão para toda a rede, que ela se popularizou.

Partindo deste pressuposto, a comunicação em mídias digitais alterou “a maneira como nos comunicamos ao encurtar distâncias e imediatizar a troca de informação” (NETTO; MUNHOZ; SILVEIRA, 2013, p. 1). Dessa forma, “[...] indo ao encontro de necessidades do público, a rede foi buscar em outras mídias conteúdos, informações e linguagem, numa forma de convergência midiática semelhante à que já havia acontecido, talvez em menor escala, com cinema, rádio e televisão” (DANTAS; GOMES, 2009, p. 26). Transformando-se, assim, em um meio de comunicação multimídia capaz de gerar novas mídias, como por exemplo, o Instagram, aplicativo² que aplica filtros às fotos e as compartilha em redes sociais, como Facebook, Twitter e Tumblr.

Para Rocha (2003), qualquer pessoa com uma rede global de informações ligadas em tempo real e conectadas ao ciberespaço a partir de um computador e um transmissor a cabo, modem ou rádio poderiam alcançar novas “possibilidades que as tecnologias do ciberespaço trazem de liberação do pólo da emissão”, assuntos pertinentes no período de transição deste novo século (LEMOS, 2002, p. 2).

O ciberespaço faz com que qualquer um possa não só ser consumidor mas, também, produtor de informação. [...] O que pode parecer um fenômeno minoritário e sem importância, reveste-se, na realidade, no sintoma da nossa época, ou seja, a democratização da comunicação (LEMOS, 2002, p. 12).

² Na informática, um software aplicativo é um tipo de software concebido para desempenhar tarefas práticas ao usuário para que este possa concretizar determinados trabalhos. Esta característica distingue-o de outros tipos de programas, como os sistemas operativos, que são os que fazem funcionar o computador, as linguagens de programação, que permitem criar os programas informáticos em geral e os utilitários, que realizam tarefas de manutenção ou de uso general. (CONCEITO de software aplicativo, 2011). Disponível em: <<https://conceito.de/software-aplicativo>>. Acesso em: 06/11/2017.

Portanto, esse avanço midiático permitiu “a pluralização de vozes e, efetivamente, o contato social” (LEMOS, 2002, p. 2). “Com a difusão da Internet, uma nova forma de comunicação interativa surge, caracterizada pela capacidade de enviar mensagens de muitos para muitos, em tempo real ou não [...]” (CASTELLS, 2009, p. 55 apud COUTINHO, 2014, p. 11). Nesse contexto, percebemos que “as novas formas de interação social criadas permitem a formação de novos cenários, que inseridas na cultura contemporânea e filiadas aos meios digitais originam novas relações entre as práticas técnicas e a vida social” (SANTOS; DEMARCO; TAVARES, 2016, p. 2).

Desenvolvido pelo brasileiro Mike Krieger e o norte americano Kevin Systrom, o Instagram surgiu em fevereiro de 2010, inicialmente, com o nome Burbn. Sua primeira versão foi disponibilizada para as versões IOS³ e possuía várias funções, onde os usuários poderiam compartilhar fotos, vídeos, check-ins e planos para o fim de semana. No entanto, os fundadores do aplicativo o acharam muito complexo e decidiram priorizar uma de suas funcionalidades, a fotografia. Segundo eles, a intenção “era resgatar a nostalgia do instantâneo cunhada ao longo de vários anos pelas clássicas Polaroids, câmeras fotográficas de filme, cujas fotos revelam-se no ato do disparo” (PIZA, 2012, p. 7). Mais importante que dizer algo em poucas palavras, a imagem deveria falar pelo usuário/fotógrafo e a instantaneidade da fotografia publicada na rede através de smartphones ou tablets deveria sustentar uma complexa rede de simultaneidades globais.

Definitivamente, as fotos não servem para tanto para armazenar lembranças, nem são feitas para ser guardadas. Servem como exclamações da vitalidade, como extensões de certas vivências, que se transmitem, compartilham e desaparecem, mental ou fisicamente. [...] Transmitir e compartilhar fotos funciona então como novo sistema de comunicação social, de etiqueta e cortesia. Entre estas normas, a primeira estabelece que o fluxo de imagens é um indicador de energia vital, o que nos devolve ao argumento ontológico inicial do “fotógrafo, logo existo” (FONTCUBERTA, 2012, p. 32-33 apud PAULA; GARCIA, 2014, p. 6).

Em outubro de 2010 o Burbn foi repensado e nasceu o Instagram. Depois de um ano no mercado, o aplicativo apresentava uma série de mudanças em sua estrutura e na interface da câmera, além de novos filtros. Com ele é possível fotografar, editar a imagem,

³ “IOS é a sigla para iPhone operating system – sistema operacional do iPhone, em tradução livre para o português. Trata-se, como o próprio nome indica, de um sistema operacional móvel da Apple Inc.” (SIGLAS E ABREVIATURAS, [s. n.]). Disponível em: <<https://www.siglaseabreviaturas.com/ios/>>. Acesso em: 02/01/2018.

escolher filtros, compartilhar fotos e vídeos nas redes sociais, marcar a localização onde foi tirada a foto, seguir outros usuários na própria plataforma para visualizar, curtir e comentar nas imagens postadas. Os internautas podem explorar fotos e perfis aleatórios que não seguem, sem a necessidade de informar dados para pesquisa, além de o aplicativo permitir que a conta seja privada, para quem não quer perder sua liberdade no ato de compartilhamento de fotos na rede, ou público. O aplicativo conta também com o Direct, recurso que permite que os usuários enviem mensagens, fotos e vídeos de maneira privada diretamente através do Instagram para um único usuário ou grupos de até 15 pessoas, além de cancelar o envio de qualquer mídia e mostrar se a mensagem foi vista.

Diante disso, podemos dizer que a plataforma permitiu que os usuários compartilhassem fotos e legendas “sobre suas vidas privadas, sobre suas áreas de interesse pessoais ou sobre outros aspectos da cultura contemporânea” (LEMOS, 2002, p. 3). E, ainda mais importante, destacamos o valor imagético presente nesta rede. O público fotografa mais do que escreve. Em muitos perfis a fotografia serve como um caminho para o texto, ambos se complementam, como podemos ver no perfil de Rafaela, já que as fotos são uma necessidade que a interface do Instagram impõe para a postagem. Em outros, o texto serve como um suporte para a fotografia, como no caso de Julyana. Devido a esse leque de oportunidades, o Instagram ganhou espaço na mídia e conquistou os mais diversos públicos e funções, passando a ser utilizado no jornalismo, na publicidade, na literatura e no entretenimento, dentre outros.

Compreendemos que o ato de compartilhar a vida cotidiana se tornou popular em razão dos diversos fatores mencionados acima. Sibília e Diogo (2011) fazem uma relação entre as vitrines de lojas, onde só são mostrados os melhores produtos, combinados antecipadamente nos mínimos detalhes e reajustados para que estejam sempre mais atrativos ao consumidor, com os feeds de notícia das redes sociais, que possuem fotos ora posadas, erroneamente espontâneas ou de diversos assuntos, publicadas para provocar a interação de outros usuários, conquistar mais seguidores, audiência, boa reputação e, por fim, parcerias rentáveis. Discorrendo a respeito das fotografias, elas afirmam:

Em primeiro lugar, agora não nos comovem apenas as imagens de nossa própria intimidade: temos acesso a esse tipo de registros de milhões de pessoas, conhecidas ou não. Além disso, o fato de que hoje essas imagens possam ser vistas por seres alheios ao círculo familiar – ou, inclusive, pelo máximo de gente possível –, não desperta pudores nem constrangimentos. Ao contrário disso, costuma até provocar uma agradável sensação de sucesso em quem as produziu ou protagonizou. (SIBÍLIA; DIOGO, 2011, p. 134).

Para obter o Instagram, basta fazer o download do aplicativo no App Store (lojas virtuais dos aplicativos), em aparelhos iOS ou no Play Store, em aparelhos Android. Ele é gratuito, o que facilita o acesso e permite que indivíduos interajam em tempo real, utilizando seus recursos quando, como e de onde quiserem. Após concluído o download, o arquivo que contém o aplicativo deverá ser instalado e, em seguida, será necessário fazer o cadastro, informando alguns dados pessoais para ter uma conta própria. Em seguida, é possível utilizá-lo.

Há, ainda, a possibilidade de acessar o Instagram na Web, para quem já tiver criado uma conta no aplicativo móvel. Nessa versão, é permitido visualizar o feed com publicações dos usuários de que se está seguindo, editar o perfil, alterar a senha, ver as fotografias em tamanho maior (algo útil à coleta de dados desta pesquisa) e seguir usuários. Segundo o site Techtudo (2015), é possível driblar o Instagram com um programa, o BlueStacks. A ferramenta, que pode ser usada no Windows ou no Mac, permite o cadastro semelhante à instalação no mobile para quem prefere acessar o App do computador.

De acordo com o G1⁴, em dezembro de 2011 a Apple colocou o Instagram no topo da lista de favoritos de 2011 e o elegeu como “aplicativo do ano para iPhones” da sua App Store. Em 2012 ele foi disponibilizado para aparelhos Android e atingiu 30 milhões de downloads⁵, se multiplicando ainda mais após a venda para o Facebook, em julho de 2012, quando atingiu a marca de mais de 80 milhões. Atualmente, o Instagram possui 800 milhões⁶ de usuários ativos por mês, com 500 milhões acessando o aplicativo todos os dias, sendo o Brasil o segundo país com mais usuários, depois dos Estados Unidos.

Em agosto de 2016 foi lançado o Instagram Stories, uma nova ferramenta para os usuários interagirem dentro da plataforma. A princípio, muitos criticaram o novo recurso, por se assemelhar ao Snapchat⁷. Porém, pouco tempo depois, ele fez tanto sucesso na

⁴ Dado disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/facebook-anuncia-compra-do-instagram.html>>. Acesso em: 09/11/18.

⁵ Dado disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/entenda-curta-historia-do-instagram-comprado-pelo-facebook.html>>. Acesso em: 09/11/2018.

⁶ Dado disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/instagram-tem-800-milhoes-de-usuarios-ativos-por-mes-e-500-milhoes-por-dia.ghtml>>. Acesso em: 09/11/18.

⁷ Desenvolvido por Evan Spiegel e Bobby Murphy em setembro de 2010, o Snapchat é um aplicativo de mensagens instantâneas, onde, à princípio, só era possível enviar fotos para pessoas específicas, que deveriam ser selecionadas uma a uma e a visualização do conteúdo durava no máximo dez segundos. Depois passou a ser possível enviar vídeos, e no final de 2013 foi criado o recurso “Stories”, uma coleção de snaps em ordem cronológica que ficam disponíveis por até 24 horas. Outros recursos foram criados mais tarde,

rede, que ultrapassou os usuários do Snapchat de 166 milhões para 250 milhões, segundo uma média de usuários diários globais divulgados⁸ pelas duas plataformas. Percebemos que tanto Julyana como Rafaela migraram do Snapchat para o Insta Stories, como o recurso é popularmente chamado.

O Stories também possibilita, basicamente, a publicação de conteúdos rápidos via timeline que serão excluídos em 24h. É possível utilizar neste recurso stickers (adesivos), emojis (“considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa”⁹), escrever ou desenhar na tela, utilizar filtros faciais, fazer vídeos ao vivo, boomerang (vídeos em loop infinito com duração de 1 segundo), superzoom, rebobinar, fotografar com as mãos livres, adicionar a localização, dia do mês e da semana, incluir hashtags¹⁰, fazer uma enquete e marcar na publicação outro perfil, site ou canal no YouTube, para onde os seus seguidores serão redirecionados apenas com um clique e compartilhar imagens que se autodestroem depois de poucos segundos de visualização entre os usuários. Em virtude disso, percebemos que o Insta Stories tem se mostrado uma ferramenta mais publicitária e menos espontânea, onde seus usuários além de marcarem outro perfil, como pudemos observar nos canais @maedesete e @a.maternidade — em que as mães divulgam o ig de outras mães e, no caso de Julyana, que divulga projetos, produtos e novidades —, nem sempre publicam a foto ou vídeo do dia em que foi capturada, já que é possível fazer o download de fotos antigas no celular e utilizá-las a qualquer momento no Stories, inclusive trata-las antes da sua publicação, como podemos ver durante o Natal, no Stories de Rafaela, que postou fotos da ceia somente no dia seguinte, enquanto Julyana divulgou vídeos e fotos da visita do Papai Noel, aparentemente em tempo real, como podemos verificar abaixo. Isso ocorre porque o App detecta somente o dia em que a imagem foi baixada ou fotografada.

como os Lenses e os Geofiltros. (SNAPCHAT, 2016. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/02/o-que-e-snapchat.html>>. Acesso em: 06/11/2017).

⁸ Dado disponível em: <<https://www.snapchat.com/ads/audiences/>. <https://instagram-press.com/our-story/>>. Acesso em 26/11/17.

⁹ Disponível em: <<https://www.significados.com.br/emoji/>>. Acesso em: 02/01/2018.

¹⁰ “Hashtags são palavras-chaves associadas a um conteúdo publicado na web que geram hiperlinks, promovendo, assim, a publicização das publicações. No Instagram, as hashtags são fundamentais para fazer circular os conteúdos publicados” (MARTINS, 2016). Disponível em: <http://abciber2016.com/wp-content/uploads/2016/trabalhos/instaliteratura_imagem_e_palavra_em_manifestacoes_poeticas_no_instagram__amanda_rafaela_gomes_martins.pdf>. Acesso em: 10/11/17.

Figura 1: Natal – Rafaela Carvalho, 25 de dezembro de 2017.



Fonte: captura de tela do Instagram Stories.

Figura 2: Natal – Julyana Mendes, 24 de dezembro de 2017.



Fonte: captura de tela do Instagram Stories.

Recentemente, em dezembro de 2017, o Instagram lançou duas novas ferramentas: o Stories Highlight e o Stories Archive. Com elas é possível salvar automaticamente, em um arquivo privado — onde somente o proprietário da conta poderá visualizá-las — as histórias que tenham atingido o limite de 24 horas no ar, ou seja, quando expirarem. Dessa forma, reunindo os momentos favoritos dos usuários para que eles possam revê-los ou publicá-los nos destaques por tempo indeterminado. Para quem não tem interesse em salvá-las, basta acessar as configurações do perfil e desmarcar a opção "salvar arquivo". No entanto, o ponto positivo deste recurso é não ter que ocupar a memória interna do celular ou disponibilizar seus anexos na nuvem.

Segundo informações oficiais disponibilizadas no site do aplicativo (2017), o Stories Highlights aparece em uma nova seção no perfil do usuário, abaixo da biografia. Para criar um destaque, basta tocar no círculo com sinal de adição, que significa "novo", no canto esquerdo. Logo, o usuário poderá escolher qualquer história do seu arquivo, selecionar uma capa para o seu destaque e nomeá-la. Depois de finalizado, o destaque aparecerá como um círculo no perfil que é reproduzido como uma história autônoma quando alguém toca. Os destaques podem variar de uma a mais histórias e ficam no perfil até que sejam removidos. Para acessar as histórias do arquivo, é necessário tocar no ícone "Arquivo", no perfil. Em seguida, o usuário poderá alternar facilmente entre seu Arquivo de Mensagens e seu novo Arquivo de Histórias. Neste, as histórias aparecerão em uma grade com as mais recentes na parte inferior, sendo que, a primeira história de cada dia mostrará um indicador de data para ajudá-lo a navegar no Stories Archive.

Outro recurso adicionado no Instagram há pouco tempo foi a capacidade de seguir hashtags. A novidade permite que os usuários descubram fotos, vídeos e pessoas, tornando essas publicações mais visíveis e facilitando a conexão com os seus interesses, passatempos, paixões e marcas. Para seguir uma hashtag, basta procurar na "aba" de pesquisa por um tópico, abrir a página da hashtag e tocar no botão seguir. Ela será exibida no feed e no Stories, juntamente com as fotos e histórias dos seus amigos. Além disso, foram inclusos novos efeitos ao Stories, como superzoom, filtros de rosto, adesivos e filtros de cor.

Como já mencionado anteriormente, o Instagram tem como sua principal função a fotografia, que inicialmente, tinha o formato 4:3 como a principal proposta visual.

[...] o quadrado no Instagram não se coloca como formato original, mas como formato de corte posterior sobre fotos capturadas, muitas vezes, em aspect

ratios retangulares próprios dos smartphones e tablets. Essas condições propõem diferentes abordagens e fazem o usuário conscientizar-se da experiência, preferências e noções de enquadramento desde o momento da captura, em vista do posterior recorte quadrado do aplicativo. (MONFRINATO; SILVA, 2017, p. 74).

Foi a partir de agosto de 2015 que a plataforma passou a permitir os formatos retangulares, verticais ou horizontais, visto que o formato anterior já não satisfazia seus usuários.

O formato quadrado é e sempre será parte de quem somos. Dito isso, a história visual que você deseja contar deve sempre vir em primeiro lugar, e queremos tornar simples e divertido para você compartilhar momentos da forma que quiser. O fato é que cerca de uma em cada cinco imagens não são postadas no formato quadrado, e sabemos que não tem sido fácil compartilhar esse tipo de conteúdo no Instagram: amigos ficam de fora das fotos em grupo, o assunto do seu vídeo parece limitado e você não consegue capturar a ponte Golden Gate de ponta a ponta (INSTAGRAM, 2016).

Esta atualização se fez necessária devido a alguns aplicativos que burlavam a exigência do quadrado no Instagram, como por exemplo, o InstaSize e o No Crop. Nesses aplicativos a foto poderia ser enquadrada em qualquer proporção, mas sempre dentro de uma moldura no formato quadrado, ora neutras, desfocadas ou criativas. Consequentemente, a conveniência de diferentes formatos fotográficos deu abertura para novos apps de edição e evidenciaram uma flexibilização do uso de enquadramentos fotográficos dentro da plataforma (MONFRINATO; SILVA, 2017, p. 75).

De acordo com o site Marketing de Conteúdo (2015),

os formatos visuais representam mais de 63% dos conteúdos nestas redes e as imagens ocupam o pódio dos mais compartilhados pelos usuários com 43%, além do alto índice de engajamento. As redes sociais têm um lugar central nas estratégias de marketing digital na atualidade e a maior parte dos internautas possui múltiplos perfis em redes sociais e se mantêm constantemente conectados através de diversos dispositivos. (MARKETING DE CONTEÚDO, 2015).

A partir deste cenário, as empresas viram a oportunidade de expandir seu negócio conquistando novos clientes online, realizando vendas por meio do Instagram e divulgando seus produtos através de outros usuários, o que deu início a uma série de

apropriações voltadas para o marketing digital, como os *publiposts*¹¹. Julyana é adepta da prática, no entanto nem sempre sinaliza com as tags *#publi* ou *#publipost* os seus anúncios.

O aplicativo também possibilita a inserção de vídeos de até 60 segundos, importados da galeria ou filmados pelo próprio Instagram. Após selecionado ou registrado, o usuário poderá escolher o filtro com o qual se identifica, cortar ou inserir uma capa, que aparecerá como imagem principal na timeline. Segundo o site *Apptuts* (2017), os vídeos são os conteúdos mais vistos no App, com crescimento de 80% em visualizações, quatro vezes mais em relação a 2016, de acordo com o site do canal de TV americano *CNBC* e o portal *TechCrunch*, especializado em tecnologia e redes sociais.

As legendas, que antes serviam apenas para complementar a foto, ganharam um novo espaço no Instagram. Com a média de 138 caracteres e o tamanho de no máximo 2200 caracteres, os usuários as têm utilizado para construir narrativas de si, do seu cotidiano, experiências pessoais e públicas, com intuito de promover suas identificações e busca, sua perspectiva sobre algum assunto particular ou diversos, ao mesmo tempo que procuram se reconhecer com outros usuários através de *hashtags* e imagens. Vale ressaltar que, apesar da quantidade de caracteres, o aplicativo se limita a mostrar aproximadamente 157 caracteres na legenda e cortar o resto, escondendo atrás de um “...mais”. Dado que, para Rafaela, os textos da legenda têm uma posição de valor, podemos notar que ela utiliza o máximo de caracteres e, por vezes, continua o texto comentando em sua própria publicação.

O texto se reconfigura em cada novo meio e suporte que surge da necessidade do homem em se comunicar. No ciberespaço, o texto adquire, em essência, características e potencialidades da rede. Abre-se com o espaço virtual “uma miríade de oportunidades que expandem o conceito de literatura em função da emergência de novas formas de criação literária”. (SANTAELLA, 2012, p. 230). (MARTINS, 2016, p. 5).

Segundo Martins (2016), no Instagram, a partir do momento em que a fotografia e legenda são publicadas, eles estão disponíveis nessa imensa comunidade virtual. Podem ser comentadas, compartilhadas, curtidas e, mesmo que haja a menção ao autor, quando

¹¹ O *publipost* ou *post patrocinado*, acontece quando uma marca propõe que blogueiros ou *digital influencers* divulguem os produtos de sua marca nas redes sociais por determinado custo. (CONCEITO de *Publipost*, 2016. Disponível em: <http://www.mzclick.com.br/publipost/>. Acesso em: 21/11/2017).

um seguidor compartilha as palavras deste alguém, assume a voz do texto, compactua com ele. O seguidor não apenas se apropria das expressões ali presentes, como assume compartilhar a mesma voz, as mesmas estranhezas e percepções do autor. “O fenômeno da publicação em rede, permitindo [sic] que usuários compartilhem produções autorais com facilitada distribuição e circulação. Emergem então, novas formas de se consumir literatura, novas formas de composição e estilo de produção, novos autores” (MARTINS, 2016, p. 9).

Deste modo, Lemos (2002) afirma que “o público e o privado se confundem como nunca, e os diaristas e usuários experimentam um exercício de emissão e de construção de imagens identitárias, abolindo as fronteiras entre eles e o mundo [...] A liberdade do pólo de emissão faz com que qualquer um possa expressar-se livremente” (p. 7). Ainda segundo o autor, esta liberação do emissor “cria o atual excesso de informação, mas também possibilita expressões livres, múltiplas” (LEMOS, 2002, p. 2).

2.1 Mãe de Sete, por Julyana Mendes

Aos 41 anos, Julyana Mendes, ou a “Mãe de Sete”, como ficou popularmente conhecida no Instagram e posteriormente em outras redes, é brasiliense, engenheira civil por formação, palestrante por vivência, empreendedora e idealizadora do Projeto Bamboler¹², que “tem como objetivo interagir e integrar pais e filhos, além de sensibilizar crianças para a arte, a leitura, a criatividade e a liberdade” (ÁGUAS CLARAS NEWS, 2013). É também fundadora e organizadora do Friday Club bsb, que permitia às “integrantes as mesmas ferramentas que ela usa para vencer o dia-a-dia: conversar, confraternizar e compartilhar”¹³. A digital influencer é mãe de sete filhos em tempo integral (Pedro, Luís Felipe, João Eduardo, as trigêmeas Maria Eduarda, Maria Carolina e Maria Fernanda, e a caçula Maria Beatriz), frutos de 3 relacionamentos.

Criado em maio de 2013, seu perfil falava, a princípio, sobre sua vida pessoal, com conteúdos voltados para saúde, beleza e estilo. Ela publicava posts sobre sua rotina,

¹² Disponível em: <<http://www.aguasclarasnews.com.br/noticia/190/colunista-de-moda-julyana-mendes>>. Acesso em: 14/12/17.

¹³ Disponível em: <https://www.sympla.com.br/friday-club--mulher-de-negocio---friday-business__15303>. Acesso em: 14/12/2017.

fotos com frases motivacionais, divulgava de looks e acessórios de algumas lojas, eventos atléticos, como, por exemplo, a ‘Meia maratona internacional do Rio’, seus treinos e alimentação, os encontros do Friday Club bsb, além de algumas fotos com seus filhos.

Antes da fama, Julyana já aparentava em suas publicações, ser de classe alta e conhecida em sua região devido às publicações do Friday Club bsb, onde também eram divulgadas algumas marcas conceituadas no mercado, como a Schutz. No evento, podemos observar que, em sua maioria, as fotos são posadas, de alta qualidade, com pessoas bem vestidas, bebendo champanhe ou interagindo entre si, o que mostra um pouco da comunidade à qual pertencia.

Foi com a intenção de reunir amigas criando momentos de bate papos, muitas risadas, aprendizado e confidências que a empresária Julyana Mendes criou o “Friday Club”, um grupo de mulheres acolhedoras, formadoras de opinião, dispostas a conhecer o novo, gente nova, lugares novos, produtos e ideias novas. (CHAVES, 2013).

Em setembro de 2014 foi realizada a primeira publicação da série #coisasdemãe, do projeto #fridayclub, compartilhando dicas e assuntos do universo infantil. Neste período, ela começou a falar de sua rotina familiar, até então com seis filhos, divulgando diversos assuntos, dentre eles, planejamentos semanais e mensais, como a rotina de atividades de Luís, que possui Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e precisa ser estimulado com atividades de coordenação motora, por exemplo.

A digital influencer anuncia na rede, em novembro de 2014, a gravidez do seu sétimo filho (Maria Beatriz). No decorrer da gestação, Julyana focou o conteúdo do seu Instagram neste acontecimento. Nos posts, ela conta cada detalhe da gravidez, dando dicas, falando sobre academia, exercícios, creme para estrias e outros produtos (com teor de parcerias, não de publicidade), as dificuldades da gestação, como o desconforto para dormir, as dores na coluna e de cabeça, enjoos, aplicativos voltados para gravidez, amamentação, alimentação dos filhos, além da sua opinião sobre parto normal e cesariano, visto que todos os seus filhos nasceram de cesárea. Também há fotos mostrando o crescimento da barriga em todas as semanas e relatos sobre situações do cotidiano. Nesse momento, o número de interações aumentou, resultando na evolução do canal.

Ainda, podemos verificar que no início da gestação, a blogueira firmou parceria com as nutricionistas @nutri_infantil e @nutricionistamaternoinfantil para abordar assuntos que envolvessem alimentação e ganho de peso na gravidez. Nos posts, ela diz

que está mais atenta, pois com 38 anos é mais difícil perder peso. "Está tudo na minha dieta! Dieta sim! Criança pode. Grávida deve!" (MENDES, 2015). "Dieta" é uma palavra muito mencionada nas publicações acerca deste tema, no entanto, vale lembrar que os médicos não recomendam que gestantes façam dieta, e sim, uma reeducação alimentar, visando o aproveitamento das vitaminas presentes nos alimentos, que contribuirão para a formação do bebê. Por fim, ela esclarece: "Deixando bem claro que dieta não é regime viu gente?? Dieta é ter determinado por um profissional o que você vai comer." (MENDES, 2015).

Dada esta observação, pode-se verificar que, antes mesmo do nascimento de sua última filha, Julyana já se preocupava em mostrar que mantinha um padrão de beleza — corpo escultural que, mesmo gerando um ser, estava dentro das “métricas” da sociedade. Ainda que fosse mãe de 6 filhos, ela sempre aparentou, nas redes, ter tempo para se dedicar aos papéis de mulher, mãe e profissional, cada um à sua maneira.

A partir de novembro de 2015, Julyana inicia oficialmente o projeto intitulado como ‘Mãe de Sete’, que a levou a se tornar palestrante e se envolver em diversos projetos, como o ‘Mãe de Sete convida’ e ‘Empoderando Mães’, que serão discutidos a posteriori. Em entrevista para o blog ‘Super Mãe Ativar’¹⁴ (2016), de Juliana Dantas, ela conta como iniciou sua conta na plataforma e, depois, como idealizou o projeto que mudaria sua vida.

Meu perfil começou meio por acaso, não foi uma coisa planejada. Eu usava a conta com meu nome e era totalmente pessoal. Como tinha seis filhos, era natural que eu já compartilhasse algumas coisas da minha maternidade. Aos poucos, percebi que as pessoas ficavam muito impressionadas com o fato de eu ser mãe de muitos e quando tive a sétima filha em junho de 2015, a Bia, a curiosidade sobre minha rotina foi aumentando demais. Demorei para ter coragem de assumir esse novo papel nas redes porque você eu sabia que acabaria perdendo um pouco da minha personalidade. Deixaria de ser a Julyana para virar “apenas” a mãe de sete. Mas em dezembro de 2015, resolvi assumir o projeto, mudei o nome do perfil e isso acabou virando um trabalho. (SUPER MÃE ATIVAR, 2016)

A partir de uma retrospectiva, sua história começa quando estava ainda na faculdade, com 17 anos, quando engravidou do primeiro filho, Pedro. De acordo com o post realizado em outubro de 2015, quando começa a contar um pouco da história de cada

¹⁴ <http://supermaeativar.ne10.uol.com.br/ju-mendes-conta-como-comecou-o-mae-de-sete/>. Acesso em: 08/01/2018

filho, quem ele é e a sua personalidade, mediante as perguntas de suas seguidoras, ela diz que a gravidez não foi planejada, mas que nunca rejeitou seu bebê. “Foi surpresa mas fiquei feliz desde o primeiro minuto. Nasceu um menino lindo e saudável e que nunca na vida me deu trabalho. É na dele. Reservado. Calado. Mas sempre atencioso” (MENDES, 2015). Em sequência, ela relata que seu filho mais velho nasceu enquanto ainda estava casada, mas que o relacionamento com o pai dele não deu certo e, por isso, voltou para Brasília, sua cidade natal, depois de formada. Em 2016 ela diz em uma publicação que, quando conversou com ele sobre o divórcio, ele simplesmente disse "mãe, você tem que ser feliz. O resto é bobagem" (MENDES, 2016).

No mesmo mês, a instagrammer dá continuidade à história em outro post, o que vai se repetindo. Ela conta que, oito anos depois do último matrimônio, estava casada novamente, com o pai de Luis Felipe, João Eduardo e das trigêmeas. A publicação é voltada para Luis, que tem TDAH, assunto também muito abordado pela digital influencer em sua rede para auxiliar outras mães que tem filhos nessa mesma condição.

Luis Felipe sempre foi super inteligente e super ativo. Tanto que de todos os filhos foi o único que não aceitava a shantalla. Reclamava. Ficava inquieto. Aos 4 anos na escola contava tudo o que acontecia. Sabia o nome de todos os colegas, tudo que fazia. Mas coloquei na terapia aos 5 anos por enxergar uma mudança enorme. Passou a não trazer mais nada e a reclamar para ir a escola. Algo me dizia: tem coisa errada. Um ano de terapia, já no primeiro ano, não alfabetizava. Diagnosticado com TDAH iniciou na ritalina. E aquele menino que não alfabetizava leu em 20 dias. Usou medicação até esse ano, quando me disse: mãe esse remedio tira a minha alegria. Imagine escutar isso?? E desde então não toma mais. Só em dia de prova. Mas o desafio é grande . Ele tem um déficit de atenção enorme! (MENDES, 2015).

Dois anos depois do nascimento de Luis, Julyana planejou sua próxima gravidez, à espera que viesse uma menina. Ela conta que, no início da gravidez, o obstetra garantiu que sua terceira gestação era de uma garotinha, que chegou a comprar vestido e outros acessórios, mas, na 16ª semana, descobriu que João estava a caminho.

Nasceu com 37 semanas , mas aspirou e teve que ficar 10 dias na UTI. Eu não esperava por isso. Lembro que dormia na porta do hospital. Dentro do carro. Subia para a UTI de 2/2 horas para amamentar. Não ia aceitar que dessem mamadeira para ele sendo que eu estava cheia de leite. E quase morro de stress! Mas deu tudo certo. (MENDES, 2015).

Nesse mesmo período ela já pensava em fazer o tratamento de sexagem fetal (quando os especialistas escolhem um embrião pelo sexo), sem saber que a prática é proibida no Brasil pelo Conselho Federal de Medicina e considerada crime.

Quando João tinha 1 ano mais ou menos eu pensava e repensava isso. Tinha dia que estava feliz com meus 3 príncipes e a ideia de ter 4 filhos não era algo que eu tinha planejado na vida. Mas tinha dia que um laço, um cor de rosa, uma menininha fazia falta. Eu pensava: meus filhos vão casar e vão embora. Juro que pensava isso. (MENDES, 2015).

Na fala acima podemos perceber um pensamento que expressa claramente as relações de gênero, visto que, para ela, os filhos homens saíam de casa depois de crescidos e não dariam o “valor” à mãe que o criou e educou com amor, carinho e atenção, enquanto a filha mulher estaria sempre junto à mãe, nos “cuidados” com ela, por exemplo, durante a velhice.

Dando continuidade à sua história, ela conta que foi junto com o marido conhecer a clínica do Roger Abdelmassih¹⁵ e que no mesmo dia saiu do consultório medicada. A digital influencer fala que teve problemas na primeira tentativa, com a introdução de dois embriões, sem sucesso. Na terceira, foram implantados três, que resultaram nas pequenas Maria Carolina, Maria Eduarda e Maria Fernanda.

Quando descobri uma gravidez trigemelar a alegria era enorme, mas a preocupação também. Lembro de ligar para a equipe que transferiu os embriões e passarem para o tal médico. Sabe qual foi a primeira coisa que ele me disse quando viu o exame e descobriu que os 3 embriões tinham ficado? "não temos boas notícias." Acreditam? "Você precisa vir aqui com 12 semanas para fazermos uma redução embrionária, seu útero não suporta 3 bebês". Oi??? Ele transfere e depois quer fazer aborto? Porque para mim redução embrionária não tem outro nome para mim. Faz como? Chega lá no dia e escolhe: tira essa e essa?? Eu perderia as três, passaria por sufoco, mas redução?? Não mesmo! (MENDES, 2015).

As meninas nasceram de prematuras, de 28 semanas, e tiveram que ficar na UTI Neonatal com a ajuda de CPAP, aparelho que contribui para a respiração. Segundo ela, as Marias ficaram 75 dias no hospital e, na maior parte do tempo, ela também estava no local.

Acordava às 5h da manhã todos os dias para tirar leite no hospital. Voltava para casa, tomava café e voltava para a UTI. Morava a 3 minutos do hospital. E para minha sorte era um lugar que permitia, mais que isso; que incentivava nossa presença. Podia estar com as meninas a hora que eu quisesse. O dia que eu quisesse. (MENDES, 2015).

¹⁵ Especialista em reprodução humana condenado a 278 anos de prisão pelo estupro de 39 pacientes (G1, 2010). Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/11/roger-abdelmassih-e-condenado-mais-de-200-anos-de-prisao.html>. Acesso em: 08/01/18.

Após esse período de dificuldade, o maior desafio para ela foi adaptar a vida da família a chegada de três bebês que demandavam cuidados especiais. “Tive que recorrer a quem podia: mãe, tia, babá... Precisei ter gente para dormir em casa comigo. Foi insano” (CRESCER, 2017)¹⁶. Pouco depois do nascimento das trigêmeas, o casal se separou. “[...] três anos depois que elas nasceram, meu casamento acabou. Acho que ficou muito pesado para ele. A vida mudou muito de uma vez, ele não se adaptou. Comecei a ficar muito só cuidando das meninas... E aí desandou” (CRESCER, 2017). Em seguida, decidiu trabalhar apenas meio período para se dedicar aos filhos nessa fase de readaptação.

E foi nessa época, por isso mesmo, que escolhi trabalhar um turno e no outro ficar em casa. E assim percebi que deveria olhar mais ainda para alguns valores maternos, ficar mais em casa, acolher crianças que estavam passando por um divórcio e ser a mãe que ainda não tinha sido. Não que eu fosse ausente. Nunca fui. Mas precisa assumir mais. Ser menos coadjuvante. Explico: quando você tem muita ajuda, às vezes os valores que estão na sua casa, as regras, os limites não são os seus. Misturam. E isso os confunde. Sou muito grata por toda a ajuda que recebi e recebo, mas tive que mudar algumas coisas naquela época. Assumir meu papel 100%. E foi assim que estudar a maternidade entrou na minha vida. Até hoje. (MENDES, 2017).

Novamente ela traz um discurso voltado para a divisão sexual do trabalho, voltado para o papel social da mãe atribuído aos cuidados com os filhos e com a casa.

Mais tarde, Julyana conheceu Kleber Caiado, seu atual marido. “Ele me quis exatamente do jeito que eu sou, com os meus seis filhos e tudo. As crianças se apaixonaram por ele de maneira imediata” (CRESCER, 2017).

O fisioterapeuta não tinha filhos e o casal resolveu ter um bebê, algo que, nesta análise, parece oferecer indícios de uma tentativa de legitimar sua paternidade e autoridade com os demais filhos da digital influencer. No entanto, Julyana já tinha feito laqueadura e teriam que fazer fertilização in vitro (FIV), um procedimento de alto custo. Diante disso, percebemos a classe social (alta) do casal. De acordo com a digital influencer, o tratamento para engravidar, que faz uso de progesterona e estradiol, causa muitos efeitos colaterais devido à quantidade de hormônios. Mas, apesar de tudo isso, considera que Bia veio para iluminá-la e torná-la a mãe de sete.

Bia me ensina todos os dias. O fato de ser a sétima não garante que eu acerte tudo ou que saiba tudo! Pelo contrário, tem sido uma lição diária! Sou uma mãe diferente, tenho aprendido muito sobre a maternidade. Hoje sou mais calma,

¹⁶ Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Familia/noticia/2017/05/alguns-me-chamam-de-louca-outros-de-corajosa-diz-mae-de-sete.html>>. Acesso em: 09/01/18.

mais centrada e me conheço mais. Acho que autoconhecimento faz toda a diferença sabe? (MENDES, 2018).

Observamos, neste momento, uma contradição em sua fala/atitude, pois, acima dos cuidados com ela (algo que defende em diversas publicações), do útero que teria sido afetado após a gestação trigemelar, ela prioriza a necessidade de ter mais um filho para “dar a paternidade biológica” ao marido.

Em vários posts publicados ela relata o apreço do marido com a gravidez da primeira filha do casal — Maria Beatriz — e a última da digital influencer, além de sempre mencioná-lo em suas publicações, demonstrando muito carinho, saudades e um relacionamento harmonioso.

Já éramos sete e ele conseguiu olhar e ver o que talvez ninguém enxergasse: quanto amor ele teria para receber. É leve? Não! É fácil? Não também! Mas tenho certeza que é extremamente recompensador. Ele recebe tanto amor que tudo vale a pena. Tanto que escolhemos aumentar a família e trazer mais um amor para nossas vidas. Bia veio nos completar com chave de ouro e dar a ele a paternidade biológica, porque a de coração ele já tinha! (MENDES, 2017).

Sobre sua profissão ‘mãe’, ela fala para o Blog dos Perné’s¹⁷ (2016):

Minha profissão hoje é essa. Mais que isso: uma missão que eu nunca planejei. Mas aconteceu. Sonhei ser executiva, viajar, e ser influente. Sonhei ser meu pai. Hoje sou minha mãe. Eram duas referências para mim e nunca imaginei seguir a segunda. Mas foi uma escolha que hoje tenho certeza, acertada. Até porque é mais completa, já que inclui nisso ser palestrante e compartilhar minha experiência com outras mães. (BLOG DOS PERNE’S, 2016).

Foi em novembro de 2015 que a blogueira deixou de ser @julyana_mendes para se tornar a @maedesete. Nesse momento, ela apresenta sua nova foto de perfil, uma logo. No post, ela explica o por que de escolher a coruja, quem ela é como mãe, sobre seu papel, que compartilhar na rede aumenta a chances de acertar e que o projeto iria contribuir com a troca de experiências com outras mães. “A coruja é símbolo de sabedoria, e tem alguém mais sábia no mundo que mãe? É a ave soberana da noite e assim nos vejo quando zelamos noites e noites por nossos filhos. Simboliza a reflexão, a intuição. Somos nós não é?” (MENDES, 2015). Percebe-se, ao analisar as temáticas de suas publicações, que a logo estabeleceu um tom empresarial, comercial, visto os posts de merchandising e os

¹⁷ Disponível em: <<http://blogdospernes.com.br/entrevista-inedita-julyana-a-mae-de-sete/>>. Acesso em: 09/01/18.

eventos dos quais trabalha e participa. Esse aspecto pode ser comprovado também quando, em sua biografia do Instagram, ela compartilha o contato do seu assessor e consultor comercial, Giulliano Carneiro.

“Julyana Mendes, mãe de sete filhos, arrasa com a invejável boa forma física, nas redes sociais”. É assim que começa uma matéria do jornal Correio da Manhã¹⁸ (2017). Seria este o ideal de mãe? Uma referência à maternidade protagonizada nas redes sociais? Na entrevista, ela conta, ainda, que dispõe da ajuda de uma empregada para organizar a casa e as demais tarefas são divididas entre ela, o marido e o filho mais velho. Fala que ela prepara sua comida e de seus filhos e "refrigerantes, nuggets e 'comida de plástico', não entram cá em casa" (CORREIO DA MANHÃ, 2017). A blogueira acrescenta: “Às vezes quando as mulheres se tornam mães deixam de se preocupar com o corpo e de gostar de si próprias e temos que cuidar na mesma do nosso corpo” (CORREIO DA MANHÃ, 2017). Mas imaginamos a vida de uma mãe de classe baixa/média, tendo que trabalhar, estudar e cuidar dos filhos. Nem sempre essa mãe recebe ajuda de familiares ou tem condições financeiras para arcar com a ajuda de uma babá ou empregada. Essa mãe estaria realmente deixando de cuidar do corpo por escolha ou porque não teria tempo ou situação financeira favorável para se dedicar a isso? As mulheres com esse perfil são a maioria e, nesse quesito, Julyana é a exceção. Uma realidade discrepante se comparada à de Alessandra Costa de Souza, dona de casa e também mãe de sete filhos, sendo um deles diagnosticado com leucemia, de acordo com Alan Alex (2017) no site Painel Político¹⁹. Neste caso, “a mãe relata que não consegue trabalhar porque sofre de asma e tem vivido de doações dos amigos e conhecidos da família” e que, segundo ela, “o marido conseguiu um emprego recentemente, mas ainda não estão conseguindo pagar as contas e dar uma alimentação saudável para as crianças”. (ALEX, 2017).

O que é a rotina da Mãe de Sete se comparada à de tantas outras mães que vivem realidades divergentes? Muitas seguidoras perguntam em suas fotos, principalmente nas voltadas para alimentação saudável, academia e fotos de biquíni, como ela consegue manter o corpo “sarado” e cuidar dos filhos. Ela chega a provocar inveja em suas fãs, pois enquanto ela consegue lidar com todas adversidades da vida, a mãe de um único filho mal consegue tomar um banho direito ou se olhar no espelho. Até que ponto a romantização

¹⁸ Disponível em: <<http://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/mae-de-sete-filhos-faz-sucesso-nas-redes-sociais>>. Acesso em: 09/01/18.

¹⁹ Disponível em: <<http://painelpolitico.com/em-goias-mae-de-sete-filhos-pede-ajuda-para-alimentar-as-criancas-um-deles-tem-leucemia/>>. Acesso em: 09/01/18.

da maternidade pode ser prejudicial para quem a segue? Seria este um reforço para a mãe, mulher, de estar sempre bem, feliz, magra e saudável, mesmo com a vida enlouquecendo? Dela ter que se desdobrar para ser uma mãe multitarefas, ainda que sua única vontade seja dormir, relaxar ou ficar sozinha?

Na publicação de outubro de 2016, a blogueira traz uma foto de seus filhos de uma van, sendo que os três da frente estão dormindo e as duas de trás parecem estar lendo, de cabeça baixa. Na legenda ela desabafa:

[...] Fui atrás de uma foto que tentasse retratar um pouco do que queria passar para vcs hoje. Eu não sou e nem quero passar para vcs que sou perfeita ou que aqui tudo funciona a mil maravilhas sempre. Recebi uma mensagem hoje onde umas mães discutiam a minha perfeição ou minha capacidade de dar dicas para mães. Um monte de absurdos. [...] Há poucos dias em uma palestra falei sobre a idealização das mães. Um dia me perguntaram aqui como eu faço para meus filhos não brigarem. E aí eu percebi algo, no mínimo curioso. Primeiro: quem disse que eles não brigam? Não discutem e às vezes até não saem no tapa? Já viram irmão não brigar? Eu não! Mas como eu vou, nesse momento, pegar o celular e tirar uma foto? E postar isso? Por não postar, parece que não acontece. Entendem? Não irei postar a cara feia do meu marido quando brigamos, ou a tristeza de um filho ao receber uma nota ruim. Nunca. Mas acontece. Falo de muitas dificuldades que eu tenho. Todos os dias digo como é difícil, como erro, como tento ajustar. Falo que chorei, que não dei conta, que exagerei. Mas o que incomoda muitas vezes é que posto quando dá certo, quando eles estão felizes, brincando. Quando estou treinando, quando saio para jantar com o marido, quando estou bem. Entendem? E isso pode passar a ideia de perfeito. Mas não é! Sou feliz sim! Agradeço a Deus a saúde das minhas filhas. Que saíram de uma UTI depois de 75 dias e terem nascido de 28 semanas. Agradeço todos os dias por ter condições sim de cuidar deles e de ter ajuda! Isso não faz de mim menos mãe. E nem esbanjadora. Faço desse Instagram um diário para eles, uma oportunidade de aprender e de compartilhar muita coisa. Recebo mensagens diárias de gente pedindo conselho. Respondo todos os directs e e-mails quando posso. Esse espaço é nosso e hoje é trabalho para mim. Responsabilidade. Essa foto eu posto para mostrar que não é perfeito. Mas a gente faz mesmo assim. Né? Somos todas assim. Mães. (MENDES, 2016).

A intenção do post e a explicação que ele traz geram um certo tipo de transparência de sua parte e podem provocar empatia junto a suas seguidoras. No entanto, há quatro aspectos que gostaríamos de mencionar, posto o que foi falado. Primeiramente, não é preciso publicar uma foto de um dos filhos em situação extrema ou de uma briga com o marido para mostrar os altos e baixos de sua vida: uma foto sem maquiagem ou de pijama bastaria, por exemplo, para dizer às outras mães “eu também acordo de cara lavada, com olheiras, e ainda assim, estou de pé para mais um dia”.

Um segundo ponto a ser colocado é que, analisando as mais de 4 mil publicações em seu perfil, poucas foram as que ela dizia estar indisposta, triste, chateada ou doente. Nenhuma delas apresentou uma foto associada a este sentimento/estado. Um exemplo é

uma publicação feita em março de 2017 em que ela dizia que precisava fazer uma pausa e descansar. Na imagem, ela traz uma foto dela olhando o mar, ao meu ver, de um dos ensaios realizados na praia. Em outra, ela conta que está doente, mas apresenta uma foto toda produzida cuja legenda diz “A grande pergunta que eu me faço e quero fazer para vcs é: se mãe não tem folga, se a gente não para, como é que se cuida? Né?” (MENDES, 2017), algo bastante contraditório.

Também vale ressaltar um terceiro aspecto: a blogueira agradece por ter condições de cuidar dos filhos e receber ajuda. Mas em nenhum dos posts da plataforma ela aborda de quem seria essa ajuda e como ela contribuiria para a sua rotina, principalmente, quando está viajando a trabalho, por exemplo.

O quarto ponto a ser ressaltado é que Julyana diz que faz do Instagram “Mãe de Sete” um diário para os seus filhos, o que, na nossa análise, não faz tanto sentido, visto que um diário conta sobre a vida cotidiana e, no canal, ela faz muita publicidade. A instagrammer disse, ainda, que responde a todos os directos e e-mails, sempre que possível. No entanto, visto que ela possui assessoria, o tempo de resposta aos seguidores deveria ser menor. Tentamos contato com ela em várias ocasiões e ela respondeu apenas em uma delas, devido à insistência da pesquisadora, mas ainda assim, sem sucesso.

Ser mãe é definitivamente um dos maiores desafios de ser mulher, mas cabe a cada uma saber de suas vitórias e dificuldades. Julyana acerta quando fala que devemos cuidar de nós mesmas, ainda que mães. No entanto, há problemas quando diz que deixamos de nos preocupar com nossa feminilidade, nosso corpo, nossos sonhos e de gostar de nós enquanto mulheres. Considerando que nossas prioridades mudam, nossa maior preocupação gira em torno de cuidar, se doar, de se dedicar a outro ser que depende quase que exclusivamente de nós, e, mesmo que haja suporte do pai da criança e dos avós, as adversidades vividas pela mãe no puerpério são únicas, pois cada mulher enfrenta a situação de uma maneira diferente e cabe a ela saber o que é melhor para sua família, seu filho e para ela mesma, longe dos paradigmas da sociedade.

Após a repercussão do projeto “Mãe de sete” nas redes sociais, Julyana se torna palestrante para contar sua trajetória de vida e discutir temas acerca da maternidade. O projeto, denominado @maedeseteconvida, é “um talk show descontraído, mas com muito conteúdo” (SYMPLA, 2017) em que ela entrevista diversos médicos e especialistas, como Cátia Damasceno e o ginecologista Evandro Oliveira.

Poder estar em cima do palco, e falar com vocês, acalmar, ajudar, ensinar e aprender é para mim uma missão, uma paixão, uma responsabilidade! [...] o @maedeseteconvida foi e é sempre especial, porque o evento é conduzido por mim em conjunto com muita gente legal para poder levar muita informação para vcs! Recebi tanta mensagem de gratidão, de carinho, mas acho que nem imaginam que depois de tudo a mais grata sou seu! (MENDES, 2017).

Dentre os temas abordados, estão a rotina com os filhos, papo de mãe, Mãe de Sete como negócio, transforme ideias em negócio, bem-estar infantil, moda infantil, suicídio e outros. De acordo com a revista *Veja SP*²⁰, “o cachê para cada apresentação custa cerca de 4.000 reais por hora” (ROSARIO, 2017).

Orgulho. É o que eu sinto quando vejo esse nome: Palestrante. Tenho muito orgulho de poder transmitir a minha experiência. O Projeto Mãe de Sete é muito maior que uma conta de Instagram. É uma oportunidade de viajar e de trocar experiências com vocês e em cada momento desse me arrepiar, me emocionar e de aprender sempre. Sempre aprendo com vcs. Sempre! Obrigada pelo carinho que recebo aqui, na rua, pelo eMail. De verdade. (MENDES, 2016).

Julyana Mendes elaborou também o projeto #empoderandomaes, em parceria com a fotógrafa Kakau Lossio. Segundo ela, “a ideia do #projetoempoderandomaes é falar de autoconhecimento, de empoderamento, da mulher que existe além da mãe!” (MENDES, 2017). No vídeo divulgando o projeto, disponibilizado no YouTube²¹, ela conta um pouco mais e convida suas seguidoras a participarem da campanha:

Eu acredito que quem não sabe se cuidar, não sabe cuidar do outro. A ideia do projeto é permitir, é incentivar essas mães a se amarem mais, a se conhecerem mais. [...] Eu sou mãe de quatro filhas, e eu sou exemplo pra elas. De que? De mãe? Não, eu sou exemplo de mulher, né. Então a mulher que se cuida, que se ama, que se arruma, que se conhece, que se precisar de um tempo para estudar, vai estudar, se precisar de um tempo para malhar, vai malhar, se precisar de um tempo para estar com eles, também, com o marido, então a gente não pode esquecer de todas as áreas da nossa vida, né, a gente precisa se amar nesse sentido também, olhando para as nossas necessidades. [...] A ideia do projeto então, é convidar você a se sentir também assim, empoderada. Reserve um dia, se cuide, faça uma foto bem linda e marque a gente! (MENDES, 2017).

Ainda sobre seu pensamento a respeito do projeto, ela fala que estar empoderada é olhar para si e se conhecer. “[...] prioridade é saber o que dentre as suas metas é prioridade. Se for, você faz e não encontra desculpa. Faz com sono, com medo, apesar do

²⁰ Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/mae-de-sete-fitness/>>. Acesso em: 09/01/18.

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=da_4G4MJajI>. Acesso em: 12/01/18.

stress, dos filhos, do tempo. A gente arranja tempo: 30 minutos, mas arranja”. E complementa:

Precisamos aprender de forma definitiva que ser boa mãe é estar bem com a gente. Não é atender a todas as necessidades dos filhos, do marido, da casa e esquecer daquela por onde tudo começa, e se organiza: você!! E estar bem é se amar, se conhecer, arranjar um tempo para vc. Não é viver rindo o tempo todo. Ninguém vive assim! Estamos sempre com preocupações, com culpas, com sensação de impotência. E isso faz parte. Mas o que eu quero dizer é: mesmo com tudo isso, ache o seu tempo. Aquele tempo sagrado para você cuidar de você. Seus filhos agradecerão! Acredite!! (MENDES, 2017).

Atualmente, seu perfil no Instagram possui mais de 275 mil seguidores e aproximadamente 5 mil publicações. Nota-se que ela não mantém seu feed organizado e nem uma paleta de cores previamente selecionada. Publica fotos de ótima e média qualidade, mas com pouco ou nenhum filtro. Segundo o site Estrelas Profashional²², que atua como assessoria comercial de influenciadores, o público da Mãe de Sete é composto, em sua maioria, por mulheres de 18 a 54 anos.

Sobre a melhor característica do Instagram, ela conta para o blog ‘Super Mãe Ativar’ (2016) que:

Pra mim é a quantidade de informações, a troca, as mensagens. De repente, na sétima filha, me vi fazendo a introdução alimentar dela de um jeito totalmente novo. Passei a seguir instas de nutricionistas, a aprender. A gente se identifica com os perfis de outras mães, testa receitas e elas dão certo. Isso é fantástico. Claro que existem extremos, loucuras. Já recebi mensagem do tipo “como assim sua filha mexe na comida?”, mas acredito que cada um sabe do seu, do que dá certo. Acho muito legal quando recebo uma mensagem de uma mãe dizendo “que bom ver isso aqui e saber que não estou surtando sozinha”. A melhor coisa é que nos identificamos e viramos quase uma comunidade. (SUPER MÃE ATIVAR, 2016).

A pior característica da rede social seria também ligada à relação com as seguidoras:

Sem dúvida, é a tirania das mães contra outras mães. O julgamento do “não pode isso, não pode aquilo”. Pior que são pessoas que tem filho, sabem as dificuldades da maternidade e mesmo assim vão lá e ficam metendo o dedo na ferida da outra. (SUPER MÃE ATIVAR, 2016).

²² Disponível em: <<http://www.profashional.com/estrelas/influenciadores.html>>. Acesso em: 12/01/18.

Sobre as fotografias publicadas no Instagram, percebemos que Julyana tem o cuidado de quais imagens publicar na rede. As fotos das crianças são sempre vestidas ou com roupas de banho, sorrindo, se divertindo, estudando, posando — em alguns momentos, para posts publicitários —, apenas duas fotos de sua caçula podem ser categorizadas como seminuas, uma mostra a região peitoral e a outra, parte do bumbum, que está quase todo coberto por uma toalha. A blogueira conta para Juliana Dantas (2016), do blog Super Mãe Ativar, que não faria uma exposição negativa dos seus filhos, não denegriria a imagem deles publicando uma foto de uma das crianças chorando ou em uma situação atípica, diferente de Rafaela Carvalho, que já postou fotos de sua filha chorando, por exemplo, em que a legenda falava exatamente sobre as redes sociais mostrarem uma vida perfeita, longe do que ela realmente é. Neste cenário são perceptíveis contradições, pois Julyana sempre mostra seus filhos felizes, mesmo que a descrição da legenda apresente alguma dificuldade da maternidade.

Nas legendas, a blogueira escreve em primeira pessoa, como se conversasse com uma amiga, sempre relatando o seu cotidiano e fazendo perguntas aos seus seguidores. Essa postura gera envolvimento dos fãs, logo, diversas interações. Neste mesmo contexto, após a evolução do canal, ela começou a fazer publiposts de papelaria, lojas de roupas, óculos, sapatos e principalmente, da escola das crianças @galos_br, com posts quinzenais. Observa-se que as quatro filhas fazem mais propagandas, principalmente, de moda infantil. Em 2017, por exemplo, as trigêmeas participaram de desfiles de moda. Nos posts publicitários, Julyana usa linguagem informal e velada para divulgar as marcas, nem sempre sinalizando com as tags #publi ou #publipost os seus anúncios. Em quase todas as postagens de 2017 e 2018 notamos que aparecem marcas, mesmo quando faz publicações sobre seu estado de espírito, ela menciona algum produto que esteja usando.

Com a repercussão do projeto @maedesete, sua família acolheu a ideia, criando os perfis @paidese7e, que mostra o padastro e pai da última filha da digital influencer exercendo seu papel na família, perfil criado com a autorização dos pais das outras crianças, segundo a revista Veja SP (2017); @mariasdese7e, gerenciado pela mãe, onde são publicados fotos das quatro filhas chamadas Marias, em sua maioria, de posts publicitários; @luis_irmaode6, perfil do filho Luiz Felipe, de 13 anos; e @pedrovilasboas6, o mais velho.

Além de administrar as redes sociais dos filhos menores, Julyana também possui uma página no Facebook. No início, fazia publicações no Snapchat, quando a rede estava

no auge, em seguida, migrou para o YouTube, onde tem um canal, e sempre faz conteúdo para o Stories no Instagram. Vale lembrar que, antes de focar especificamente no nicho maternidade, ela participou de um projeto do no YouTube chamado "Em suas marcas", com vídeos voltados para saúde, bem-estar, moda fitness e exercícios físicos, que foi finalizado em 2015.

A blogueira faz uso de diversas hashtags. Dentre elas: #superfamília, #historiadossete, #tresmarias, #dietadegravida, #mundomaterno, #amordeirmão, #amamentaçãodabia, #desfraldedabia, #rotinamaedesete, #maedesete, #maedemuitos, #videosdamaedesete, #7perguntascomamaedesete, #feriasdamaedesete, #dilemasdamaedesete, #maedeseteviaja, #mãesemmovimento, #rotinadamaedesete, #maedesetecapaderevista, #lookdamãedesete, #maedeseteconvida e #empoderandomaes. Nota-se que em quase todas publicações ela utiliza tags para atrair seguidores e construir uma comunidade de fãs. Agora, com a possibilidade de segui-las, ficou mais fácil para quem se interesse em conhecer sua história, bem como algum outro assunto ou projeto relevante da blogueira.

No canal, podemos observar ainda a divulgação de diversos perfis de outras mães, às vezes, com textos creditados, outras contando a história delas como mães, divulgando livros ou fazendo alguma menção. Registramos os igs @jeitinhodemaes, @blog_falamaria, @alegarattoni, @vidaposparto, @mamae6estrelas, @maeforadacaixa, @demaeparamamae, @maezice, @a.maternidade, @maesemsuperacao, @mamaeebebedeaz, @paidasmarias, @papomaterno, @infanciaematernagem, @manualdamamae, @mamaedemuitos, @meuladomaterno, @supermaeativar, @jeitinhodemaes, @faby_mamaedegemeos e @maequeroser, que variam de 1,5 mil a 380 mil seguidores. Em virtude das indicações, as mães expandem seu perfil, ou marca, em alguns casos. Elas se aliam uma à outra e, visto que os usuários que as seguem se interessam pelo conteúdo em comum (maternidade), poderão se interessar por sua história, texto, fotografias, e segui-las também. Dessa forma, a divulgação de igs, ou parcerias, fortalece sua imagem e aumenta as métricas do Instagram.

Por fim, destacamos as palavras de Julyana sobre o dever de demonstrar sinceridade e clareza diante de seu público. Argumento eloquente, todavia, por vezes insustentável. Afinal, os filtros virtuais determinados pela blogueira, em sua maioria, tendem a camuflar a realidade.

[...] quero que saibam que me preocupo com cada palavra que posto aqui pois tenho noção da responsabilidade que assumi. Sou mãe de sete. Todos os minutos da minha vida. E essa é a missão mais importante de todas. Mas estar aqui também é uma missão. Uma linda missão que me completa e que amo. (MENDES, 2016).

2.2 A Maternidade, por Rafaela Carvalho

O Instagram “A Maternidade” foi criado em janeiro de 2016, pela curitibana Rafaela Carvalho (33), formada em nutrição. Ela vive em San Diego, na Califórnia, há aproximadamente 10 anos. É mãe de 3 filhos e, neste momento, está esperando o quarto, se dedicando a ser mãe, esposa, blogueira, escritora e freelancer.

Em uma de suas primeiras publicações na plataforma, Rafaela divulga a criação de seu perfil como “o projeto mais adiado de sua vida”, pois, apesar da constante falta de tempo, dos 3 filhos, marido, trabalho e tarefas de casa, agora havia decidido se tornar blogueira. Segundo ela, “@a.maternidade envolveria um pouco de tudo. Vida de mãe, relacionamento, viagens, sentimentos, caos, sarcasmo, e todo o resto” e que este espaço seria como “uma comunidade, um grupo de apoio” para outras mães. (CARVALHO, 2017).

Aqui divido muitas palavras e cenas da minha família. Meus medos, meus erros, meus acertos. Fique a vontade para dividir os seus também. Aqui pode tudo, só não vale julgar outras mães. Tenho no meu coração que estamos todas tentando dar o melhor de nós. Às vezes marcamos gols de placa. Às vezes a bola vai pra fora quando estamos cara a cara com o gol. E não tem problema. É assim mesmo. É assim comigo, é assim com você. O meu maternar jamais será melhor que o seu, e vice-versa. Puxe uma cadeira, traga o seu café, vinho, cerveja, seja lá qual for a sua praia, e vamos chorar juntas dos dias difíceis e dar boas risadas das falhas épicas. Por aqui somos todas mães. De carne, osso, e puro coração. E por isso, por aqui a gente se entende! (CARVALHO, 2017).

De acordo com a escritora, ela começou a escrever pois tinha tudo a ver com seu trabalho, voltado para mídia social, porque se interessa pela escrita e sempre aconselharam a escrever. “Resolvi começar a escrever, um pouco foi por diversão, um pouco por trabalho (eu trabalho com mídia social voltado para este público), um pouco foi por terapia, e um pouco porque sempre escutei que escrevo bem” (CARVALHO, 2016).

Com o decorrer do tempo e a conquista de seguidores, várias pessoas passaram a se interessar cada vez mais pelo seu perfil, a fazer elogios ou críticas e a pedir que ela

abordasse assuntos mais práticos, como, por exemplo, dicas de produtos, introdução alimentar e histórias da família. Logo, Rafaela viu a oportunidade e necessidade de utilizar diferentes plataformas para falar sobre variados assuntos, facilitando a distribuição do seu conteúdo de acordo com o gosto do seu público. À página do Facebook seriam destinados os textos mais longos; ao Instagram, textos menores, com dicas e histórias do cotidiano; e, no Snapchat, alguns vídeos sobre o dia a dia, que, por fim, migraram para o Insta Stories.

Em seu canal, ela tenta sempre um diálogo com suas seguidoras, buscando agradar de acordo com a plataforma mais relevante para elas. Em uma enquete, feita em um post de 2016, ela explica o por que de não fazer vídeos (até o presente momento) e pergunta, se ela comesse, qual a rede social seria a preferida. Na votação estavam o Facebook, Instagram Stories, YouTube e SnapChat. Em primeiro lugar ficou o Stories, em seguida o YouTube e, respectivamente, o SnapChat e o Facebook.

Em outra publicação, ela faz um alerta, provavelmente em razão de alguma crítica que recebeu ou observou em outro perfil, sobre o filtro que as mídias possuem. “A internet tem esse poder de colocar uma cortina entre a pessoa que escreve e a pessoa que lê.” (CARVALHO, 2016). Posto isso, ela expõe sua opinião, de que muitas vezes as pessoas interpretam a mensagem de uma forma diferente da qual quem escreveu pensou. E ainda assim, ao invés de tentar se colocar no lugar do outro, ou perceber que cada indivíduo é único, e sua vida, por mais pública que seja na web, é particular, criticam e se esforçam para denegrir a imagem deste outro alguém.

Antes de digitar o seu comentário, tire a cortina dos olhos, e tente se colocar na mesma situação na vida real. Será que você usaria as mesmas palavras? Na dúvida, não escreva. Afinal, existe sempre a maravilhosa, linda, gostosíssima, tudo de bom, exuberante opção a: Siga sua vida normalmente e seja feliz! (CARVALHO, 2016).

Nesse mesmo contexto, em 2017, Rafaela reafirma suas palavras anteriores: “Nas redes sociais existe uma linha frágil, tênue, quase tentadora de cruzar, que separa a vontade genuína de ajudar o próximo, da busca de aceitação e atenção. O ego infla e por vezes sai do nosso controle” (CARVALHO, 2017). Ela divaga sobre as relações interpessoais nas redes sociais, sobre o materno de cada mãe ser singular e único, sobre o virtual e o real, e a responsabilidade de cada post, já que este, depois de publicado, pode influenciar outras mães e interferir em suas vidas. Por isso, ela se desculpa:

Muitos textos eu leio, releio, penso duas vezes. Nem sempre é simples expor a opinião sobre determinado assunto sem ferir quem pensa diferente. É difícil, mas está longe de ser impossível. Quando um único post carrega o potencial de alcançar milhares de outras mães, mães cujas dificuldades e batalhas nós desconhecemos, este post leva com ele uma grande responsabilidade. Tenho consciência que posso ter falhado mais de uma vez. E por isso peço desculpas. (CARVALHO, 2017).

Em setembro de 2016, Rafaela contou a história do blog, o início de tudo. “Sempre gostei de escrever mas confesso que achava esta história de blog meio nerds. Intimamente tirava sarro de quem fazia. Língua fala, língua paga, e hoje aqui estou eu”. No post, a escritora conta que quando sua filha (Zara) nasceu, sua individualidade tinha se esvaído, que os três primeiros meses pós-parto foram inimagináveis. Relata que ela via diversas mães engrandecendo o puerpério, embelezando a maternidade e enaltecendo que depois do nascimento do filho tudo eram flores, mas com ela foi o contrário. “Tinha dias que eu chorava de alegria ao admirar o olhar inocente da minha bebê, mas muitos foram os momentos em que o que eu mais queria era ver aqueles olhinhos bem fechadinhos e dormindo a noite inteira” (CARVALHO, 2016). A partir de então, Rafaela começou a escrever, porque se questionava onde estariam as mães que falavam sobre maternidade real. “Porque pintamos por ai uma imagem onde o pós parto é um sonho, e a maternidade é feita de dias doces, como se o maior amor do mundo não trouxesse também culpa, insegurança, e frustrações?”. Ainda neste período, o perfil atingiu 25 mil seguidores.

Revelando a mulher por trás da blogueira, Rafaela descreve que engravidou do seu primeiro filho, Caetano, antes de completar 18 anos. Casou grávida e se divorciou anos depois. O processo de separação durou mais de um ano, entre idas e voltas. Neste mesmo período, o pai da blogueira faleceu inesperadamente quando o Caetano tinha apenas 2 meses e sua mãe também faleceu logo em seguida. Tendo em vista a situação em que se encontrava, após vender o apartamento com seu ex-marido, ela decidiu sair da cidade, fugir dos seus problemas. “Quando se é nova, imatura e no meio do olho do furacão, clareza não é algo fácil de encontrar. Até que criei coragem, me separei e fui viajar. Literalmente no mesmo dia. Arrumei as malas e fui direto para o aeroporto.” (CARVALHO, 2016).

Depois de mais de um mês viajando com seu filho, chegou à Califórnia, onde conheceu o João, que morava fora do país há anos e, segundo ela, não tinha planos para voltar para o Brasil. Namoraram à distância, mas viram que não daria certo desta forma.

Namoramos um pouco a distância e logo vimos que desta forma não daria certo. Meses depois me mudei para San Diego. De mala, cuia, e filho. Cae com 3 anos, eu com 23. O que para a maioria das pessoas parecia irresponsabilidade e loucura, deu certo. (CARVALHO, 2017).

Depois de 3 anos morando juntos e convivendo dia após dia, foi feito o pedido de casamento. Casaram-se no cartório, na semana seguinte, de uma forma descomplicada e simples, muito diferente do seu primeiro casamento, que saiu até em revista.

Anos depois veio o Dom. E quando o pequeno tinha apenas 4 meses e meio de vida, ela descobriu que estava grávida novamente. Tensa, após o teste de farmácia ter dado positivo, ela marcou uma consulta médica, pois sua menstruação ainda não havia descido e ela amamentava exclusivamente. A ecografia confirmou que Zara estava a caminho.

Chorei muito. Uma mistura de emoções. Medo, alegria, tristeza, ansiedade. Sai do médico e fui direto pra casa. Lá estava o João. Olhei para ele, ele olhou pra mim. Nem precisamos dizer nada. Nós dois começamos a rir. Uma risada meio sem jeito, mais cheia de medo do que qualquer outra coisa. Os dias foram passando e aos poucos fomos nos acostumando com a notícia. Quando descobrimos que seria uma menina, eu quase pulei da maca para dar um beijo na técnica do ultra-som. Já o João (nas palavras dele mesmo) sentiu que todos os cabelos brancos de sua cabeça estavam se multiplicando. E em Setembro de 2015, quando o nosso caçula tinha acabado de completar 1 ano, a Zara nasceu. Ela veio para completar nossa família e para me mostrar, mais uma vez, que os planos de Deus são infinitamente melhores do que os nossos. (CARVALHO, 2016).

Em 2017 a família decidiu se aventurar. Venderam os carros, alugaram a casa de 4 quartos e compraram um motorhome de 26 pés. A viagem duraria 1 ano e seria compartilhada em outro perfil, o @diariodeummotorhome, e no canal do YouTube 'Diário de um Motorhome'. No Instagram 'A Maternidade', Rafaela, que tinha prometido não divulgar vídeos e assuntos da viagem, redirecionando-os para as outras redes, acabou se rendendo. A blogueira parece não ter conseguido conciliar tantas tarefas e o ig ficou em segundo plano, com apenas 22 publicações. No YouTube, o canal possui 9 vídeos, 3.151 inscritos e atingiu 106.861 visualizações.

Durante a jornada, a blogueira esclarece em 3 publicações questões que seriam perguntadas com frequência. Ela relata que seu filho mais velho, chamado frequentemente de Cae, sempre estudou em escola pública americana e que nela oferecem a opção de um programa 100% online, onde seria possível assistir às aulas e fazer os

exercícios e provas de acordo com sua nova rotina; que teriam acesso à internet tanto no celular, quando no notebook, para os estudos do filho; dormiriam em campings pagos e gratuitos, de acordo com a segurança do local; ela daria continuidade ao seu trabalho; o custo de vida teria sido reduzido para metade, já que a casa estaria alugada e o próprio aluguel supriria os gastos e ainda sobriaria um valor, além de não terem mais contas fixas nem teriam de pagar o financiamento dos carros e nem mesmo seguro; e que iriam improvisar o roteiro, de acordo com os pontos já planejados.

Depois de sete meses vividos intensamente, realizando sonhos e passando perrengues, a temporada de viagem chegou ao fim. Rafaela descobriu que estava grávida e Cae foi aceito em uma *high school* conceituada em San Diego. Percorreram 35 estados dos EUA, conheceram Parques Nacionais, praias, cachoeiras, pontes e monumentos. Devido ao aluguel de sua residência ser até fevereiro de 2018, alugaram um apartamento de 2 quartos, pois acomodariam a família melhor neste período de transição.

Em novembro de 2017 foi lançado o livro *60 dias de neblina*, que, segundo a autora, seria uma coletânea de textos inéditos, textos antigos que foram reescritos, versões originais de textos já divulgados no Instagram, 225 páginas de desabafos, alegrias, anseios e muita emoção. “A verdade é que há muita história por trás de cada produto feito em casa, por pessoas ‘pequenas’, como eu, como milhares de outras mães por este mundão. Produtos que criam forma graças ao esforço movido pelo mais feroz e mais incrível dos incentivos: Um sonho.” (CARVALHO, 2017).

Recentemente, a blogueira divulgou um post redirecionado para empresárias, palestrantes, especialistas e doulas. Nele, ela informa que abriu pedidos para revenda do livro. “Quero muito encontrar mais e mais vias de fazer com que esse livro chegue nas mãos de mães e gestantes. [...] O livro tem sido um sucesso de vendas, e a melhor parte, ele tem feito bem ao coração de quem lê, é uma mistura diferente de riso e choro.” (CARVALHO, 2017).

Atualmente com cerca de 118 mil seguidores (com um crescimento de aproximadamente mil seguidores por dia, de acordo com o que foi observado) e 673 publicações, a blogueira mantém seu perfil de maneira simples e organizada. Observa-se que todas as fotos publicadas em seu feed são de ótima qualidade, com o mesmo padrão de filtro e uma paleta de cores que procura sempre manter a cor branca.

Considerando a análise, ela intercala as imagens entre as fotos dos filhos menores, somente de um deles (em sua maioria, da Zara), fotos dela com as crianças, em ambientes

neutros e ambientes mais excêntricos, como o mercado. Poucas são as fotos com seu marido ou dele com as crianças, talvez porque, pelo que foi observado, o assunto central seja a maternidade, o maternar, o foco na mãe. Dessa forma, não se abre espaço ou é dada oportunidade para mostrar como é a paternidade em sua família, apenas em alguns posts específicos, principalmente sobre os períodos em que seu marido se encontra doente.

Ainda neste cenário, nota-se um cuidado peculiar com a imagem dos filhos, diferente da Mãe de Sete. Rafaela publica fotos das crianças seminuas (de fraldas, calcinha/cueca ou biquíni/sunga) ou nuas de costas, mesmo que sua conta seja pública (aberta para que qualquer usuário possa acessar). Com isso, demonstra uma preocupação maior com o que vão pensar sobre seus posts do que sobre o que podem fazer com suas fotografias, visto que a criminalidade virtual também existe e, na maioria das vezes, é silenciosa.

Dada a situação e a análise do canal, observamos que, depois do abuso sexual de uma menina, que aconteceu em um mercado da cidade de Porto Alegre, Rafaela se posiciona sobre a violação contra a mulher:

“Ninguém toca o seu corpo sem a sua autorização, estamos entendidos?” Quantas vezes essa frase foi repetida nos lares desse mundo à fora? Acredite, eu adoraria que esse tipo de conversa fosse desnecessária. Adoraria viver em um mundo onde não precisasse me preocupar com a integridade física e emocional da minha filha de 2 anos. [...] Quando esse tão sonhado dia chegar, trataremos o corpo com a naturalidade que ele merece ser tratado. Diremos aos nossos filhos que ele não passa de um envoltório. Que bumbum todo mundo tem, e que adultos só tocam em crianças com o intuito de fazer cócegas, arrancar risos, ou dar carinho puro. [...] Conheço os mesmos medos que outras milhares de mães, temo a maldade ainda tão real e tão próxima. E é justamente porque a malícia mora nos olhos de quem vê, que somos reféns, responsáveis por cuidar daqueles cujos olhos são inocentes demais para enxergar. (CARVALHO, 2017).

Apesar desta mobilização, ela continua publicando imagens dos seus filhos que são suscetíveis a apropriação indevida, seja envolvendo pedofilia ou uso indevido de imagem, reafirmando o que foi dito anteriormente.

No post de abril de 2017, ela mata a curiosidade das suas seguidoras e conta que a maioria das suas fotos são tiradas do seu celular Iphone (de acordo com o que foi percebido em outros posts) e que, para edição, ela utiliza o Lightroom da Adobe, alterando a iluminação, cores, contraste e highlights. Ela dá a dica:

O truque também é cuidar com o fundo, com os detalhes. Não fica legal uma foto com uma criança linda mas com a geladeira aberta atrás. Fotos ao ar livre ficam sempre melhores (por causa da luz). Desligue o flash. Alinhe o fundo. Por exemplo, se a criança está sentada em uma muretinha. Deixe todas as linhas retinhas, enquadre direito. São estes pequenos detalhes que fazem toda a diferença. (CARVALHO, 2016).

A imagem de perfil da blogueira se tornou sua logo. Observamos que, além do Instagram, ela está presente no blog *60 dias de neblina* e na capa da fan page do Facebook. A foto é posada e profissional, romantizada. Mostra pouco do que é “esperar quando se está esperando”. Não mostra o cansaço, o cabelo desarrumado, o inchaço, as novas marcas da gestação. Aparece apenas a beleza, a serenidade e a plenitude de quem está esperando mais um filho e que, apesar disso — afinal, não é o primeiro —, está graciosa. Essa postura mostra-se contrária à que ela vem defendendo em seus textos, sobre maternidade real.

Nas publicações do canal, ela aborda diferentes assuntos que têm relação com a maternidade. Dentre eles estão:

1. Seu cotidiano e curiosidades da sua rotina;
2. Situações em evidência no mundo, por exemplo: quando Dilma foi afastada da presidência; quando Donald Trump foi eleito o presidente dos EUA; sobre a menina que foi abusada sexualmente no mercado por um pedófilo na cidade de Porto Alegre-RS; ou quando o segurança Damião Soares ateou fogo na creche Gente Inocente, na cidade de Janaúba-MG;
3. Textos de outras mães, com créditos à autoria, dentre elas estão: Ananda Urias (@maezice), Marla Lüdtkke (@marlaludtke), Carol A. (@infanciaematernagem), Thaís Vilarinho (maeforadacaixa), Fernanda Marques (eagoracinderela) e Julyana Mendes (@maedesete). Neste caso, percebo que todas as mães citadas acima são bem conceituadas na plataforma, com mais de 20 mil seguidores — volume acima dos seguidores da Rafaela. Duas delas já lançaram livros sobre maternidade e outras duas trabalham palestrando ou na área infantil. É uma rede de mães “conhecidas”, influenciadoras de opinião. Ainda observamos que elas se conectam pois possuem conteúdos informativos que geram alto volume de engajamento. Assim, quando uma divulga a outra, aumenta a possibilidade de alcance e o número de interações de sua conta. Nesse contexto, a maternidade percorre um caminho de turvo entre o que é real e o que é

protagonizado. Entendemos que, muitas vezes, a maioria das mães tenta mostrar o mais perto do que podemos considerar real, mas, muitas vezes elas erram ao considerar o que expor e o que não expor, além de mostrar que tudo é muito bonito o tempo todo. Afinal, a teoria é sempre diferente da prática e nenhuma maternagem é igual à outra.

4. Dicas de produtos veganos, sem ser publiposts.

É possível verificar que, na maioria das vezes, as imagens publicadas não condizem com o assunto que é tratado. Nesses casos, a foto é um chamariz para o texto, sendo este, o principal conteúdo do Instagram.

Ademais, Rafaela faz o uso de algumas hashtags, como: #nossomotorhome, #nossomotorhomevideos e #motorhomeperguntaserespostas, para divulgar o projeto de sua família ‘Diário de um motorhome’; #dormasculinamutante, para falar sobre os períodos em que seu marido está com alguma possível doença; #odesfraldedodom, referente às tentativas da retirada da fralda do seu filho do meio; #amaternidadeolivro e #amaternidadelivro para divulgação do seu livro, dentre outras.

Por fim, destacamos um agradecimento especial da blogueira acerca do Instagram ‘A Maternidade’, que mostra uma forma de dar satisfações aos seguidores sobre a dificuldade de responder às mensagens.

Sou muito grata por este espaço, pelos recados que chegam, por escutarem os meus desabaços (que várias vezes também são os seus), pelo carinho com a minha família e com o meu trabalho. Se eu não respondo todas as mensagens é porque estou trocando fraldas, beijando dodóis, ou trancada no banheiro contando até um milhão (o 10 já parou de servir quando nasceu o segundo filho). Para quem está aqui a mais tempo, o mínimo que posso dizer é muito obrigada. Para quem chegou agora, vá entrando, jogue no chão o brinquedo que esqueci em cima do sofá, se acomode, e seja bem vinda. (CARVALHO, 2017).

3 MATERNIDADE, CUIDADO E TRABALHO

Assumimos a reflexão de que os significados atribuídos à maternidade estão vinculados às representações acerca das funções da mulher na organização de uma sociedade em específico. Compreendemos também que tanto os significados a respeito da maternidade quanto as representações sobre as funções das mulheres são produtos de uma determinada cultura, entendida aqui como o conjunto de valores, princípios, tradições, visões de mundo, hábitos que influenciam o modo de pensar e agir dos sujeitos e forjam sua identidade social (MINAYO, 1992).

Entendemos ainda que a cultura é historicamente construída, ou seja, assume dinamicidade e mutabilidade no âmbito das complexas relações sociais desenhadas a partir de uma sociabilidade que se processa no tempo e no espaço (MINAYO, 1992). Consideramos, nesse sentido, que as relações sociais são frutos de uma sociabilidade que é instaurada para organizar a vida em sociedade no que se refere ao processo de produção e reprodução do ser social (LESSA, 1999).

Assim, se os significados atribuídos à maternidade e às funções das mulheres são produtos da cultura e se esta, por sua vez, é produto do conjunto das relações sociais processadas para realizar um determinado modo de sociabilidade, compreendemos que é necessário inscrever o debate acerca dos significados da maternidade (e das funções das mulheres) no debate sobre a sociabilidade capitalista – que atravessam a sociedade brasileira na contemporaneidade.

Diante disso, o primeiro item do capítulo abordará o debate em relação ao processo de produção e reprodução material e cultural do ser social no modo de produção capitalista, que esclarecerá os princípios das relações sociais que influenciam na (des)construção dos significados acerca da maternidade (e das funções das mulheres).

No segundo item do capítulo, apresentaremos, especificamente, o debate em relação aos significados da maternidade e das funções atribuídas às mulheres, na perspectiva de explicitar conceitos que contribuam para a construção de nexos entre tais significados e funções e o conjunto das contraditórias relações sociais capitalistas.

No último item do capítulo, problematizaremos a relação entre a mulher e a divisão sexual do trabalho, elucidando os limites para a expressão de suas necessidades e demandas, tanto no espaço público quanto no espaço privado destinado às mulheres.

3.1 A sociabilidade capitalista: o processo de produção e reprodução do ser social

O desenvolvimento dos processos de trabalho determina a organização de complexas relações sociais. A forma como os homens e mulheres se organizam para atenderem às suas necessidades configura, então, o modo de produção, associado, essencialmente, a produtos de uma sociabilidade marcada pelo trabalho (LESSA, 1999).

A consequente exploração de uma classe pela outra se torna essencial para o desenvolvimento do próprio modo de produção. Segundo Lessa (1999), a sociedade capitalista é marcada pela divisão da sociedade em duas classes sociais: a classe que se apropria dos meios e frutos do trabalho e a classe que vende a sua força de trabalho (LESSA, 1999).

A intenção do trabalhador, ao vender sua força de trabalho, é apenas atender suas necessidades, garantir sua sobrevivência, assim como a mulher, submissa à obediência ao marido nas antigas estruturas familiares (LESSA, 1999). Assim, a relação entre as classes sociais é marcada pela exploração da força de trabalho da figura masculina, enquanto a feminina era redirecionada aos cuidados do lar e dos filhos. A apropriação privada dos meios e frutos do trabalho produz, então, as inúmeras desigualdades que marcam as relações sociais no âmbito do capitalismo (LESSA, 1999).

A hierarquização verticalizada e o exercício abusivo de poder (próprios da dominação) marcam a configuração das relações interpessoais entre o adulto e a criança, entre o homem e a mulher, entre o branco e o negro, entre o jovem e o idoso, por exemplo. Desta forma, naturaliza-se aquilo que é necessário para garantir a repetição do padrão de exploração entre as classes sociais. A necessidade de afirmar o poder se constitui como movimento de um dos polos da relação – enquanto o outro polo é coisificado, transformado em objeto para atender apenas os interesses particulares do outro.

Esconder também os nexos entre a acumulação de riquezas, a exploração da força de trabalho e a apropriação privada dos frutos do trabalho também é fundamental para o alcance dos objetivos. A produção de uma ideologia “com suas formas específicas, como a filosofia, a arte, a religião, a política etc” (LESSA, 1999, p. 26), é essencial para encobrir tais nexos.

A cultura dominante é, então, produzida e reproduzida para que as desigualdades sociais sejam compreendidas como problemas individuais. São os atributos pessoais e

comportamentos individuais identificados como causas dos sucessos e/ou dos fracassos dos sujeitos frente a sua performance social e/ou econômica.

Assim, são criados valores de ordem moral que são funcionais à reprodução da ordem do capital. Valores esses cunhados na ótica do indivíduo, tendo em vista que o sujeito isolado é reconhecido enquanto eixo organizador de suas próprias relações sociais. A meritocracia, por exemplo, é um dos valores morais que conservam a cultura dominante que institui a lógica de que os privilegiados devem ser aqueles merecedores, pois são os que se esforçam para conquistar melhores posições sociais e econômicas. A competição também se constitui enquanto valor na medida em que é identificada como positiva para fomentar o crescimento e a mobilidade social do indivíduo. O indivíduo é, então, identificado como o grande super-herói, protagonista de sua vida cotidiana.

A transmissão da cultura dominante, recheada de valores morais, é importante estratégia na sociabilidade capitalista. A família, por exemplo, é identificada como instituição onde tal transmissão ocorre, sendo o primeiro espaço de socialização dos sujeitos.

No modo de produção capitalista, a família ideal é aquela composta pelo pai, mãe e filhos. A família nuclear tem a tarefa, então, de prover os meios para a garantia do sustento material dos seus membros e, essencialmente, transmitir valores que mantenham a cultura dominante. À mulher é delegado um papel específico na família nuclear burguesa: de cuidar de seus membros e educar os infantes, enquanto o homem é reconhecido como provedor e responsável pelo sustento material da casa.

O cuidado e a proteção não são apenas necessários para garantir a reprodução material da força de trabalho, mas para reproduzir hábitos e comportamentos favoráveis à disciplina do trabalho e, conseqüentemente, a produtividade daquele que vende sua força de trabalho. A família ideal e o lugar de “*rainha do lar*” da mulher, projeções do modo de produção capitalista, se contrapõem a outras configurações históricas e é apontada como modelo funcional ao desenvolvimento da industrialização e das grandes cidades urbanas.

As alterações dos processos de trabalho no bojo do modo de produção capitalista, que engendraram a reestruturação produtiva no final do século XX, atribuíram novos significados à função da mulher e, conseqüentemente, à maternidade. Vale destacar que a reestruturação produtiva foi levada a cabo para retomar o curso da acumulação do capital, em função da crise do petróleo, por meio de alterações significativas na forma de

produzir e circular bens e riquezas. Não mais baseada na produção centralizada e em larga escala, a reestruturação produtiva fragmenta a produção em médias e pequenas indústrias, substitui a mão de obra viva pela tecnologia, produz de acordo com a demanda e financeiriza a economia.

A necessidade de baratear a força de trabalho e capitanear trabalhadores polivalentes constroem demandas, dentre outras, de (re)ingresso da mulher ao mercado de trabalho. Não mais identificada apenas como “rainha do lar”, a mulher passa a ser reconhecida como capaz de contribuir na cadeia produtiva. Assim, emerge a idealização da mulher como aquela capaz de ser profissional, de adentrar no mercado de trabalho e ainda capaz de cuidar da casa e dos filhos.

É a partir do debate acerca da relação entre a sociabilidade capitalista e as funções idealizadas para a mulher que trataremos do debate acerca da maternidade no item a seguir.

3.2 Os significados da maternidade e as funções atribuídas à mulher

Conforme as reflexões explicitadas no item anterior, o desenvolvimento do capitalismo desenha significados específicos à maternidade. Gradwohl, Osis e Makuch (2014) afirmam que as mudanças trazidas pela industrialização dividem a esfera pública da esfera privada da família, atribuindo aos pais a responsabilidade de cuidar de seus filhos. No âmbito da vida privada, caberia à mãe a função exclusiva do cuidado e ao pai à tarefa de prover o sustento, estabelecendo diferenciação dos papéis entre homens e mulheres.

A maternidade é caracterizada, nesse contexto, não apenas como consequência do ato de gerar/parir, mas é constituída pela prática da maternagem, que englobaria não apenas a materialização dos cuidados para atendimento das necessidades básicas da criança, como também o direcionamento do afeto e amor para o desenvolvimento psíquico da criança (GRADVOHL; OSSIS; MAKUCH, 2014).

Tais funções, segundo as autoras, selaram a associação entre maternidade, maternagem e o ser mulher: “a maternagem passa a ser extremamente valorizada e os cuidados relativos a essa atividade passam a ser exclusivos da mãe” (GRADVOHL;

OSSIS; MAKUCH, 2014, p. 57). Selaram ainda a sexualidade da mulher à reprodução biológica.

A amamentação e alimentação, os cuidados com a higiene, o amor incondicional aos filhos são reconhecidos como deveres da mulher. Na cultura hegemônica, a maternidade e a maternagem foram compreendidas como tendências femininas inatas e instintivas: se as mulheres que geram e parem, possuíam contornos biológicos naturais para criar e educar as crianças (GRADVOHL, OSSIS E MAKUCH, 2014).

A legitimação e valorização da mulher na sociedade industrial perpassava, então, a sua aceitação da divina e nobre tarefa: ser mãe é cuidar com zelo dos novos cidadãos. Assim, como não havia fronteira entre o *ser mulher* e o *ser mãe*, não existia limite entre a *maternidade* e a *maternagem*.

Entretanto, a idealização do papel da mulher acerca da maternidade e da maternagem não correspondia, ainda no século XIX, à realidade concreta da maioria das mulheres trabalhadoras (SCAVONE, 2001a). As mulheres operárias também precisavam trabalhar para garantir o sustento dos filhos. Apenas as mulheres da classe dominante teriam condições objetivas de corresponder ao ideário da cultura hegemônica.

Segundo Scavone (2001b), a reação das mulheres frente às desigualdades sociais e sexuais vividas, capitaneadas pelo movimento feminista do século XX, impôs questionamentos aos padrões da maternidade que estavam sendo desenhados. As análises feministas nomeiam as múltiplas funções que a mulher deveria assumir como “dupla jornada de trabalho”, identificando que tanto a atividade no âmbito privado (maternagem, afazeres domésticos) quanto a atividade no âmbito público (emprego) deveria ser reconhecida como trabalho da mulher.

Além disso, os movimentos feministas contribuíram para as análises acerca do quanto o chamado amor materno seria um mito que serviria para encobrir as relações de dominação e violência perpetradas contra a mulher e perpetuar o machismo e a opressão que marcaram as relações de gênero.

Scavone (2011a) cita a produção de Simone de Beauvoir, que, em 1949, publicou o livro “Segundo Sexo”, que fundamentaria as lutas femininas até a contemporaneidade. Segundo a autora, nessa obra, Beauvoir afirma que “não se nasce mulher, mas torna-se mulher” (BEAUVOIR apud SCAVONE, 2011a, p. 138). Beauvoir, ao questionar a função da maternidade no contexto do pós-guerra, inaugura novos posicionamentos para

enfrentar as forças conservadoras que defendiam a família, a moral e os bons costumes que eram úteis à ordem capitalista.

A perspectiva da autora francesa critica o determinismo biológico que reservava às mulheres o destino social de mães. De acordo com Scavone,

A maternidade começava, então, a ser compreendida como uma construção social, que designava o lugar das mulheres na família e na sociedade, isto é, a causa principal da dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino. (SCAVONE, 2011a, p. 138).

A maternidade passa progressivamente a ser considerada, então, como chave de análise para compreender a dominação de um sexo sobre o outro e as desigualdades entre os sexos. A maternidade é assumida pelo feminismo como determinante para a exclusão da mulher do espaço público na medida em que ela é confinada ao espaço da gestação, do parto, da amamentação e do cuidado/educação de crianças.

O argumento do feminismo de que não é o fato biológico da reprodução que determina a posição social das mulheres, e sim as relações de dominação que atribuem um significado social à maternidade, ganha suporte com a expansão das novas tecnologias conceptivas. Tais tecnologias, de acordo com Scavone (2011a), possibilitam questionar o destino biológico inevitável até então posto às mulheres em função de sua capacidade de gerar uma criança.

A possibilidade de optar pela maternidade, por meio do uso de tecnologias conceptivas, se constitui como importante aliado no debate sobre a dominação de gênero. A escolha ou a recusa de ser mãe significa para as mulheres, nessa perspectiva, a possibilidade de adequação entre a vida profissional e familiar.

A solução tecnológica para a reprodução humana revoluciona, então, o significado da maternidade na contemporaneidade. Além de desvincular a maternidade do destino biológico das mulheres, rompe também com a relação até então estabelecida entre sexualidade e reprodução.

O entendimento de que a dominação entre homens e mulheres somente poderia ser explicada social e não biologicamente avança no campo das ciências sociais e inscreve a maternidade no campo da construção e desconstrução das relações de gênero, ou seja, não era possível compreender a maternidade sem abordar a paternidade.

A maternidade assume o contorno do empoderamento das mulheres na medida em que favorece a construção da identidade feminina no mesmo território da construção da identidade masculina advinda do exercício da paternidade.

Assim, sistematiza Scavone:

A perspectiva de gênero nos possibilitou abordar a maternidade em suas múltiplas facetas. Ela pode ser abordada tanto como símbolo de um ideal de realização feminina, como também símbolo da opressão de mulheres, ou símbolo de poder das mulheres, e assim por diante, evidenciando as inúmeras possibilidades de interpretação de um mesmo símbolo. (SCAVONE, 2011a, p. 142).

A noção de parentalidade contribui, então, para que as análises sobre o processo de cuidado e socialização de crianças recaíssem para a relação entre elas e os adultos e não apenas para com a mulher. A parentalidade materializaria, então, a constituição do laço parental de todos os atores sociais envolvidos na tarefa de cuidar de crianças e não seria a priori uma especificação desse laço segundo o sexo. A cooperação seria a marca registrada da parentalidade, o que implicaria na distribuição equânime das tarefas vinculadas ao cuidado e educação das crianças e jovens.

Compartilhar as responsabilidades da parentalidade se inscreve no ideário do exercício da maternidade e da paternidade que, por sua vez, estão inscritas nas próprias funções da família na sociedade – em especial àquelas relacionadas a garantia do sustento material dos seus membros e a transmissão da cultura (SCAVONE, 2011a).

Vale destacar que as novas configurações do mercado de trabalho (terceirização, polivalência, trabalho informal, precarização de vínculos), impostas pela reestruturação produtiva realizadas no final do século XX, produziram novas exigências vinculadas à reprodução material das famílias, implicando em mudanças tanto nas formas de inserção da mulher no mercado de trabalho quanto na dinâmica para processar o cuidado dos membros da família.

Assim, a noção da parentalidade pode ser entendida, então, como uma expressão dialética do feminismo (que travou batalhas contra a desigualdade de gênero), da produção do conhecimento do campo das ciências sociais (que assumiu o processo de socialização e educação de crianças como objeto de análise) e também das significativas mudanças na composição, dinâmica e funções da família desde as últimas décadas do século XX.

No item seguinte, explicitaremos, dessa forma, os debates relacionados à divisão sexual do trabalho e suas conexões com a parentalidade.

3.3 A mulher e a divisão sexual do trabalho: limites no marco do capitalismo

A noção da parentalidade, já abordada anteriormente, foi construída no campo do movimento feminista e no âmbito das ciências sociais a partir das intencionalidades de que a associação entre a vinculação da figura da mulher com a maternidade fosse rompida e de que se instaurassem novas possibilidades de cuidado mútuo na esfera familiar.

Entretanto, a dinamicidade da realidade, marcada pela sociabilidade capitalista, reedita traços conservadores ao que se refere à forma como as relações de gênero são processadas na contemporaneidade. Biroli (2016) alerta que, apesar dos avanços alcançados pelo movimento feminista, “as mulheres continuam a dedicar mais tempo às tarefas domésticas e a ter rendimentos médios menores do que os homens pelo trabalho desempenhado fora de casa” (p. 720).

A autora argumenta que, apesar das mulheres terem alcançado maiores níveis de escolaridade, o padrão de rendimentos e a precariedade nas condições e relações de trabalho ainda expressam a desigualdade de gênero. Em especial no mundo do trabalho, Biroli (2016) pontua que mulheres têm sido alvos constantes de discriminação, que filtram o seu acesso a ocupações e patamares salariais equânimes.

Biroli (2016) pressupõe que a divisão sexual do trabalho doméstico impede que a mulher tenha tempo livre e obtenha renda compatível com suas necessidades. Ela afirma que tal trabalho doméstico impede ainda a participação da mulher na esfera pública, em especial na vida política.

Tal condição da mulher, de acordo com a perspectiva do debate, retalha o exercício de sua cidadania, reduzindo a possibilidade de expressão e negociação de suas necessidades e demandas tanto na esfera pública quanto na esfera privada.

(...) a divisão sexual do trabalho e as formas da construção do feminino a ela relacionadas fazem com que as mulheres, por serem mulheres, tenham menores chances de ocupar posições na política institucional e de dar expressão política, no debate público, a perspectivas, necessidades e interesses relacionados a sua posição social. (BIROLI, 2016, p. 722).

A autora nos ajuda a compreender que o significado atribuído à mulher e, conseqüentemente, à maternidade na sociedade capitalista, implicou na fragmentação entre *trabalho doméstico não remunerado* e *trabalho remunerado* no bojo da divisão sexual do trabalho.

A separação entre a casa e o trabalho compreendeu classificar o trabalho doméstico executado pelas mulheres (serviço prestado aos seus filhos e marido) como não remunerável e não produtivo. Tal característica evoca as relações patriarcais, marcada pela dominação da mulher pelo homem.

O trabalho que as mulheres fornecem gratuitamente, como aquele que está envolvido na criação dos filhos e no cotidiano das atividades domésticas, libera os homens para que se engajem no trabalho remunerado. São elas apenas que fornecem esse tipo de trabalho gratuitamente, e sua gratuidade se define numa relação, o casamento. É nele que o trabalho gratuito das mulheres pode ser caracterizado como não produtivo. (BIROLI, 2016, p. 726).

O casamento deslegitima, então, o valor do trabalho doméstico da mulher e desencadeia a construção das representações que é direito do homem se apropriar dos benefícios de tal trabalho. Tal lógica de direito de apropriação pelo marido do trabalho da esposa ultrapassa os muros do lar e adentra à esfera pública, na medida em que a exploração da força de trabalho feminina se espraia para todos os espectros da produção.

Não apenas é reproduzida no mundo do trabalho extrafamiliar, mas valida e corrobora a própria exploração da classe trabalhadora, a própria extração da mais valia operada pelo modo de produção capitalista. Processa-se a intercessão entre a questão de classe social e a desigualdade de gênero. Nas palavras da autora,

A divisão sexual do trabalho está ancorada na naturalização de relações de autoridade e subordinação, que são apresentadas como fundadas na biologia e/ou justificadas racialmente. Em conjunto, restrições que se definem pelo gênero, pela raça e pela classe social conformam as escolhas, impõem desigualmente as responsabilidades e incitam a determinadas ocupações enquanto bloqueiam ou dificultam o acesso a outras. (BIROLI, 2016, p. 737).

Frente às análises acerca do lugar construído socialmente para a mulher na sociabilidade capitalista, que implica perceber como são desenhadas as suas funções de esposa, mãe e trabalhadora, resta-nos indagar como as mulheres percebem e expressam as relações de desigualdades, exploração e dominação às quais são submetidas no espaço privado do lar e nos diversos espaços públicos.

Entendemos que desvelar suas percepções, em específico acerca da maternidade, oferece subsídios para contribuir com o processo de tomada de consciência acerca da opressão operada e, conseqüentemente, fomentar a produção de uma contracultura que reconheça a condição de cidadania da mulher e desencadeie lutas coletivas para romper com o ciclo de coisificação a que a mulher foi historicamente submetida.

4 METODOLOGIA

A presente investigação consistiu na análise comparativa dos significados de maternidade a partir da experiência de duas mães, além do tensionamento com a vivência da própria pesquisadora — fundamental no processo de produção desta pesquisa —, pensando o cenário sociocultural, econômico e histórico das instagrammers escolhidas.

Na análise comparativa, segundo Schneider e Schmitt:

É lançando mão de um tipo de raciocínio comparativo que podemos descobrir regularidades, perceber deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificando continuidades e discontinuidades, semelhanças e diferenças, e explicitando as determinações mais gerais que regem os fenômenos sociais. (1998, p. 49).

Os perfis de Julyana e Rafaela não foram escolhidos ao acaso. A pesquisadora já acompanhava os perfis e indagava se algumas questões apresentadas mostravam de fato uma maternidade mais próxima do real ou se o que está exposto na rede é somente aquilo que é relevante para elas, considerando a classe social dominante (alta) e a quantidade de filhos das mulheres escolhidas, visto que muitas das suas seguidoras possuem classe média (de acordo com o que foi notado nas interações) e, ainda, alguns aspectos são irrelevantes para mães de baixa renda.

Os perfis @maedesete e @a.maternidade possuem um número expressivo de seguidores (276.696 e 127.502, respectivamente²³), ainda que Rafaela tenha um público menor que Julyana. Elas apresentam popularidade e visibilidade elevada, além da representatividade, que é expressada por outras mães e mulheres nas interações.

Para compreender as perspectivas que as mães escolhidas têm da maternidade, foi necessário realizar um questionário destacando perguntas sobre o Instagram, divisão sexual do trabalho e aspectos gerais da maternidade, somadas a perguntas específicas para cada uma delas, considerando que Julyana é digital influencer e palestrante, enquanto Rafaela é escritora. O questionário construído contém 19 perguntas em comum para as duas mães, sendo 5 a mais para Julyana e 4 a mais para Rafaela (conforme pode ser visto no Apêndice A).

Tentamos entrar em contato com as duas, primeiramente, por meio de mensagens via Direct do Instagram da pesquisadora, o que não foi bem-sucedido. Na segunda

²³ Dados coletados em janeiro de 2018.

tentativa, foram enviados e-mails solicitando a contribuição para a pesquisa. Rafaela respondeu de imediato confirmando a colaboração, enquanto Julyana não assumiu uma posição. Novamente, tentamos contatar Julyana por meio dos comentários em suas fotografias na plataforma. Fizemos a mesma pergunta em cinco fotos postadas pela palestrante e, em uma delas, a Mãe de Sete garantiu que olharia o e-mail e nos daria uma resposta, o que não foi concretizado. Tentamos também contato com seu assessor e consultor comercial, porém, novamente sem sucesso.

Dada a dificuldade de contato com a digital influencer, nos vimos na necessidade de compor a pesquisa com informações provenientes de entrevistas de Julyana para veículos de comunicação disponíveis online, como, por exemplo, a Revista Crescer e a Revista Veja São Paulo. Já o posicionamento de Rafaela no questionário foi fundamental para pensarmos sobre as categorias discutidas na análise, onde, por vezes, identificamos contradições em sua fala.

Na análise, optamos por um recorte constituído por conteúdos distintos que mostrassem relevância, dentro da temática da maternidade, por um longo período (2015 a 2018). Delimitamos posteriormente três categorias baseadas em momentos marcantes para uma mãe desde a chegada do recém-nascido ao mundo. Puerpério, aleitamento materno e divisão sexual do trabalho evidenciam percepções sobre a maternidade, pois revelam os desafios físicos, sociais e psicológicos enfrentados por cada mulher após o nascimento do filho. Portanto, a partir deste contexto, poderemos verificar com maior profundidade como as dificuldades vivenciadas por estas mães são apresentadas na rede, favorecendo a maternidade real e/ou a maternidade romantizada, além de perceber quais são as possíveis estratégias narrativas de cada uma nos conteúdos verbais e imagéticos com relação ao material das publicações. Ainda, de acordo com a experiência da pesquisadora, não seria possível abordar a maternidade sem elencar tais categorias, visto que são os elementos que mais lhe marcaram como mãe até o momento.

O pós-parto é o período puerperal de maior fragilidade física e emocional da mulher. Esta vulnerabilidade é desencadeada pelo nascimento do filho poucas horas após a saída da placenta, ocasionando uma série de transformações anatômicas e fisiológicas. Durante esta fase, é possível evidenciar sintomas e sinais de disforia do pós-parto (puerperal blues), depressão pós-parto e psicose puerperal. A mulher se encontra vulnerável e uma das maiores dificuldades é a adaptação na produção do leite materno,

como poderemos observar a seguir. Percebemos, ainda, que nos conteúdos selecionados, as mães se esforçam em evitar julgamentos, ainda que os façam de forma inconsciente.

Dentre os obstáculos encontrados no aleitamento materno, estão: a pega incorreta do bebê (quando o recém-nascido suga somente o bico do seio), apojadura tardia (atraso na descida do leite materno), mamilos com fissuras, mamilos planos ou invertidos (quando o bico do seio é reto ou “para dentro”, não se sobressaindo à auréola), mastite (inflamação das glândulas mamárias), hiperlactação (fluxo de leite intenso), baixa produção de leite, sensibilidade nos seios ou mamilos e a dor, de modo geral. A partir destes entraves, somados aos fragmentos registrados no período do puerpério, podemos detectar publicações que mostram a imagem de duas mães que ora se questionam, no que diz respeito a Julyana, sobre sua produção de leite e em relação à amamentação da filha caçula, seja com leite materno ou artificial, ora se justificam, revelando um pensamento retrógrado referente a um modelo de sociedade que sugere que a mulher é responsável pelos cuidados com os filhos, além da necessidade em seguir um padrão de beleza física e estética, de modo geral, sobre a representatividade da maternidade por um ideal de realização feminino. De acordo com Emídio & Hashimoto,

A idéia de amor implantada na sociedade da época, a de que os cuidados e o carinho da mãe eram insubstituíveis para a sobrevivência e conforto do bebê, fez com que esta mãe passasse a aceitar, cada vez mais, a restrição de sua própria liberdade em favor da vida e saúde do filho; de se relacionar com os sentimentos de pertencimento que apareciam nas relações de mãe e filho e que, muitas vezes, fazem permear conflitos na separação de espaço e do que é do filho e o que é da mãe, mostrando-lhe que, apesar dos sacrifícios, este precisa crescer e se emancipar. O papel da mãe foi então sendo traçado e proclamado nas suas funções de amamentação, de cuidado e carinho para com seus filhos e assim a maternidade foi se constituindo e ocupando o espaço de algo agradável e desejável para qualquer mulher. (2018, p. 30).

A divisão sexual do trabalho implica todos os outros assuntos englobados anteriormente, focando em Julyana e Rafaela enquanto mulheres, donas de casa, trabalhadoras e mães. Nesta categoria, verificamos novamente a interiorização da diferença de gêneros em seus conteúdos. Ao mesmo tempo em que defendem a valorização da mulher e dos direitos por elas conquistados ao longo dos séculos, apresentam expectativas enaltecendo que elas, como mães, têm atitudes e pensamentos que se sobrepõem aos dos pais. Ainda que os papéis estabelecidos por elas ou pelo casal não sejam equivalentes, observamos a busca por sua realização pessoal a partir do

momento que deixam de cuidar dos filhos integralmente, para dividir a tarefa de forma mais semelhante possível com os parceiros e, assim, se lançarem no mercado de trabalho.

[...] a conquista da independência profissional e econômica permite às mulheres o poder econômico o que lhes garante muitas outras formas de poder. No contexto familiar, as mulheres antigamente obedientes ao marido, que se dedicavam servilmente às tarefas com os filhos e com a casa, hoje podem decidir se têm ou não filhos, são responsáveis por sua sexualidade, podem trabalhar e estabelecer relações sociais de igualdade com o homem. Porém, a maternidade, nesse processo, continua sendo a marca irredutível da especificidade feminina e, assim, podemos pensar em como se constitui o poder materno dentro destas relações mãe-filho. (EMÍDIO; HASHIMOTO, 2018, p. 33).

A identificação de publicações que atendessem às categorias determinadas foi feita previamente, anteriormente à análise, pois provocavam alguns questionamentos na pesquisadora, apresentando pontos de vista díspares. Para selecionar minuciosamente os posts abordados a seguir, conhecer a história e os sentidos de maternidade, sobretudo atrelados ao puerpério, ao aleitamento materno e à divisão sexual do trabalho de cada uma das mães, fizemos uma verificação de mais de 5 mil publicações, em ambos os perfis. Registramos mais de 4,5 mil publicações no canal de Julyana, observando o período de maio de 2013 a janeiro de 2018, enquanto o perfil de Rafaela apresentou mais de 600 posts, verificados de janeiro de 2016 a janeiro de 2018. Por fim, foram selecionadas 37 publicações, sendo 21 delas do perfil “Mãe de Sete” e 16 do perfil “A Maternidade” para serem debatidos a partir das categorias definidas.

5 ANÁLISES

Optamos por observar três categorias no Instagram das mães escolhidas, dentre as mais de 5 mil publicações examinadas. Dessa forma, sendo possível verificar como é abordada a maternidade em seus perfis, discutiremos acerca dos temas puerpério, aleitamento materno e divisão sexual do trabalho, expondo, a seguir, uma análise dos dados coletados.

5.1 Puerpério

O puerpério pode ser conceituado como “o período do ciclo grávido-puerperal em que as modificações locais e sistêmicas, provocadas pela gravidez e parto no organismo da mulher, retornam à situação do estado pré-gravídico” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2003, p. 175), ou seja, horas após o parto, com a saída da placenta, o corpo da mulher começa a sofrer transformações anatômicas e fisiológicas, com o intuito de restabelecer o organismo às condições normais, anteriores a gravidez. Ainda, neste processo de transição, a mulher estará se adaptando a lactação e ao ato de amamentar, período que envolve também diversas alterações emocionais, como podemos ver a seguir, no post da Julyana.

Figura 3: Julyana Mendes, 16 de junho de 2015



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/BdKmY9>

Na publicação (figura 3), a digital influencer fala sobre a dificuldade ao amamentar, que aconteceu também após suas outras gestações. Ela aborda suas frustrações no processo e apresenta possíveis sintomas do baby blues²⁴. “Fiquei frustrada, decepcionada, preocupada, ansiosa. Chorei porque já via tudo dando errado” (MENDES, 2015). No texto, podemos notar um certo receio ao julgamento dos outros, de “não dar conta”. Dessa forma, contribuindo para um estado de confusão passageira e vulnerabilidade, presentes no puerpério.

No post abaixo (figura 4), podemos verificar a questão do “dar conta”. Nele, ela diz que sua caçula ainda não está com o pescoço duro, mas que eventualmente, assim como ela conseguirá “dar conta” dos seus afazeres com mais facilidade, sua filha será

²⁴ O baby blues, blues puerperal ou disforia puerperal, “é considerada a forma mais leve dos quadros puerperais e pode ser identificada em 50% a 85% das puérperas, dependendo dos critérios diagnósticos utilizados. Os sintomas geralmente se iniciam nos primeiros dias após o nascimento do bebê, atingem um pico no quarto ou quinto dia do pós-parto e remitem de forma espontânea em no máximo duas semanas. Seu quadro inclui choro fácil, labilidade afetiva, irritabilidade e comportamento hostil para com familiares e acompanhantes. Algumas mulheres podem apresentar sentimentos de estranheza e despersonalização e outras podem apresentar elação. Mulheres com disforia pós-parto não necessitam de intervenção farmacológica. A abordagem é feita no sentido de manter suporte emocional adequado, compreensão e auxílio nos cuidados com o bebê”. (CANTILINO et al., 2010, p. 289).

capaz de ter mais firmeza. Remetemos ao trecho da legenda: “particularmente essa semana estou mais frágil. Marido viajando, filho em semana de prova, eu com uma rinite insuportável que me dói tudo e Bia completa hoje uma semana sem fazer coco. Fora todos os outros afazeres da vida ne? Até comer hoje está sendo uma tarefa difícil” (MENDES, 2015).

A digital influencer aparenta não receber ajuda de terceiros, sendo a única responsável pelos filhos e pela casa, enquanto o marido está fora trabalhando. Ela fala, ainda: “não desisti de nada, mas decidi que algumas coisas ficariam para depois. Decidi. E isso fez diferença. Sofro menos. Percebam que disse menos, porque para uma pessoa como eu, deixar algo para trás, sempre traz algum sofrimento” (MENDES, 2015). Ela teria realmente decidido ou disse que decidiu por que não estaria dando conta de tanta demanda e não gostaria de mostrar isso para suas seguidoras, como se afetasse negativamente sua imagem? Ao olhar da pesquisadora, o que acontece, no geral, é que o puerpério é um período de adaptação intensa, onde a mulher tem uma lista ‘mental’ do que quer fazer no dia, no entanto, na maioria das vezes, não consegue cumprir sequer metade dela. O não cumprir não está relacionado à sua agilidade ou maestria, mas sim à falta de tempo, pois o recém-nascido exige atenção e, além disso, a mulher precisa se recuperar durante o resguardo. Imaginamos isso somado à demanda de outros seis filhos. Por mais que Julyana se diga ‘fazedora’, ‘cheia de projetos’, é difícil administrar tantas funções neste período. Um exemplo claro é uma mãe que trabalha, estuda e ainda tem as tarefas de casa e com os filhos. Suas tarefas seriam divididas por ordem de prioridade. O que ela não consegue concluir no dia, fica para o próximo e assim por diante. Ela não estaria de fato decidindo, mas sim, se reorganizando.

Figura 4: Julyana Mendes, 15 de setembro de 2015



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/PR9NTh>

Simultaneamente, Rafaela discorre abaixo (figura 5) sobre toda a dor e intensidade no fim da gestação e início do puerpério. Ela apresenta, de forma efêmera todos os sentimentos vivenciados neste período, que originam o baby blues. No entanto, não conta de forma direta sobre sua experiência. Mas, quando lemos o texto, podemos supor que ela experienciou tais sentimentos. Em relação a fotografia, notamos que é uma das poucas imagens que se complementam ao texto. Nela, Rafaela está no hospital amamentando um de seus filhos. Destaque para sua mão na cabeça do recém-nascido em primeiro plano, demonstrando cuidado, e ela ao fundo, desfocada. Ângulo esse que valoriza o cuidado maternal, parte da natureza da mulher, de acordo com Emídio e Hashimoto (2008).

Figura 5: Rafaela Carvalho, 6 de novembro de 2017



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/LP7gU2>

O desempenho e adaptação ao papel materno no pós-parto pode ser caracterizado por sentimentos contraditórios, como insegurança, medo, ansiedade, euforia, alívio, felicidade e realização. Segundo Edwards (2002 apud ZAGONELI et al., 2004), este período pode ser evidenciado em três fases: a dependente, a dependente-independente e a interdependente. A primeira indica as necessidades básicas, no período de internação e observação, em que a mulher precisa de repouso, descanso, conforto, além de estabelecer um vínculo e nutrir o recém-nascido. A segunda está voltada para os cuidados com o bebê, que acontece geralmente no retorno ao lar, quando a mãe precisa desempenhar ou direcionar as tarefas relacionadas ao filho, como dar banho, higienizar o coito umbilical, trocar a fralda, limpar os ouvidos, cortar as unhas e assim por diante. Essa fase é evidenciada pela necessidade em ter que lidar com os desconfortos físicos e mudanças emocionais, o dever e desejo em aceitar, aprender e praticar. Nesse momento, é possível que a mulher vivencie a melancolia puerperal, “o pós-parto mostra-se um período de vulnerabilidade emocional e física para as novas mães que podem estar psicologicamente sobrecarregadas com a responsabilidade” (EDWARDS, 2002, p. 468 apud ZAGONELI et al., 2004). Na terceira fase, a mãe e a família se unem em prol da unidade familiar,

retomando, assim, os papéis individuais, a relação entre homem e mulher e a intimidade sexual (EDWARDS, 2002, p. 466 apud ZAGONELI et al., 2004).

Podemos verificar em uma das publicações (figura 6) de Julyana a marca da descoberta e do aprendizado durante o período puerperal. Nele, ela conta que percebeu que sua última filha estaria acordando muitas vezes durante a noite pois estaria sentindo frio. Ela, que sentia calor, pensava que a recém-nascida estaria agasalhada suficientemente. O post mostra que, apesar de ela ter mais filhos, cada criança tem suas especificidades e isso impacta diretamente nas experiências dela enquanto mãe de cada um deles.

Figura 6: Julyana Mendes, 14 de julho de 2015



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/XnrzLV>

Julyana apresenta (figura 7) também o sentimento de frustração, pois havia criado expectativas sobre sua amamentação que não deram certo, que não estaria conseguindo conciliar o cuidado com a recém-nascida e os demais filhos e que isso estaria fazendo com que ela se sentisse culpada. Neste post, percebemos aspectos voltados para a divisão sexual do trabalho, visto que ela se sente a necessidade e obrigação dos cuidados com os filhos. Ao mesmo tempo, ela se contradiz nos posts atuais, em que sua maior preocupação é ter um tempo para si, estética e profissionalmente. Se neste período ela mal teria tempo

para todos os seus filhos, claramente, os cuidados com seu corpo e o plano de carreira seriam colocados em segundo lugar.

Figura 7: Julyana Mendes, 9 de junho de 2015



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/Ecazfw>

Rafaela, por sua vez, publica um post (figura 8) diretamente para os pais, indicando o cuidado com as palavras e atitudes neste período, pois interferem diretamente na relação entre o casal. Vemos que, assim como Julyana, a blogueira apresenta um pai que trabalha fora e uma mãe em tempo integral, onde a responsabilidade da mulher seria o cuidado com a casa e os filhos, enquanto o homem teria o papel de provedor, sustentando a família. Observamos, portanto, como o modelo de maternidade e paternidade imposto pela sociedade é facilmente interiorizado pelas instagrammers e como isso reflete na vida delas como mulheres. A fotografia desta publicação, diferente da figura 5, tanto no que diz respeito ao ângulo, quanto ao simbolismo que representa, mostra o pai com a filha em um plano aberto, há um certo distanciamento na maneira em que o pai segura a recém-nascida. Podemos perceber que João não encosta o bebê ao seu corpo, olha para a câmera ao invés de olhar para a filha. Há diversos detalhes na imagem que revelam a diferença entre a maternidade e a paternidade, dando ênfase à divisão sexual do trabalho.

Figura 8: Rafaela Carvalho, 10 de fevereiro de 2016



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/kWiADR>

Tendo essa mesma perspectiva como base, a blogueira expõe em outro post (figura 9) como é o relacionamento entre o casal após o nascimento dos filhos. Que antes, o que era simples se torna complexo e que qualquer pequeno gesto, como “sair cedo com as crianças só para que o outro durma um pouco mais” (CARVALHO, 2017), afetaria a relação. Percebemos que o texto vai além de pequenos indícios sobre a divisão sexual do trabalho: ele mostra a dificuldade da mulher em poder estabelecer novamente a conexão com o marido neste período de mudanças e descobertas e, que para que isso aconteça, é preciso que o homem esteja disposto a assumir suas responsabilidades paternas, familiares e conjugais, e compreender que ela, enquanto puérpera, está passando por sentimentos ambivalentes de felicidade e tristeza.

Figura 9: Rafaela Carvalho, 12 de junho de 2017



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/nS2pnz>

A seguir (figura 10), Julyana, que defende que as mulheres devem ter um tempo para si, se empoderar, gostar do seu físico e se cuidar, diz acreditar que somente ela, a mulher, consegue cuidar do recém-nascido, como se fosse um instinto animal, algo natural à mãe.

Eu quero dar banho, alimentar, cuidar. Na minha cabeça só eu sei fazer essas coisas. Entendo e acredito que nos primeiros meses somos um só. Então apenas eu sei como tocar. O que eles estão sentindo. Porque estão chorando. E isso talvez não faça muito sentido para as pessoas. Mas é assim que funciona para mim (MENDES, 2015).

Na fala acima ela se contradiz de diversas formas. Enquanto em outras publicações realça as atitudes do marido, por exemplo, valorizando o seu caráter, apoio e dedicação com os filhos, neste momento, ela enaltece o papel da mulher e da mãe na sociedade, e expõe sua visão sobre o feminino que está “sujeito aos cuidados maternos”.

Julyana, que aparenta ser uma mãe (quase) perfeita, com sete filhos, corpo sarado, diversos projetos em andamento, com um marido que auxilia nas tarefas de casa, dá atenção aos filhos e incentiva seus empreendimentos, tem uma postura arcaica em pensar

que somente ela conseguiria atender às necessidades do recém-nascido, principalmente no período puerperal, onde toda e qualquer ajuda é fundamental. Além disso, Julyana também afirma que, para ela, “funciona dessa maneira”. Obviamente, essa postura está relacionada à sua classe social, criação, cultura e valores sociais.

Figura 10: Julyana Mendes, 20 de junho de 2015



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/y9ej1B>

No período puerperal é necessário, ainda, uma avaliação do estado psíquico da mulher a fim de entender como ela está se sentindo em relação ao nascimento de seu filho. Dessa forma, é possível compreender os sintomas e sinais de disforia do pós-parto (puerperal blues), depressão pós-parto, psicose puerperal, além do agravamento dos transtornos do pânico e obsessivo compulsivo (TOC) em puérperas diagnosticadas previamente. Tais doenças seriam desencadeadas por fatores psicossociais, como "idade inferior a 16 anos, história de transtorno psiquiátrico prévio, eventos estressantes experimentados nos últimos 12 meses, conflitos conjugais, ser solteira ou divorciada, estar desempregada (a paciente ou o seu cônjuge) e apresentar pouco suporte social" (CAMACHO et al., 2006, p. 93). Portanto, cabe à família e à equipe médica perceber as necessidades de cada mulher, de acordo com sua realidade social, incentivar e dar assistência, além de escutá-la sem julgamentos.

Alterações do humor, com labilidade emocional, são comuns no puerpério. Entretanto, o estado psicológico da mulher deve ser observado, uma vez que quadros de profunda apatia ou com sintomas de psicose puerperal devem ser identificadas precocemente. Nestas situações, um tratamento adequado deve ser instituído rapidamente. Nas mulheres que tiveram um óbito fetal, atenção especial deve ser dada, pois a perda do filho pode provocar um sentimento de luto que necessita de tempo e algumas vezes de ajuda para superá-lo. Nestes casos, recomenda-se instalar estas mulheres em alojamentos sem a presença de crianças, para não provocar lembranças e comparações. Nas mulheres que tiveram filhos que necessitam de tratamento imediato, em especial os recém-nascidos malformados, deve-se procurar compreender os sentimentos da mulher diante desta nova e inesperada situação. O entendimento destas situações (natimorto e malformados) pelos acompanhantes é importante para a melhor recuperação da puérpera. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2003, P. 177).

Registramos que apenas Julyana menciona ter passado por uma destas experiências, como pudemos constatar anteriormente. No post abaixo (figura 11), ela relata que esperou este período passar para poder contar na rede o que teria sentido. Na legenda, ela fala sobre o assunto como se estivesse conversando com uma amiga íntima. Conta que teve o baby blues após o nascimento dos outros filhos, cada um à sua maneira, mas que o pós-parto de sua última filha foi o mais difícil devido à amamentação. Observamos nesta e em outras publicações que a digital influencer cria estratégias de interação que tendem a resultar no crescimento do número de seguidores, assim como no engajamento. Ela compartilha informações relevantes, faz perguntas no texto para que suas “fãs” respondam, dando a ideia de que elas influenciam nas suas decisões, assim como responde aos comentários, caracterizando o processo de partilha.

Figura 11: Julyana Mendes, 18 de junho de 2015



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/dMFpfG>

Vale lembrar que, neste período, é de extrema importância que a mulher procure delegar papéis às pessoas próximas, pois ela não deve e não precisa se sentir responsável por tudo e por todos. É preciso quebrar os paradigmas impostos pela sociedade de que a mulher é responsável pelo cuidado da casa, do marido, do filho e de diversas outras tarefas. Nesse momento, é fundamental uma rede de apoio para que ela possa passar por essa fase tranquilamente. Por mais que a puérpera não tenha auxílio de familiares, no caso de mulheres de baixa renda, pode-se contar com a ajuda do governo, mesmo instável e burocrática, como com o programa bolsa família, o salário família, o auxílio creche e os serviços do Sistema Único de Saúde de assistência social, psicologia e nutrição, ainda que sejam acessados com dificuldade.

Observamos, dado o contexto, que, na contemporaneidade, as redes sociais têm possibilitado a formação de uma comunidade virtual de apoio, um elo entre mães que buscam conforto, incentivo, informação, reciprocidade e suporte emocional. Segundo Recuero (2009), “as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores” (RECUERO, 2009, p. 30), isto é, a partir do momento em que uma adepta do Instagram começa a seguir, curtir ou comentar as publicações de outra internauta, por exemplo, é estabelecido um vínculo social, possibilitando a troca de experiências, a aproximação, o contato habitual,

assim como aumentar a credibilidade e visibilidade dos perfis, caso essa troca de interações seja mútua (laço dialógico), ou de apenas um dos canais, sendo considerada uma interação reativa (laço associativo) (RECUERO, 2009, p. 40).

Em relação às fotografias dos posts, notamos que quando Julyana deu início às publicações sobre maternidade, não tinha um perfil profissional, a maioria de suas imagens eram de celular, com baixa qualidade. Isso faz com que seu canal seja muito mais próximo do perfil pessoal de outras mães. As fotografias dela voltadas para a amamentação, por exemplo, impactam e têm um peso maior do que suas fotos atuais, posadas, pois mostram uma maternidade mais próxima do real do que uma maternidade produzida, ensaiada. Dessa forma, aumentando sua credibilidade e visibilidade, como falado acima. No que diz respeito ao aleitamento materno, a digital influencer toma o devido cuidado ao abordar o assunto, pois, anteriormente, já havia tido outras experiências e, a partir disso, ela consegue ter uma visão diferente.

A identificação visual dos conteúdos do perfil de Julyana é mais fácil que a feita no perfil de Rafaela. Se queremos buscar por um determinado tema, podemos verificar as imagens do feed, pois o texto da legenda estará interligado diretamente à fotografia. Já no caso de Rafaela, implica uma diferença para acessar seus conteúdos, pois as fotografias não têm relação próxima ao texto, como podemos ver a seguir (figura 12), quando diz “A foto é ‘pequena Zara grandes bochechas’, mas o texto é sobre solidão” (CARVALHO, 2016).

Figura 12: Rafaela Carvalho, 6 de novembro de 2016



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/8K2pVk>

No texto, a blogueira discorre sobre a solidão do maternar e que, apesar de nos sentirmos sozinhas, há milhares de mães passando por diversas turbulências, se não as mesmas, ao mesmo instante. Destacamos a fala:

A maternidade é o maior equalizador que existe. Rico, pobre, branco, amarelo, no oriente ou no ocidente. Uma mãe é sempre uma mãe. Não interessa da onde você vem ou aonde você vive. Se você é mãe, eu posso apostar que hoje você está cansada. E que você conhece o que é medo. Que sabe bem o que é culpa. E acima de tudo isso, eu coloco a mão no fogo que você leva na alma o maior amor que já se viu. [...] Enquanto eu digito este texto, com uma bebê tentando escalar a minha perna, repetindo "mamãe" pela milésima vez no dia, fico pensando que em algum lugar do mundo está você. Segurando o lençinho umedecido, procurando a chupeta que caiu no chão do carro, apagando fotos no celular para liberar mais espaço, juntando brinquedos que parecem se multiplicar pelo chão da casa. Caminhos diferentes mas todas iguais, pois no íntimo, somos movidas pelo mesmo motivo: Por corações alimentados pelo mais feroz do amor. O amor de mãe. (CARVALHO, 2016).

A escritora aponta o cansaço, o medo e a culpa como aspectos comuns vivenciados por toda mãe, porém, quando diz “fico pensando que em algum lugar do mundo está você” e exemplifica, ela mostra que está falando diretamente para mulheres da mesma classe social que a sua, pois todas as circunstâncias estão voltadas para mães de classe média-alta. Ela poderia tentar desconstruir sua fala apontando casos de medo e culpa em

que uma mãe vende panos de prato na rua para poder dar o que comer para os filhos, outra que rouba uma caixinha de leite no mercado para que seu bebê se alimente, e ainda, uma mãe que deixa seu filho em uma creche pública, com irregularidades, pois precisa trabalhar para manter o sustento da casa. Todas estas situações foram vistas pela pesquisadora, seja ao vivo, por um amigo ou em noticiários regionais.

Portanto, verificamos nesta categoria que as duas instagrammers se esforçam para evitar julgamentos, mas, mesmo que de maneira inconsciente, acabam por fazê-lo. O enfoque das duas é partilhar as experiências da maternagem, incentivando e apoiando outras mães, trocando informações. Contudo, elas escrevem para um público de classe média-alta. Ressaltamos que, independente das mães de classe baixa estarem ou não presentes dentre as seguidoras delas nas redes sociais, de terem acesso a este tipo de conteúdo, elas poderiam ser consideradas quanto à diversidade do maternar.

5.2 Aleitamento materno

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS)²⁵, o aleitamento materno deve ser exclusivo até os seis meses de vida do bebê, sem o complemento de sólidos ou líquidos, apenas de vitaminas e medicamentos necessários, podendo este se estender até os dois anos ou mais. A amamentação contribui para a formação da criança, evitando o risco de alergias e protegendo contra diversas doenças, previne o desenvolvimento de câncer de mama e ovário na mulher, contribui para a perda do ganho de peso durante a gestação, além de estimular o vínculo maternal entre mãe e filho, contribuindo para os âmbitos biológicos, social e psicológico. Portanto, o leite materno é considerado o alimento mais eficaz para a saúde do bebê.

Apesar dos benefícios oferecidos pela amamentação, observa-se que décadas atrás, diversos fatores socioculturais e econômicos influenciavam em sua prática, como, por exemplo, a valorização do corpo da mulher, tendo em vista a convicção de que o ato de amamentar deixaria as mamas caídas e, dessa forma, ela não satisfaria mais seu marido. Em outro período, observa-se que o aumento do desmame seria condicionado pela introdução da mulher no mercado de trabalho, devido à sua jornada como mãe, dona de

²⁵ Disponível em: <http://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/pdfs/Aleitamento_Materno-Distribuicao_Leites_Formulas_Infantis-em-Min_Saude2012.pdf>. Acesso em: 7 de janeiro de 2018.

casa e trabalhadora remunerada, fatores contribuintes para o aumento do índice de mortalidade infantil (ALMEIDA, 1999).

Julyana, por exemplo, cita em uma de suas publicações (figura 13) dois fatores que desencadearam o desmame precoce, como “leite que secou com um mês por stress” ou “leite que secou porque voltei a trabalhar” (MENDES, 2015).

Figura 13: Julyana Mendes, 10 de abril de 2015



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/SFhtyh>

Segundo a Marinha do Brasil²⁶, foi na década de 90 que começou a campanha de Aleitamento Materno, para ressaltar a importância e incentivo à amamentação. A partir de então, agosto foi considerado o mês mundial do aleitamento materno, intitulado como “Agosto dourado”. Dourado representa a qualidade da alimentação das crianças que recebem leite materno, considerada padrão ouro.

A digital influencer, ainda no post acima, se mostra determinada a abraçar a campanha de aleitamento materno exclusivo com Maria Beatriz. Destacamos parte da legenda em que diz “Amo amamentar. Nunca tive fissuras. Tinha pedras, tive mastite, mas sempre foi um prazer! Estou ansiosa por amamentar! E se eu disser que já tenho

²⁶ Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/saudenaval/aleitamento-materno>>. Acesso em: 7 de janeiro de 2018.

leite? Acredita?” (MENDES, 2015). Percebemos que o post foi publicado antes do nascimento de sua última filha, que nesse momento ela se mostrava autoconfiante, convicta de que não teria problemas no processo. E, apesar das dificuldades anteriores, da dor, da mama ingurgitada²⁷ e da febre, amamentar seria um prazer. Observamos nessa fala a romantização do aleitamento materno, não necessariamente ligado ao vínculo mãe-filho, mas ao dever do cuidado com o recém-nascido, à responsabilidade em alimentar e suprir as necessidades do bebê acima das suas próprias. Além disso, ela traz à tona a questão do colostro, que já estaria vazando, demonstrando que possivelmente isso seria um fator determinante na sua produção. No entanto, essa situação não define se o leite será abundante, assim como o tamanho dos seios também não é definidor.

De acordo com o governo federal²⁸, “em 2001, a OMS ainda reconheceu a Rede Global de Bancos de Leite Humano como uma das ações que mais contribuíram para redução da mortalidade infantil no mundo na década de 1990. De 1990 a 2012, a taxa de mortalidade infantil no Brasil caiu 70,5%” (BRASIL, 2017).

[...] ainda neste século, nos depararmos com discursos que evidenciam a “culpabilidade” imposta à mulher que não amamenta, imputando-lhe a responsabilidade pela morbidade e mortalidade das crianças que não usufruíram o leite materno. Da mesma forma, verificam-se práticas onde prepondera esta visão, dificultando as ações voltadas ao incentivo do aleitamento materno, uma vez que muitos impasses são desconsiderados ou sequer reconhecidos. Ressalte-se, ainda, que a ideologia contida nas campanhas de incentivo à amamentação, muitas vezes reforça o conceito de ser a mãe a única responsável pelas consequências da prática do desmame sem, no entanto, avaliar os fatores que influenciaram essa decisão. Contudo, é importante reconhecer que o valor atribuído ao leite humano e às suas vantagens nutricionais e afetivas apresentam, nos dias de hoje, as mesmas flutuações na sua prática, que se apresentaram ao longo da história, em diferentes sociedades. (BOSI; MACHADO, 2005).

No século XXI o tema ganhou força e se propagou, encorajando mães e mulheres a lutarem pela causa, combatendo o preconceito de quem inibe o aleitamento. Assim, surgiram as campanhas de Doação de Leite Materno e a “Hora do Mamaço”, que incentiva a amamentação em público.

²⁷ “Quando as duas mamas ficam duras, latejando, ‘empedradas’ e muito doloridas, com maior fluxo de leite, isso se chama ‘ingurgitamento’ -- seios cheios demais”. Disponível em: <https://brasil.babycenter.com/a1600051/seios-ingurgitados-cheios-demais>. Acesso em: 7 de janeiro de 2018.

²⁸ Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2017/08/brasil-e-referencia-mundial-em-aleitamento-materno>>. Acesso em: 7 de janeiro de 2018.

Dado o contexto, observamos que mais de 30 publicações podem ser classificadas como pertencentes a esta categoria no perfil da ‘Mãe de Sete’, enquanto apenas 4 posts do canal ‘A Maternidade’ fazem referência ao assunto.

Julyana Mendes aborda esta categoria após o nascimento de sua última filha, Maria Beatriz. As fotografias, em sua maioria, são de sua caçula amamentando e com o texto relacionado ao aleitamento materno. Nele, ela faz uso da tag #amamentaçãoadabia para classificar os posts referentes ao aleitamento. Como podemos ver a seguir (figura 14):

Figura 14: Julyana Mendes, 2 de outubro de 2015



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/UiL1NJ>

Na publicação, Julyana aparenta se orgulhar de poder estar amamentando, de ter os seios cheios de leite. Observamos que, na mídia, o aleitamento materno ganhou tamanha relevância que se tornou um assunto de peso para as blogueiras, digital influencers e instagrammers deste nicho. Além disso, percebemos que diversas usuárias da rede começam a utilizar a expressão “tetê”, para falar sobre o período das mamadas. Dentre elas, Julyana usa o termo “tetê da madrugada”. Já Rafaela tem aversão à palavra, conforme podemos verificar nos posts abaixo (figuras 15 e 16). “Minhas mais sinceras desculpas para quem usa este termo, sem julgamento e sem ofensas, mas tenho alergia

crônica da palavra tetê. Sem nenhum preconceito, mas eu particularmente, não consigo adicionar esta palavra ao meu vocabulário materno” (CARVALHO, 2016).

Figura 15: Julyana Mendes, 13 de agosto de 2015



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/y9LFhX>

Figura 16: Rafaela Carvalho, 14 de setembro de 2016



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/9jT7vo>

Ainda sobre a publicação anterior (figura 15), percebemos que Julyana tem a constante preocupação com sua forma física, em se manter bonita, magra e saudável. Quando a mulher vive o período puerperal e não recebe ajuda, como ela mesma aparenta, qualquer alimento irá servir durante a madrugada, pois o sono falará mais alto e, fora isso, amamentar é um dos fatores que mais influenciam na perda do ganho de peso durante a gestação. Todavia, a digital influencer parece precisar desse autocontrole e mostrar isso para suas seguidoras.

Ademais, nos comentários do post (figura 15), verificamos que as seguidoras a incentivam e elogiam o apoio à amamentação. No entanto, podemos referenciar diversos aspectos contraditórios a realidade de muitas mães. Primeiramente, a exclusividade do leite materno, visto que não é toda mãe que tem uma boa produção e precisa complementar com fórmula, mesmo que sua vontade seja seguir com o aleitamento. Em segundo lugar, há mulheres que não têm acesso à variedade de alimentos, que são de classe baixa e que não têm um cardápio rico em nutrientes, apenas o básico. Logo, influenciando na qualidade nutritiva do leite materno e no ganho de peso do bebê, perspectiva também voltada para a imunidade da mãe e do recém-nascido. Há, ainda, mães que precisam trabalhar logo após o resguardo. Dessa forma, caso não consiga extrair o leite materno com bombinha ou manualmente, estará comprometendo a sua produção, pois seus seios entenderão que está sendo estocado e o bebê não precisa mamar nesse determinado período, pois a produção se adapta à quantidade de leite que o bebê mama. Podemos mencionar inúmeros fatores que comprometem a amamentação, como já foi mencionado anteriormente. Por isso, é necessário destacar que cada maternar acontece de um jeito.

Rafaela se enquadra nesse ponto de vista, pois tem hiperlactação (fluxo de leite intenso). Na publicação abaixo (figura 17), única referente à amamentação de seus filhos, a blogueira decide expor sua história, contando que não amamentou nenhuma de suas três crianças em livre demanda, o que, por sua vez, seria recomendado por diversos pediatras. Visando compartilhar informação e com intuito de mostrar que não há mal em se posicionar nas redes sociais, ela revela que apesar de ter doado muito leite, não se adaptou à alta produção e seus filhos mamaram até os seis meses.

Figura 17: Rafaela Carvalho, 1 de agosto de 2017



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/c5neuU>

Ao mesmo tempo que fala que a sociedade tem o hábito de acentuar as falhas, ao invés de incentivar as conquistas, ela não demonstra de fato, em suas fotografias ou nos textos, o seu cotidiano durante o período da amamentação, apenas argumenta que “informação e apoio é poder. Excesso de regras e pressão é alienação” (CARVALHO, 2017). Seria interessante que ela compartilhasse sua experiência para dar relevância e credibilidade a suas declarações, dado que, ora ela se posiciona a favor da amamentação, ora ela defende a escolha e realidade da mulher, posicionamentos que podem estar conectados ou não.

Trazemos então a perspectiva de Julyana, que enaltece a amamentação e romantiza o ato, mesmo que inconscientemente. Apesar de trazer algumas das dificuldades no post (figura 18), nota-se a presença de sentimentos de provação, da amamentação como um desafio, uma meta a ser cumprida. Nele, ela fala: “É difícil sim. Mas vale muito a pena”. Vale a pena o cansaço de uma mulher que não é mãe em tempo integral somente para não dizer que não deu leite artificial para o seu filho? Ele crescerá e a amará independente de como, seja por meio de mamadeira, copinho, colher ou seio, e qual for o seu alimento. O importante é que ele esteja nutrido e com saúde.

Notamos ainda que, apesar de a digital influencer falar que não estaria conseguindo dar atenção a todos os filhos neste período como gostaria, ela não conta se estaria recebendo ajuda para suprir às necessidade de todos, se o seu marido ou filho mais velho a ajudariam de alguma forma. Logo, se assemelhando a uma mãe de primeira viagem, que possui apenas um filho e uma única demanda.

Figura 18: Julyana Mendes, 7 de agosto de 2015



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/qg9mF9>

Nesse mesmo contexto, Julyana apresenta em outro post (figura 19) um ideal de maternar voltado para a amamentação. Ela omite as situações inoportunas, como dor, desconforto, falta de sono. Ela se diz engajada na campanha do aleitamento materno e que é preciso ser paciente, pois, no fim, “as coisas vão dando certo” (MENDES, 2015). Entretanto, para ter tranquilidade neste momento, é preciso ter uma condição financeira favorável. Como uma mãe de classe baixa-média irá ter calma, se o seu filho possui intolerância à lactose, por exemplo, e precisa de um leite artificial especial que custa mais de R\$50 a lata? A digital influencer se contradiz dando um conselho em que ela mesma não segue, afinal, em diversas publicações percebemos que ela demonstra insegurança, ansiedade e medo, como dito outrora.

Figura 19: Julyana Mendes, 1 de agosto de 2015



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/Pb75Qr>

Na publicação abaixo (figura 20), Rafaela faz referência a décadas atrás, dizendo que antigamente as propagandas publicitárias divulgavam que o leite artificial era mais eficaz que o leite materno. Ela faz uma reflexão de que a mulher erra no momento em que começa a se comparar ou se preocupar com a opinião do outro e, com um tom de sarcasmo, diz “viva a saúde do bebê, viva a saúde emocional da mãe. E claro, viva a amamentação, nosso milagre líquido!” (CARVALHO, 2017). Observamos que, dado o momento que elas se dispõem a estar conectadas nas redes sociais, elas ficam vulneráveis aos sentimentos de comparação ou julgamento e, por mais que procurem não se equiparar ou sofrer, estão sujeitas a discordância.

Figura 20: Rafaela Carvalho, 29 de novembro de 2017



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/CJJgVi>

Rafaela dá abertura para refletirmos que é possível que ela esteja se auto justificando nos textos, tirando um peso de sua consciência e de outras mães que não conseguiram seguir com o aleitamento materno, concedê-lo em livre demanda ou de forma exclusiva. Por outro lado, ela fortalece o seu papel como mãe e mulher, demonstrando autoconfiança e convicção sobre suas escolhas. Diferente de Julyana, que se questiona, reafirma, pede opinião de suas seguidoras para perguntar o que é certo e o que não é, mesmo que estrategicamente.

Ainda nessa perspectiva, recorreremos a outra publicação (figura 21) realizada por Julyana. No post abaixo, ela conta sobre uma visita ao pediatra e expressa sua felicidade ao perceber o ganho de peso da sua filha. “O leite da mamãe está poderoso”, ela afirma. Mas todo leite, independentemente de ser materno ou artificial, possui suas propriedades que fortalecerão o bebê, dando as vitaminas necessárias para o seu crescimento. É como se dissesse a suas seguidoras: “estou dando conta do recado”.

Figura 21: Julyana Mendes, 7 de agosto de 2015



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/qTBxR6>

O que significa isso para uma mãe que não consegue dar de mamar? Para uma mãe que, na primeira visita ao pediatra, percebe que seu filho perdeu peso? Qual a diferença entre incentivar e comprovar? Se ela estivesse dando leite artificial, será que ela faria essa mesma publicação? E o efeito causado nas mães que se deparam com esse tipo de publicação? Vemos, até então, uma mãe cheia de si, vitoriosa, por se encaixar no grupo de mulheres que conseguem amamentar exclusivamente no seio. Ela não percebe que, por meio dessa veiculação, poderá impactar suas seguidoras tanto de forma negativa quanto positiva, podendo desencadear comparações problemáticas e, principalmente, contribuir para os sentimentos evidenciados no puerpério.

Adiante, a publicação comprova ainda mais o ponto de vista uma mãe de classe alta que recebe ajuda e, portanto, consegue lidar com sete filhos, amamentar e enfrentar as adversidades do seu cotidiano.

Figura 22: Julyana Mendes, 21 de julho de 2015



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/XyfU8K>

Ao longo de todas as publicações acerca desta categoria, a digital influencer conta sobre seu receio em ter pouco leite e não saciar sua filha, pois amamentou muito pouco seus outros 6 filhos. Esse é um medo vivenciado por todas as mães, de acordo com a autora. Contudo, procura tirar dúvidas com nutricionistas, além de perguntar a suas seguidoras sobre dicas para aumentar a produção, alimentos que estimulem a lactação e não engordem. Como podemos ver no post acima (figura 22), o padrão físico e estético ainda é uma marca muito forte de Julyana, mesmo que na amamentação.

Diferente da digital influencer, Rafaela fala pouco sobre este assunto. Nos posts realizados, percebemos que ela procura desmistificar a ideia de que somente o aleitamento materno é significado de amor, que não existe apenas uma forma certa em amamentar e que as mulheres devem superar a culpa imposta pela sociedade, pois cabe a elas como mães saberem o que é melhor para os seus filhos. Portanto, Rafaela tenta desconstruir a ideia de que há um certo veredito ou um errado absoluto.

Figura 23: Rafaela Carvalho, 7 de julho de 2016



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/iZg7PC>

Ademais, destacamos novamente que ao invés de publicar somente imagens condizentes com a legenda, Rafaela posta fotos aleatórias de seus filhos para falar a respeito de temas específicos ou sobre o cotidiano (figura 23), como já foi exposto anteriormente, na apresentação de seu perfil. Somente a segunda foto dela, nesta categoria, tem relação com o tema. Dito isso, a fotografia passa a servir como complemento para o texto, funcionando também como um elemento convidativo, ou seja, quem se interessar pela foto, possivelmente lerá o texto da legenda. A fotografia passa então a ter um valor inferior ao do texto. Percebemos que, se a plataforma fosse apenas textual, a blogueira a usaria da mesma maneira, talvez com mais destaque, em virtude do engajamento conquistado por sua escrita, que, por sua vez, passa a ser capaz de transmitir muito além do que a fotografia. Apesar de possuírem enquadramento e edição elaborados, é no texto da legenda que identificamos com mais profundidade quais os seus valores pessoais, sua visão sobre a maternidade, além do modo de compreender e aferir o que ela acredita.

Julyana, em contrapartida, mesmo com a baixa produção de leite, continua dando o peito para acalantar sua filha. Ao invés disso, ela não deveria suprir o carinho de outras formas? O pai, por exemplo, poderia ter se oferecido para isso. No post abaixo (figura

24) ela parece se impor, se justificar com uma lição de moral, se reafirmar, por fim, com a frase “Esse é meu papel”. Com isso, dando abertura para questionarmos sobre sua atitude no que diz respeito à divisão sexual do trabalho: “eu, como mãe, tenho o dever de alimentar minha filha e atender às suas necessidades”. Como se adequaria a este papel, portanto, uma mãe que tem diferentes jornadas de trabalho? Ela teria seu papel de mãe reduzido? Ao decorrer da análise verificamos diversos posts em que ela demonstra ser a única responsável pelos cuidados com a filha recém-nascida. E ainda, se mostra vaidosa, pois seguiu com a “amamentação” até os dois anos e quatro meses.

Figura 24: Julyana Mendes, 4 de abril de 2016



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/QN8mLX>

A partir desta categoria, podemos fazer diversas críticas à postura de Julyana, como também questionar a conduta de Rafaela nas publicações, como ela avalia o que é relevante ou não ser dito. Ao mesmo tempo em que a digital influencer atenta às palavras sobre este assunto, ela é incoerente. Pois, enquanto diz, por exemplo, que o peito é mais “um denço, uma chupeta, uma vontade dessa mãe de que ela fique mais grudadinha” (MENDES, 2015), em outro post, fala: “eu não sou muito de, como elas chamam: grude. Sou de cuidar, de organizar, de conversar. Mas não sou de ficar grudada, sabe? Não sou

nada melosa” (MENDES, 2017). O que teria mudado seu pensamento de um período a outro? O crescimento dos filhos? Mas, se esta opinião está relacionada a isso, por que ela amamentou até mais de dois anos sua caçula, sendo que seu leite, segundo ela, já estaria limitado? Percebemos, então, que enquanto Julyana tenta se mostrar uma mãe exemplar nas redes, Rafaela procura ser parcial.

5.3 Divisão Sexual do Trabalho

Considerando o que já foi dito acerca da divisão sexual do trabalho, nesta categoria, buscaremos analisar como as experiências da maternagem e as práticas de cuidado com os filhos compõem os perfis escolhidos. Faz-se, portanto, necessário considerar “a inserção das mulheres no mercado de trabalho, sua presença no mundo público e os impactos que estes fatos trouxeram à instituição familiar e, em consequência, à experiência da maternidade” (SCAVONE, 2001b).

Segundo Scavone (2001b), a maternidade é abordada como um “fenômeno social marcado pelas desigualdades sociais, raciais/étnicas, e pela questão de gênero que lhe é subjacente”, dessa forma, atingindo cada mulher de uma maneira singular. Ele ressalta, ainda, que maternidade e suas vivências estariam instituídas séculos atrás, no pensamento feminista e na luta libertária das mulheres.

Considerando o espaço em que a experiência da maternidade ocupa na vida dessas mulheres, procuramos perceber como elas se portam e como interagem nas redes sociais relativamente à divisão sexual do trabalho. A partir desta perspectiva, podemos refletir sobre como elas estão se apropriando da maternidade e como isso nos indica sobre o lugar que a maternidade ocupa em seus modos de vida, tanto conjugal, quanto familiar.

Se comparada às categorias anteriores, esta é a que coletamos mais publicações de Rafaela. O primeiro post observado (figura 25) se refere à gripe materna versus gripe paterna. Ao longo do texto, ela apresenta as atitudes de um pai, como se esta situação tivesse ocorrido em sua família. Observamos em sua fala que, enquanto o homem anuncia que a garganta está vermelha e que acha melhor ficar longe das crianças, para que elas não adoçam, a mulher segue seu dia normalmente, enfrentando as dores, tomando medicações para amenizar os sintomas, mas ainda assim, continua cuidando dos filhos e das tarefas de casa. Verificamos ainda que, na foto, ela usa a imagem paterna para

contextualizar o que foi dito. Sugerindo, inclusive, que tal situação aconteceria dessa mesma forma com sua família.

Figura 25: Rafaela Carvalho, 28 de março de 2016



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/5a2hEX>

Após a publicação acima (figura 25) e a repercussão que ela obteve, Rafaela começou a publicar posts sobre as possíveis doenças de seu marido e como seria a reação dele durante o período (figura 26). Para este tipo de conteúdo, ela dá início ao uso da tag #dormasculinamutante. Verificamos cinco publicações classificadas pertencentes a esta tag, no entanto, outros posts com o mesmo direcionamento também foram publicados sem ela. Neles, o assunto se refere às dores nas costas, torção no pé, surdez, gripe, coqueluche e outras. Rafaela, em todas as publicações, é sarcástica e irônica. Observamos que toda vez que o marido apresenta algum sintoma de doença, além de se negar ir ao médico e se medicar, tem menos responsabilidade com os filhos e outras tarefas da casa. Ele manifesta mais cansaço e isso interferiria em sua rotina, enquanto a esposa não teria outra opção, se não cuidar de mais um integrante da família, invés de receber ajuda dele. Notamos nas publicações que, durante o período, ela se apresenta mais cansada do que de costume, e apesar de João não ter nada grave, sente pena do marido e acaba se solidarizando. Mais uma vez percebemos a instituição do trabalho à mulher.

Figura 26: Rafaela Carvalho, 27 de outubro de 2016



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/K7E5R7>

Observamos que os posts voltados para “dor masculina mutante” obtiveram um alto volume de engajamento. Assim como elogios, Rafaela também recebeu críticas e julgamentos sobre sua postura e sobre o papel do seu marido na maternidade. Para falar a respeito da divisão sexual do trabalho, ela é clara e consisa expondo como é a relação com ele, seja com as crianças ou em casa. No post abaixo (figura 27), ela enaltece a responsabilidade de João e diz:

Acontece, que apesar de dividirmos todas as funções, ele verbaliza o cansaço muito mais do que eu. Coisa engraçada de homem. E não vejo nada de errado nisso. São essas coisas simples, corriqueiras, que deixam a vida leve. Humor é fundamental para a vida adulta, principalmente em um relacionamento de anos, cheio de filhos e responsabilidades. Peço desculpas se não ficou claro no meu último post que se tratava de uma brincadeira irônica! Jamais faria apologia ao machismo, ou banalizaria um problema. (CARVALHO, 2017).

A blogueira se justifica e defende o ponto de vista de que cada família atua de uma forma diferente. Ela enaltece as qualidades do marido e tenta provar que no seu

relacionamento não há mal em não ser 100% perfeito, parceiro, atuante. Que, apesar disso, é dessa forma que ela ama seu marido e são as qualidades dele que a fazem suportar as adversidades da maternagem. Uma justificativa distoante, pois, em diversas outras publicações ela mostra o contrário. E, ainda que a foto não tenha relação com o texto, o fato do filho estar apontando com o indicador mostra como se ela quisesse chamar atenção, como se dissesse diretamente para você, que viu o post.

Figura 27: Rafaela Carvalho, 22 de dezembro de 2017



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/sZ23rV>

Abaixo (figura 28), Rafaela conta sobre uma viagem que faria por uma semana, como falado anteriormente no texto (figura 27) em que argumenta sobre a postura de seu marido em casa e diante dos posts publicados por ela. Nele, ela sugere que sem a sua presença, ele não conseguiria atender à necessidade dos 3 filhos. Vemos, portanto, que apesar da divisão de tarefas, como dito na entrevista à pesquisadora e na publicação anterior, há um esforço maior da sua parte em evidenciar o pensamento que somente ela, como mãe, seria a única a conseguir administrar os cuidados com os filhos. Fala presente, inclusive, quando aparecem posts mostrando os filhos e perguntando “Quem vocês acham

que arrumou a Zara?” (CARVALHO, 2017). Na imagem (figura 29), sua filha está vestida normalmente, porém, parecida com seu irmão. Há ainda posts com esse mesmo discurso, apontando o pensamento de que o marido não saberia escolher a roupa dos filhos. Em um deles, por exemplo, ela enaltece que a filha estaria sem lacinho, logo, indicando que o pai a teria arrumado.

Figura 28: Rafaela Carvalho, 30 de maio de 2016



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/vjXowA>

Figura 29: Rafaela Carvalho, 22 de maio de 2017



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/RXteQL>

Ainda destacamos uma publicação fundamental para abordar a divisão sexual do trabalho. Abaixo (figura 30), Rafaela traz uma pequena questão que é como um divisor de águas: pequenos gestos que priorizem os filhos a suas escolhas. No texto, a blogueira conta sobre uma situação em que estariam chegando em casa, seu filho com muita fome e ela com muita vontade de fazer xixi. Ela prioriza colocar a comida no fogo, para depois atender às suas necessidades fisiológicas. Dado o contexto, ela compara qual seria a atitude de seu marido e novamente se justifica, concordando que isso pareça natural, enquanto a mãe tem a atitude automática de atender primeiro aos filhos e priorizá-los, o homem não acharia relevante ter esta postura.

Em nossa observação, essa fala compromete seu posicionamento de questionar padrões ligados à maternagem, pois apresenta um descaso com as obrigações do homem enquanto pai. A publicação mostra que João visa primeiro atender às suas necessidades para depois, auxiliar no que for preciso, como se todo o trabalho com as crianças fosse imposto a Rafaela, sendo ela considerada uma mãe multitarefas. A blogueira sugere,

ainda, que as mães sejam mais parecidas com os pais, que parem de se preocupar com pormenores, dessa forma, descomplicando o materno e o deixando mais leve.

A verdade é que o paternar é mais leve. É por isso que o nosso stress, nosso cansaço físico, desgaste mental, muitas vezes é incompreendido. E é por este mesmo motivo que algumas das nossas cobranças em relação aos pais dos nossos filhos, nem sempre fazem sentido para eles. Nossas expectativas muitas vezes não são coerentes segundo a visão de um pai. Não é só o fato de estarmos pedindo algo que eles "não" conseguem oferecer. É pedir algo que eles não acham relevante. (CARVALHO, 2017)

Figura 30: Rafaela Carvalho, 27 de julho de 2017



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/TB75a4>

Podemos notar novamente (figura 31) a diferença entre as suas tarefas e as de João. Enquanto ela estava atrasada para levar os filhos a um aniversário, o marido resolve tomar um banho de última hora em vez de ajudá-la, seja simplesmente olhando os filhos ou trocando o que havia feito xixi no bebê conforto para que ela finalizasse as outras tarefas com mais agilidade.

Figura 31: Rafaela Carvalho, 3 de setembro de 2016



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/aU89Rh>

E ainda, a seguir (figura 32), ela remete à possibilidade do seu marido ser o provedor da casa, quando diz que está em um mercado com sua filha comprando coisas “necessárias” enquanto ele está em uma loja de ferramentas “desnecessárias”. Dentre os produtos, ela menciona que estaria levando uma água de coco orgânica da Tailândia e diz “o preço me fez pensar que o coco foi colhido por macacos albinos sagrados no primeiro dia de lua cheia da primavera” (CARVALHO, 2017). Aparentemente este não é de fato um item necessário, pois, se olharmos para as necessidades de outras famílias, poderíamos listar fraldas, leite e produtos de higiene, por exemplo. Por fim, ela finaliza o texto com “Ps. Paguei com o visa” (CARVALHO, 2017), dando a entender que o cartão com que ela fez as compras seria do marido.

Apesar de ela afirmar que em sua casa a divisão do trabalho é equivalente, Rafaela dá vários indícios que nos fazem refletir sobre o contrário. E, apesar de afirmar que em sua casa não há distinção entre gêneros, pois até o filho mais velho também ajuda nas tarefas, a blogueira apresenta uma divisão desigual, em que a maior responsabilidade cai sempre sobre ela. Outro aspecto que remete a essa questão é a filha estar com ela no mercado, em vez de estar com o pai.

Figura 32: Rafaela Carvalho, 8 de dezembro de 2017



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/KvLLT6>

Julyana, no que diz respeito à divisão sexual do trabalho, traz publicações elogiando o marido e, principalmente, mostrando sua atuação paterna na maternidade, como podemos ver a seguir (figuras 33 e 34).

Figura 33: Julyana Mendes, 8 de fevereiro de 2015



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/6a7iAp>

Figura 34: Julyana Mendes, 16 de agosto de 2017



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/itvNbf>

No post acima (figura 34), por exemplo, verificamos que a digital influencer conta que Kleber acorda a filha caçula todos os dias e enaltece que, nessas horas, ele é melhor que ela. Percebemos em sua fala uma nítida contradição, no que diz respeito aos cuidados com a filha, pois, como vimos na primeira categoria, ela fala ser a única a entender as necessidades da filha enquanto recém-nascida. No período que ela mais precisaria de ajuda (puerpério), ela parece se negar a receber suporte, pois acredita que somente ela conseguirá suprir com os cuidados, melhor do que qualquer outra pessoa. No entanto, depois que os filhos crescem, ela aparenta deixar de se importar tanto, dando abertura para que o marido “se aproprie também da maternidade”, portanto, exercendo o que deveria ser rotina por parte dos pais.

Ela sugere, a partir de então que, enquanto recém-nascidos, ela é a responsável pelos filhos pois eles ficaram por 9 meses juntos e se conhecem melhor do que ninguém. Mas, depois que crescem, ela toma a postura de que a responsabilidade deve ser dividida entre o casal, pois percebe que precisa também atender às suas necessidades femininas, como voltar ao trabalho, cuidar do corpo etc.

Figura 35: Julyana Mendes, 31 de agosto de 2017



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/qWxFhs>

Notamos no post acima (figura 35), que a digital influencer conta um pouco da relação do marido com os filhos. Ela discorre sobre o período em que a fotografia foi registrada, que eram apenas o casal e os 6 filhos, e foi nesta época que decidiram ter outro bebê para dar a “paternidade biológica” ao marido, legitimando assim, sua relação com a família. Essa questão implica o poder da paternidade em relação ao modelo de família imposto pela sociedade. Mostra que, para ele, enquanto homem, era necessário ter a autoridade sobre a paternidade para ser considerado, de fato, “pai” de todos os seis filhos de sua esposa, ocupando, assim, a postura nominal dentro da unidade familiar. Essa perspectiva envolve também diferentes aspectos, como aceitação, a necessidade de assumir papéis, estabelecer vínculos e criar laços fraternos.

Além disso, podemos perceber na publicação abaixo (figura 36) outra perspectiva sobre a necessidade do “ser pai”, voltada para um pensamento machista e preconceituoso em relação ao julgamento das pessoas de ser o marido que “cuida dos filhos dos outros”. Sendo que, caso fosse uma situação contrária, a sociedade revelaria um senso comum de que a mulher “deve cuidar” dos filhos do marido, apesar de não ser a mãe biológica. Não são raras as vezes em que a “boa vontade” ou “benevolência” do homem em “assumir” os filhos da mulher são exaltadas. A partir da fala: “As pessoas questionam sempre a ele de onde tirou coragem. Na época os amigos o chamavam de louco já que tinha acabado de sair de um casamento e já estava praticamente casado com uma mãe de seis! Todo mundo falava!!” (MENDES, 2017), notamos o quanto os paradigmas da divisão de gêneros estão presentes no inconsciente das pessoas.

Figura 36: Julyana Mendes, 26 de dezembro de 2017.



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/h5igCb>

Figura 37: Julyana Mendes, 13 de agosto de 2016



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/gZRsCT>

No post acima (figura 37), Julyana aconselha outras mães que se questionam sobre entrar em outro relacionamento quando já se tem filhos.

[...] de preferência escolha alguém que vai estar ao seu lado nesse papel de mãe. Não alguém que irá assistir apenas. Meus filhos tem um ótimo relacionamento com o pai deles. Mas no dia a dia [@kleber_caiado](#) também é o "paidrasto" que eles podem contar. E eu não tomo uma decisão sem falar com ele. Afinal, ele não casou comigo. Eu não era apenas eu. Era eu uma turminha gigante. E ele entendeu assim. E quis assim. E amou assim. (MENDES, 2016).

Em sua fala, ela sugere que o marido ajuda nas tarefas com os filhos e com a casa, no entanto, “estar ao lado” significa apoiar, não necessariamente dar auxílio. Nos posts abaixo (figuras 38 e 39) podemos ver duas perspectivas: a de que ela cuida sozinha de tudo, enquanto o marido trabalha fora, e a de que o marido teria optado por trabalhar em casa, para, nos intervalos das consultas, poder dar assistência a Julyana. Percebemos então que a postura de Kleber está associada à necessidade de suprir às demandas dos sete filhos e da casa, auxiliando, inclusive, nas viagens a trabalho de Julyana.

Figura 38: Julyana Mendes, 1 de setembro de 2017



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/58mWxd>

Figura 39: Julyana Mendes, 17 de agosto de 2017



Fonte: captura de tela do Instagram. Disponível em: <https://goo.gl/skjqhY>

Enfim, para essas mães, a maternidade e as práticas de cuidado com os filhos funcionam de maneiras convergentes no que diz respeito a suas experiências. Ainda que o compartilhamento e a troca de informações contêm suas particularidades, elas demonstram interiorizar os paradigmas impostos pela sociedade sobre a diferença de gêneros e refletem apenas a realidade dos seus padrões de vida. Dessa forma, foram observadas na maneira como elas interagem na rede, as estratégias que usam e como organizam suas publicações.

Do ponto de vista social, elas estariam apresentando um ideal de maternidade representado pela realização feminina, principalmente Julyana, quando, ao tentar recomendar boas práticas e mostrar que recebe ajuda do marido, se considera a única pessoa que consegue atender às necessidades dos filhos, caindo em contradição.

Se, por um lado, elas defendem que a mulher pode optar por medidas voltadas às suas necessidades, enaltecendo que precisam ter um tempo para si, para se cuidar física, estética e emocionalmente, provocando reflexões acerca de sua feminilidade, por outro, apresentam expectativas sociais referentes a uma competência para exercer a maternagem. Há, portanto, a necessidade não só de problematizar a maternidade, mas todos os aspectos que a cercam, desconstruindo os padrões sobre este tema.

Vemos também que elas criam possibilidades, dado o momento em que conciliam a maternidade e o trabalho dentro de suas próprias realidades, ainda que a sobrecarga seja maior, se comparada com a dos parceiros. É possível verificar que quando decidem optar pela dupla jornada de maternar em tempo integral e trabalhar, influenciam na distribuição de funções mais equitativa e isso implica a busca por independência, liberdade e realização individual.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados na análise de conteúdo dos perfis @maedesete e @a.maternidade, com enfoque no puerpério, aleitamento materno e divisão sexual do trabalho, confirmam as hipóteses de uma maternidade romantizada no Instagram. Ainda que os papéis de mãe e mulher sofram constantes transformações nas estruturas sociais, culturais e econômicas, cada vez mais voltados para a igualdade de gêneros, a “exaltação do amor materno como valor natural e social” (EMÍDIO; HASHIMOTO, 2008, p. 29) da mulher ainda pode ser observado na atualidade e no pensamento de Julyana e Rafaela, como foi evidenciado no decorrer da pesquisa.

No estudo das categorias dos posts selecionados, percebemos que Julyana traz à tona diversos assuntos que podem ser considerados discordantes entre si, a partir de suas atuais publicações e posicionamento nas redes. Enquanto fala, por exemplo, em se negar fazer uma redução embrionária, mesmo que seu útero pudesse não suportar (quando descobriu que estava grávida das trigêmeas, por considerar que a redução seria um aborto), ela admite ter arriscado sua vida e dos fetos (sem pensar na possibilidade de deixar seus outros três filhos, à época, sem mãe). O depoimento visibiliza também que sua classe social interfere no seu pensamento e decisão. Por outro lado, ela defende que a mulher tem que se cuidar, se gostar, mesmo depois dos filhos, algo nitidamente contraditório.

No projeto Empoderando Mães, Julyana tenta propagar uma reflexão sobre o autoconhecimento feminino, de empoderamento da mulher, que existe além da mãe. Contudo, na fala “eu acredito que quem não sabe se cuidar, não sabe cuidar do outro” (MENDES, 2017), traz novamente os cuidados estéticos da mulher como prioridade, um ideal de maternidade em que “a mulher deve estar sempre bonita, com os filhos arrumados e a casa impecável”, algo que para ela parece ser natural (quando publica fotos na academia, na praia, mostrando o corpo esbelto, expondo que, além de dar conta dos 7 filhos, independente de cumprir todas as demandas, consegue ter um tempo para si, valorizando sua independência). Além disso, ela recomenda boas práticas e expõe que recebe ajuda do marido em alguns posts, enquanto em outros se considera a única pessoa que consegue atender às necessidades dos filhos, novamente se contradizendo.

Por outro lado, Rafaela tenta se manter parcial nas redes sociais. Quando falamos a respeito do puerpério e do aleitamento materno, poucos são os indícios sobre sua experiência compartilhada no assunto. A maioria das publicações são referentes ao

pensamento geral sobre mães contemporâneas, que buscam a realização pessoal diante da dupla (às vezes, tripla) jornada de trabalho. Na categoria sobre a divisão sexual do trabalho, a blogueira aborda com mais precisão elementos que mostrem elementos da divisão em sua casa, em que aparentemente, o marido não teria as mesmas responsabilidades que ela, enquanto mãe. “Apesar de dividirmos todas as funções, ele verbaliza o cansaço muito mais do que eu. Coisa engraçada de homem. E não vejo nada de errado nisso” (CARVALHO, 2017). Na fala, ela defende o ponto de vista do marido, supondo que não há nada de errado em demonstrar o cansaço das obrigações conjugais e domésticas. No entanto, podemos evidenciar que muitas brigas e separações acontecem justamente por este motivo, porque a mulher, ainda que exausta, doente e independente do que for, será responsável pelas tarefas estabelecidas nas antigas estruturas familiares, ligadas ao papel materno, enquanto o homem não necessariamente estará “disposto” a assumir tal papel, como mostra Rafaela quando diz: “Nossas expectativas muitas vezes não são coerentes segundo a visão de um pai. Não é só o fato de estarmos pedindo algo que eles “não” conseguem oferecer. É pedir algo que eles não acham relevante” (CARVALHO, 2017). Portanto, é possível observar que os paradigmas impostos pela sociedade sobre a diferença de gêneros são refletidos na realidade dos seus padrões de vida

É necessário sublinhar que as experiências vivenciadas pela pesquisadora, desde a gestação até o presente momento, permitiram averiguar com cautela os sentidos de maternidade nos perfis das mães escolhidas. A dificuldade em conciliar trabalho, estudos e cuidados com a filha neste período, principalmente referentes à amamentação, mostrou que os discursos construídos por Julyana e Rafaela, em sua maioria, trazem uma visão de que o papel de mãe continua atrelado ao ideal de realização feminina e, em contrapartida, de que a mulher deve se desprender de tais paradigmas impostos pela sociedade ao longo dos séculos, revelando julgamentos, mesmo que de maneira inconsciente.

Nesse contexto, percebemos que a maternidade para as duas mães se constitui no “poder do materno”, apresentando expectativas sociais referentes a uma competência para exercer a maternidade, ao criarem possibilidades em relação ao “ser mãe em tempo integral” e “trabalhar”. Apesar da distribuição de tarefas entre o homem e a mulher ser cada vez mais próxima e similar, ainda é desigual. As fotografias mostram muito mais do que o texto da legenda em si, elas possuem uma potência rica em detalhes que impactam

a leitura textual, provocam questionamentos e evocam sentimentos, nos fazendo refletir sobre os privilégios que essas mães possuem e como isso impacta suas publicações.

Apesar da plataforma do Instagram não ter sido criada com o intuito de servir de arquivo ou tópico para discussões, é importante pensarmos que este espaço foi reapropriado para abordar diversos assuntos, aproximar pessoas e compartilhar fotos para torna-las reais, dessa forma, mostrando transparência. Além disso, o Instagram incentiva o consumismo com anúncios, além dos publiposts realizados pelas próprias mães analisadas, que tendem a incentivar o consumo de suas seguidoras.

Percebemos que, na rede das mães selecionadas, o caráter público e relacional dos perfis escolhidos apresenta interlocução e validade, agradando seguidores e o público em geral deste nicho. Notamos também a dimensão performática dos seus modos de estar no mundo, ou pelo menos daquilo que elas querem que seja visto, de maneira estratégica, na maioria das vezes, por identificação.

Portanto, a pesquisa se fez relevante, visto que as vozes femininas nas redes sociais, apesar de mostrarem, por um lado, os direitos de emancipação da mulher, por outro destacam o amor, o afeto e os cuidados maternos em todos os sentidos. A partir do momento em que as mães compartilham suas experiências de vida através de um “filtro”, enaltecendo somente o belo, o agradável e a mãe “perfeita”, influenciam na concepção de maternidade de outras mães e mulheres. A pesquisadora, por exemplo, já seguia os perfis da Mãe de Sete e d’A maternidade durante sua gestação, de forma que, a partir das publicações dessas mães, foi possível idealizar uma maternidade mais fácil do que ela realmente é, sem o caos e a dificuldade, principalmente no período puerperal.

REFERÊNCIAS

ALEX, Alan. Em Goiás, mãe de sete filhos pede ajuda para alimentar as crianças; um deles tem leucemia. **Painel Político**, 8 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://painelpolitico.com/em-goias-mae-de-sete-filhos-pede-ajuda-para-alimentar-as-criancas-um-deles-tem-leucemia/>>. Acesso em: 6 de janeiro de 2018.

ALMEIDA, João Aprígio. **Amamentação: um híbrido natureza-cultura** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/rdm32/pdf/almeida-9788575412503-04.pdf>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

BIROLI, Flávia. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. In: **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, nº 03. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0011-52582016000300719&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 de dezembro de 2017.

BOSI, Maria Lúcia; MACHADO, Márcia. Amamentação: um resgate histórico. **Cadernos ESP – Escola de Saúde Pública do Ceará**, v.1, n.1, Julho-Dezembro, 2005. Disponível em: <http://www.aleitamento.com.br/upload%5Carquivos%5Carquivo1_1688.pdf>. Acesso em: 7 de janeiro de 2018.

BRASIL. Brasil é referência mundial em aleitamento materno. **Governo do Brasil**, 5 de agosto de 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2017/08/brasil-e-referencia-mundial-em-aleitamento-materno>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Aleitamento materno, distribuição de fórmulas infantis em estabelecimentos de saúde e a legislação** / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas – Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <http://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/pdfs/Aleitamento_Materno-Distribuicao_Leites_Formulas_Infantis-em-Min_Saude2012.pdf>. Acesso em: 12 de janeiro de 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher** / Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica da Mulher. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd04_13.pdf>. Acesso em: 7 de janeiro de 2018.

BRITO, Edivaldo. O BlueStacks App Player executa aplicativos do Android no computador. **Techtudo**, 13 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/bluestacks-app-player.html>>. Acesso em: 06 de novembro de 2017.

CAMACHO, Renata Sciorilli et al. Transtornos psiquiátricos na gestação e no puerpério: classificação, diagnóstico e tratamento. **Revista de Psiquiatria Clínica**. 2006, 33 (2); 92-102. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Amaury_Cantilino/publication/247853424_Transtornos_psiquiaticos_na_gestacao_e_no_puerperio_classificacao_diagnostico_e_tratamento/links/57e6b77008aedcd5d1aa9ea2/Transtornos-psiquiaticos-na-gestacao-e-no>

puerperio-classificacao-diagnostico-e-tratamento.pdf>. Acesso em: 7 de janeiro de 2018.

CANTILINO, Amaury et al. Transtornos psiquiátricos no pós-parto. **Revista de Psiquiatria Clínica**. 2010; 37(6):278-84. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v37n6/a06v37n6>>. Acesso em: 7 de janeiro de 2018.

CARVALHO, Rafaela. **Instagram: @a.maternidade**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/a.maternidade/>>. Acesso em: 3 de outubro de 2017.

CARVALHO, Rafaela. **Questionário sobre maternidade para Trabalho de Conclusão de Curso**. Mensagem recebida por <vendas@60diasdeneblina.com> em 5 de janeiro de 2018.

CHAVES, Marcelo. Evento marca lançamento de projeto na Dot Paper. **Finíssimo**, Brasília, 14 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://finissimo.com.br/2013/08/14/projeto-friday-club-e-lancado-com-evento-na-dot-paper/>>. Acesso em: 7 de janeiro de 2018.

COLAÇO, Manuel; COSTA, Natacha Nunes. Mãe de sete filhos faz sucesso nas redes sociais. **Correio da Manhã**, 19 de setembro de 2017. Disponível em: <<http://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/mae-de-sete-filhos-faz-sucesso-nas-redes-sociais>>. Acesso em: 9 de novembro de 2017.

COLONISTA de Moda Julyana Mendes. **Águas Claras News**, 1 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.aguasclarasnews.com.br/noticia/190/colonista-de-moda-julyana-mendes>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2017.

CONCEITO de software aplicativo. **Conceito de**. [S.l., 2017?]. Disponível em: <<https://conceito.de/software-aplicativo>>. Acesso em: 6 de novembro de 2017.

COUTINHO, Gustavo. **A Era dos Smartphones: Um estudo Exploratório sobre o uso dos Smartphones no Brasil**. Monografia apresentada ao curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Publicidade e Propaganda sob orientação do professor Edmundo B. Dantas. Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2012. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9405/1/2014_GustavoLeuzingerCoutinho.pdf>. Acesso em: 8 de novembro de 2017.

DANTAS, Daniel; GOMES, Adriano Lopes. As relações intersubjetivas como constitutivas do ciberespaço: breve reflexão sobre internet, hipertexto e ciberespaço. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 10, n. 18:(25-34) jan-jun 2009. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/viewFile/716/564>. Acesso em: 6 de novembro de 2017.

DANTAS, Juliana. Ju Mendes conta como começou o Mãe de Sete. **Super Mãe Ativar**, 7 de outubro de 2016. Disponível em: <<http://supermaeativar.ne10.uol.com.br/ju-mendes-Conta-como-comecou-o-mae-de-sete/>>. Acesso em: 8 de janeiro de 2018.

EMIDIO, S. T; HASHIMOTO, F. Poder feminino e poder materno: reflexões sobre a construção da identidade feminina e da maternidade. **Colloquium Humanarum**, v.5, n.2, 2018. Disponível em: <<http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/view/289/255>>. Acesso em 20 de janeiro de 2018.

ENTENDA a curta história do Instagram, comprado pelo Facebook. **G1**, São Paulo, 10 de abril de 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/entenda-curta-historia-do-instagram-comprado-pelo-facebook.html>>. Acesso em: 9 de novembro de 2017.

ENTREVISTA inédita: Julyana Mendes – A mãe de Sete. **Blog dos Perné's**, novembro de 2016. Disponível em: <<http://blogdospernes.com.br/entrevista-inedita-julyana-a-mae-de-sete/>>. Acesso em: 9 de janeiro de 2018.

FACEBOOK anuncia a compra do Instagram. **G1**, São Paulo, 9 de abril de 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/facebook-anuncia-compra-do-instagram.html>>. Acesso em: 9 de novembro de 2017.

FONSECA, Lua. Quando nasce um bebê. **No drama mom**, 4 de abril de 2017. Disponível em: <<http://www.nodramamom.com/blog/2017/4/4/quando-nasce-um-beb>>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2018.

FRIDAY CLUB & Mulher de Negócio - friday business. **Sympla**, 18 de outubro de 2013. Disponível em: <https://www.sympla.com.br/friday-club--mulher-de-negocio---friday-business__15303>. Acesso em: 14 de dezembro de 2017.

GRADVOHL, Silvia; OSIS, Maria; MAKUCH, Maria. Maternidade e formas de maternagem desde a Idade Média à atualidade. In **Pensando Famílias** n 18. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100006>. Acesso em: 03 de dezembro de 2017.

INFLUENCIADORES. **Estrelas Profashional**, [S.l., 2016?]. Disponível em: <<http://www.profashional.com/estrelas/influenciadores.html>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2018.

INSTAGRAM tem 800 milhões de usuários ativos por mês e 500 milhões por dia. **G1**, 25 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/instagram-tem-800-milhoes-de-usuarios-ativos-por-mes-e-500-milhoes-por-dia.ghtml>>. Acesso em: 9 de novembro de 2017.

INSTAGRAM. Disponível em: <<https://instagram.com/about/faq/>>. Acesso em: 10 de novembro de 2017.

INSTAGRAM. Disponível em: <<https://www.snapchat.com/ads/audiences/>>. Acesso em: 10 de novembro de 2017.

IOS. **Síglas e Abreviaturas**, [S.l., 2016?]. Disponível em: <<https://www.siglaseabreviaturas.com/ios/>>. Acesso em: 2 de janeiro de 2018.

KURTZ, João. O que é Snapchat? **Techtudo**, 19 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/02/o-que-e-snapchat.html>>. Acesso em: 6 de novembro de 2017.

LEMOS, André. **A arte e a vida: diários pessoais e webcams na internet**. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP81emos.pdf>. Acesso em: 6 de novembro de 2017.

LESSA, Sérgio. O processo de produção e reprodução social: trabalho e sociabilidade. In CFESS-ABEPSS-CEAD. **Reprodução Social, Trabalho e Serviço Social**. Brasília: UnB, 1999.

MÃE de Sete convida Dr. Flávio Cadegiani. **Sympla**, 27 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.sympla.com.br/mae-de-sete-convida-dr-flavio-cadegiani__166169>. Acesso em: 14 de dezembro de 2017.

MARTINS, Amanda. Instaliteratura: imagem e palavra em manifestações poéticas no Instagram. In: IX Simpósio Nacional da ABCiber, PUC São Paulo, 8, 9 e 10 de dezembro de 2016. **Anais...** Disponível em: <http://abciber2016.com/wp-content/uploads/2016/trabalhos/instaliteratura_imagem_e_palavra_em_manifestacoes_poeticas_no_instagram__amanda_rafaela_gomes_martins.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2017.

MENDES, Julyana. **Empoderando Mães**. YouTube, 2017. (3 min 36 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=da_4G4MJajI>. Acesso em: 12 de janeiro de 2018.

MENDES, Julyana. **Instagram: @maedesete**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/maedesete/>>. Acesso em: 3 de outubro de 2017.

MINAYO, Maria Cecília. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em Saúde**. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1992.

MONFRINATO, Barbara; SILVA, Wagner. O Instagram e as narrativas de desenquadramento fotográfico. **REGIT**, Fatec-Itaquaquecetuba, SP, v. 7, n. 1, p. 69-81, jan/jun 2017. Disponível em: <http://fatecitaqua.edu.br/revista/index.php/regit/article/download/REGIT7-ART5/pdf_78>. Acesso em: 10 de novembro de 2017.

NASCIMENTO, Ana Paula Almeida do. A Semana Mundial de Aleitamento Materno e o Agosto Dourado. **Marinha do Brasil**. [S.l., 2017?]. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/saudenaval/aleitamento-materno>>. Acesso em: 5 de janeiro de 2018.

NETTO, Sylvestre Luiz Thomaz Gonçalves; MUNHOZ, Amália; SILVEIRA, Claudia Neves. **A Mercantilização do Look do Dia dos Blogs de Moda em Tempos Hipermodernos**. 9º Colóquio de Moda, Fortaleza (CE), 2013. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/9134063-A-mercantilizacao-do-look-do-dia-dos-blogs-de-moda-em-tempos-hipermodernos-the-monetization-of-fashion-blogs-look-of-the-day-at-the-hipermodern-era.html>>. Acesso em: 6 de novembro de 2017.

PAULA, Daniela; GARCIA, Wilton. Comunicação, consumo e imagem no Instagram: estudos contemporâneos. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - ENCOI, Londrina, PR, 24 e 25 de novembro de 2014. **Anais...** Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT7/COMUNICACAO%20%20CONSUMO%20E%20IMAGEM%20NO%20I.pdf>>. Acesso em: 8 de novembro de 2017.

PERUZZO, Iasmine Ingue Moreira; TEIXEIRA, Elimar Kröner. Internet: A Moda não pode mais ficar de fora. **Revista Competência**, Porto Alegre, RS, v.4, n.2, p. 79-94, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://seer.senacrs.com.br/index.php/RC/article/view/74/78>>. Acesso em: 6 de novembro de 2017.

PIZA, Mariana Vassalo. **O fenômeno Instagram: considerações sob uma perspectiva tecnológica**. Monografia apresentada à Banca Examinadora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília como exigência final para obtenção do título de

Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia. Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia – Universidade de Brasília. Brasília, 2012. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3243/1/2012_MarianaVassalloPiza.pdf>. Acesso em: 8 de novembro de 2017.

PUBLIPOST: Definição e características. **MZClick**, 3 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://www.mzclick.com.br/publipost/>>. Acesso em: 21 de novembro de 2017.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Coleção Cibercultura. Disponível em: <<http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf>>. Acesso em: 7 de janeiro de 2018.

ROCHA, Paula Jung. Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n° 22, dezembro 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/235/179>>. Acesso em: 6 de novembro de 2017.

ROGER Abdelmassih é condenado a mais de 200 anos de prisão. **G1**, São Paulo, 23 de novembro de 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/11/roger-abdelmassih-e-condenado-mais-de-200-anos-de-prisao.html>>. Acesso em: 8 de janeiro de 2018.

ROSARIO, Mariana. Ela é mãe de sete filhos e também musa fitness. **Revista Veja São Paulo**, 18 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/mae-de-sete-fitness/>>. Acesso em: 9 de janeiro de 2018.

SALEH, Naíma. “Alguns me chamam de louca. Outros, de corajosa”, diz mãe de sete. **Revista Crescer**, 22 de maio de 2017. Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Familia/noticia/2017/05/alguns-me-chamam-de-louca-outros-de-corajosa-diz-mae-de-sete.html>>. Acesso em: 9 de janeiro de 2018.

SALLES, Filipe. Quantos usuários do Instagram existem no Brasil e no mundo em 2017? **Apptuts**, [S.l., 2017?]. Disponível em: <<https://www.apptuts.com.br/tutorial/redes-sociais/quantos-usuarios-do-instagram-existem-no-brasil-mundo-2017/>>. Acesso em: 2 de novembro de 2017.

SANTOS et al. Gabriela Pugliesi: uma análise sobre o marketing de influência na rede social Instagram. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Caruaru - PE – 07 a 09/07/2016. **Anais...** Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-0157-1.pdf>>. Acesso em: 3 de janeiro de 2018.

SANTOS; DEMARCO; TAVARES. **Marketing 3.0 e as Novas Formas de Interação com o Público na Era Digital**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2757-1.pdf>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2017.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. In: **Cadernos Pagu** n° 16. Campinas, 2001a. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100008>. Acesso em: 01 de dezembro de 2017.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface Comunic**, São Paulo, v.5, n.8, p.47-60, 2001b. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/30384/S1414-32832001000100004.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2017.

SCHNEIDER, Sérgio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998. Disponível em: <<http://files.ibijus.webnode.com.br/200000915-4b6864c63f/Método%20Explicativo%20-%20Texto%202.pdf>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

SEIOS ingurgitados (cheios demais). **BabyCenter Brasil** [S.l., 2017?]. Disponível em: <<https://brasil.babycenter.com/a1600051/seios-ingurgitados-cheios-demais>>. Acesso em: 6 de novembro de 2017.

SIBILIA, Paula; DIOGO, Lígia. Vitrines da intimidade na internet: imagens para guardar ou para mostrar? **Revista de Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.16, n.30, p.127-139, 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/viewFile/3892/3573>>. Acesso em: 8 de novembro de 2017.

SIGNIFICADO de emoji. **Significados**. [S.l., 2017?]. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/emoji/>>. Acesso em: 2 de novembro de 2017.

SNAPCHAT. Disponível em: <<https://instagram-press.com/our-story/>>. Acesso em: 6 de novembro de 2017.

TAMANHO de imagens no Instagram: tudo o que você precisa saber. **Marketing de Conteúdo**, 13 de agosto de 2015. Disponível em: <<https://marketingdeconteudo.com/tamanho-de-imagens-no-instagram/>>. Acesso em: 6 de novembro de 2017.

ZAGONELI, Ivete Palmira Sanson et al. O cuidado humano diante da transição ao papel materno: vivências no puerpério. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 5 n. 2 p. 24 – 32, 2003. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/784/880>>. Acesso em: 6 de novembro de 2017.

APÊNDICE A – MODELO DE QUESTIONÁRIO

Nome Completo:

Idade:

Em qual classe você se enquadraria?

Em que cidade você mora atualmente?

- 1) Qual a sua profissão? Você trabalha fora, é mãe em tempo integral ou trabalha em home office e cuida das crianças? Como é a sua rotina?
- 2) Como você enxerga a maternidade? Quais as coisas boas e ruins?
- 3) Você acredita que a maternidade é algo diferente para cada mulher? O que a faz diferente?
- 4) Quais os principais obstáculos que você enfrentou ao ser mãe?
- 5) Algo mudou desde sua primeira gestação? Se sim, conte um pouco sobre isso.
- 6) Quando se trata de cuidar de seus filhos, existe divisão de tarefas ou ajuda de alguém? Se sim, quem participa desse cuidado (mãe, pai, tios, marido, babás, irmãos etc.) e como participam?
- 7) E quando se trata das tarefas domésticas? Quem faz o quê? Existe divisão? Muitas tarefas se concentram com você?
- 8) Na sua casa, como se define a distribuição de tarefas voltada para os seus filhos? Há distinções de gênero?
- 9) Quando você começou a usar o Instagram? E quando começou a postar sobre maternidade? Hoje, é só você que posta na conta?
- 10) Você usa outras redes sociais? Quais?
- 11) Como ocorre a produção do conteúdo para o Instagram e as outras redes? Tem alguma produtora ou profissionais te auxiliando na produção/edição do material?
- 12) Seus filhos usam redes sociais? Desde quando?
- 13) Como seus filhos lidam com a exposição nas suas redes e com o fato de ter uma “mãe famosa”?
- 14) Como você lida com a exposição deles nas suas redes? Há cuidados que você toma nas postagens?
- 15) Como você percebe a grande repercussão dos seus posts no Instagram? Há necessidade de falar sobre maternidade em mais espaços? Por quê?
- 16) Quais as diferenças entre a maternidade real e a maternidade virtual?

- 17) Geralmente há um planejamento das postagens ou elas são mais espontâneas? Quem faz as fotos que você posta?
- 18) Como você gerencia, na sua rotina, o tempo para usar as redes sociais (postar, responder comentários)? Isso passou a ser uma prioridade?
- 19) Qual seria o seu conselho para uma mulher que acaba de descobrir que está grávida e não tem muitas informações sobre as rotinas que envolvem a maternidade?

Julyana:

- 1) Conte sobre seu projeto #empoderandomaes. Como surgiu?
- 2) O que é empoderamento feminino para você?
- 3) Você acredita que seu trabalho nas redes e palestras é empoderador? Por quê?
- 4) Como é a vida de palestrante? E como você acha que as redes sociais influenciam no seu contato com outras mães?
- 5) Existem patrocínios do conteúdo do Instagram? É você quem gerencia isso? Como ocorre a relação entre os patrocínios e os posts?

Rafaela:

- 1) Como se deu o processo de escrita do livro? Como surgiu a ideia de publicar um livro?
- 2) Em um post você já disse não ter nenhum terceiro para ajudar em casa. Hoje, grávida novamente, você ainda conta apenas com o marido na divisão de tarefas? Essa decisão é mais financeira ou ideológica?
- 3) O que é empoderamento feminino para você?
- 4) Você acredita que seu trabalho nas redes e no livro é empoderador? Por quê?

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO POR RAFAELA
CARVALHO**

Nome Completo: Rafaela Carvalho

Idade: 33 anos

Em qual classe você se enquadraria? Se for, acredito que classe B+ ou A-

Em que cidade você mora atualmente? San Diego, CA

1) Qual a sua profissão? Você trabalha fora, é mãe em tempo integral ou trabalha em home office e cuida das crianças? Como é a sua rotina?

Sou blogueira, escritora e freelancer. Trabalho home office e cuido das crianças. Minha rotina é super corrida pois moramos longe da família e não temos ajuda de funcionária em casa. Meu marido também trabalha de casa então revezamos entre quem cuida das crianças e quem trabalha.

Meus filhos acordam cedo, por volta das 6:30. Faço café da manhã para todos. Ou eu ou o meu marido leva as crianças para a escola (meio período e 2x na semana). Nos outros dias ou eu ou o meu marido leva as crianças para algum parque. Almoçamos em casa diariamente, eu cozinho. Minha caçula tira uma soneca a tarde, meu do meio já não. Meu mais velho tem aulas todos os dias das 8 às 15:30. Trabalho nos intervalos entre uma tarefa e outra, quando as crianças estão brincando, ou quando é a vez do meu marido de cuidar dos pequenos.

2) Como você enxerga a maternidade? Quais as coisas boas e ruins?

A maternidade expande o coração de inúmeras maneiras. Nos tornamos seres humanos melhores, com mais empatia, compaixão. Ela transforma, nos faz amadurecer de tantas e tantas maneiras. Nos mostra o quanto somos capazes de enfrentar medos, de seguir em frente, de vencer obstáculos. Dá outro sentido a vida. Porém, tanto amor e entrega traz também grandes responsabilidades, culpa, angústia com a falta de liberdade. Uma vez mãe, jamais somos 100% donas do nosso destino e decisões.

3) Você acredita que a maternidade é algo diferente para cada mulher? O que a faz diferente?

Como tudo na vida, cada pessoa tem uma forma de encarar os desafios. Há mães que levam os momentos difíceis de uma forma mais leve. Outras sofrem muito mais. Acho que as condições de vida de cada mulher, tanto no quesito rede de apoio, como no quesito financeiro, pesa bastante a forma dela encarar certos problemas.

4) Quais os principais obstáculos que você enfrentou ao ser mãe?

Falta de liberdade com certeza. Não ser mais dona do meu próprio destino. Toda e qualquer decisão que tomo tenho o bem estar dos meus filhos como bússola.

5) Algo mudou desde sua primeira gestação? Se sim, conte um pouco sobre isso.

Na primeira gestação tinha muitos medos e inseguranças. Medo de não estar "com tudo pronto", medo do parto, medo da amamentação etc... Hoje, grávida do quarto bebê, tenho a certeza de que tudo o que meu bebê irá precisar reside em mim. Amo parir, portanto já não tenho medo de dar a luz. Sei dos desafios da amamentação...

É como qualquer papel que cumprimos na vida, quanto mais experiência maior a tranquilidade e confiança.

6) Quando se trata de cuidar de seus filhos, existe divisão de tarefas ou ajuda de alguém? Se sim, quem participa desse cuidado (mãe, pai, tios, marido, babás, irmãos etc.) e como participam?

Apenas eu e meu marido. Não temos funcionária em casa (nem mesmo diarista) e moramos longe da família.

7) E quando se trata das tarefas domésticas? Quem faz o quê? Existe divisão? Muitas tarefas se concentram com você?

Eu cozinho, meu marido limpa a cozinha. Meu filho adolescente tira e repõe os lixos da cozinha/banheiros, coloca e tira a louça da máquina. Meu marido passa aspirador, eu limpo os banheiros. Meu marido é quem lava as roupas e vai no mercado.

8) Na sua casa, como se define a distribuição de tarefas voltada para os seus filhos? Há distinções de gênero?

De maneira alguma. Meu filho adolescente (menino) ajuda bastante e assim que meus outros dois filhos tiverem idade para ajudar, irão ajudar da mesma forma.

9) Quando você começou a usar o Instagram? E quando começou a postar sobre maternidade? Hoje, é só você que posta na conta?

Em Janeiro de 2016 criei o instagram @a.maternidade para postar exclusivamente sobre maternidade. Sim, só eu publico na conta.

10) Você usa outras redes sociais? Quais?

Facebook.

11) Como ocorre a produção do conteúdo para o Instagram e as outras redes? Tem alguma produtora ou profissionais te auxiliando na produção/edição do material?

Não. Faço tudo sozinha (fotos e textos).

12) Seus filhos usam redes sociais? Desde quando?

Meu mais velho começou a usar o Instagram com 13 anos, mas com uso supervisionado. Ele não utiliza Facebook.

13) Como seus filhos lidam com a exposição nas suas redes e com o fato de ter uma “mãe famosa”?

Moramos fora do Brasil então essa tal "fama" não atinge muito os meus filhos (não participamos de eventos etc...).

14) Como você lida com a exposição deles nas suas redes? Há cuidados que você toma nas postagens?

Com toda certeza. Sempre me pergunto se o conteúdo tanto da foto como do texto seria algo que me deixaria triste ou constrangida se fosse a minha mãe que tivesse postado sobre mim.

15) Como você percebe a grande repercussão dos seus posts no Instagram? Há necessidade de falar sobre maternidade em mais espaços? Por quê?

Acredito que a maioria das mães, e eu me incluo nessa categoria, sente muita solidão. Temos carência emocional de quem escute e fale sobre nossos medos e anseios. Nos doamos tanto que acabamos esquecendo de recarregar. Acredito que falar sobre os sentimentos, frustrações, amor e caos de forma aberta, traz um certo conforto e ajuda a preencher um vazio que nem ao mesmo sabemos o motivo de estar lá. Sim, acredito que há necessidade de falar sobre maternidade, sobre o lindo e o não tão lindo. É bom demais saber que não estamos nessa jornada sozinhas. Entender que os nossos desafios também acontecem na casa da vizinha e na da blogueira "famosa".

16) Quais as diferenças entre a maternidade real e a maternidade virtual?

Em geral digo que são os filtros, tanto nas fotos como nas palavras. Como diria a música do Capital Inicial "o que você faz quando, ninguém te vê fazendo..."

Muitas mães não se sentem confortáveis em falar sobre suas reclamações e desafios publicamente. O que na verdade não é um problema. Só passa a ser um problema quando TODAS as mães decidem expor apenas o mel. Fazendo com que muitas mulheres, em meio ao caos, se sintam um fracasso ao pensar que a vida alheia é sempre fácil, com crianças felizes e comportadas, o que com absoluta certeza não é verdade.

17) Geralmente há um planejamento das postagens ou elas são mais espontâneas? Quem faz as fotos que você posta?

Uma mistura de ambos. Tenho uma meta postar pelo menos 2 textos na semana. Porém, sempre escrevo me baseando em algo que realmente aconteceu/está acontecendo naquela semana. Também tenho como meta um post por dia.

As fotos eu mesma tiro.

18) Como você gerencia, na sua rotina, o tempo para usar as redes sociais (postar, responder comentários)? Isso passou a ser uma prioridade?

Faço conforme tenho tempo. Se as crianças estão brincando, ou se meu marido está com elas etc... Deixo tudo pronto para "soltar o post" a noite. Sim, passou a ser prioridade já que é o meu trabalho.

19) Qual seria o seu conselho para uma mulher que acaba de descobrir que está grávida e não tem muitas informações sobre as rotinas que envolvem a maternidade?

São tantos conselhos que nem sei por onde começaria. Provavelmente iria ler um texto do meu livro. Resumidamente diria para que ela não seja tão dura com ela mesma. Que não há mal que dure pra sempre. E que o amanhã é sempre uma oportunidade para recomeçar.

20) Como se deu o processo de escrita do livro? Como surgiu a ideia de publicar um livro?

Vários dos textos escrevi com o intuito de postar nas redes sociais mas acabei tendo que cortar/editar devido ao número de caracteres que o Instagram permite. Quando veio a ideia de escrever o livro já tinha muito material pronto. O restante fui escrevendo ao longo de uma viagem de 7 meses que fizemos pelos Estados Unidos, uma espécie de ano sabático.

21) Em um post você já disse não ter nenhum terceiro para ajudar em casa. Hoje, grávida novamente, você ainda conta apenas com o marido na divisão de tarefas? Essa decisão é mais financeira ou ideológica?

Só eu e o marido. Onde moramos mão de obra é muito cara. Uma babá (apenas para cuidar das crianças, que não fará absolutamente nada na casa) cobra em média \$14-17 a hora. Temos condições financeiras de pagar mas nos últimos meses preferimos guardar esse dinheiro para viajar, e foi exatamente o que fizemos :-)

Porém, agora com a chegada do bebê, iremos contratar uma pessoa que já trabalhou de diarista na minha casa quando a Zara nasceu. A principio ela irá vir 3x na semana.

22) O que é empoderamento feminino para você?

Informação e liberdade. É saber todas as opções de forma clara e poder escolher qual caminho trilhar.

23) Você acredita que seu trabalho nas redes e no livro é empoderador? Por quê?

Acredito. Uma vez que ao falar abertamente sobre sentimentos, batalhas, dúvida, opções, mostro para outras mães que não existe certo ou errado. Existe o melhor, o seu melhor, e isso com certeza já é mais do que o suficiente.